

LÚCIA COMINATTO



*uma*

ESTRELA

*em minha*

VIDA

ROMANCE ESPÍRITA

EDITORA  
EME

LÚCIA COMINATTO



*uma*

ESTRELA

*em minha*

VIDA

ROMANCE ESPÍRITA

EDITORA  
EME

© 2017 Lúcia Cominatto

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade do autor.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, entidades assistenciais de Capivari-SP.

1ª edição eletrônica: janeiro de 2020

**Capa: André Stenico**

**Projeto eletrônico: Joyce Ferreira**

**Revisão: Sônia Cervantes**

ISBN 978-65-5543-011-0

**Uma estrela em minha vida| Lúcia Cominatto**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

**Copyright © Editora EME Ltda-ME**

Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1080

Capivari-SP | CEP: 13360-000 | (19) 3491-7000

**[www.editoraeme.com.br](http://www.editoraeme.com.br)**

**Ampliando os sentidos da vida**

LÚCIA COMINATTO



*uma*

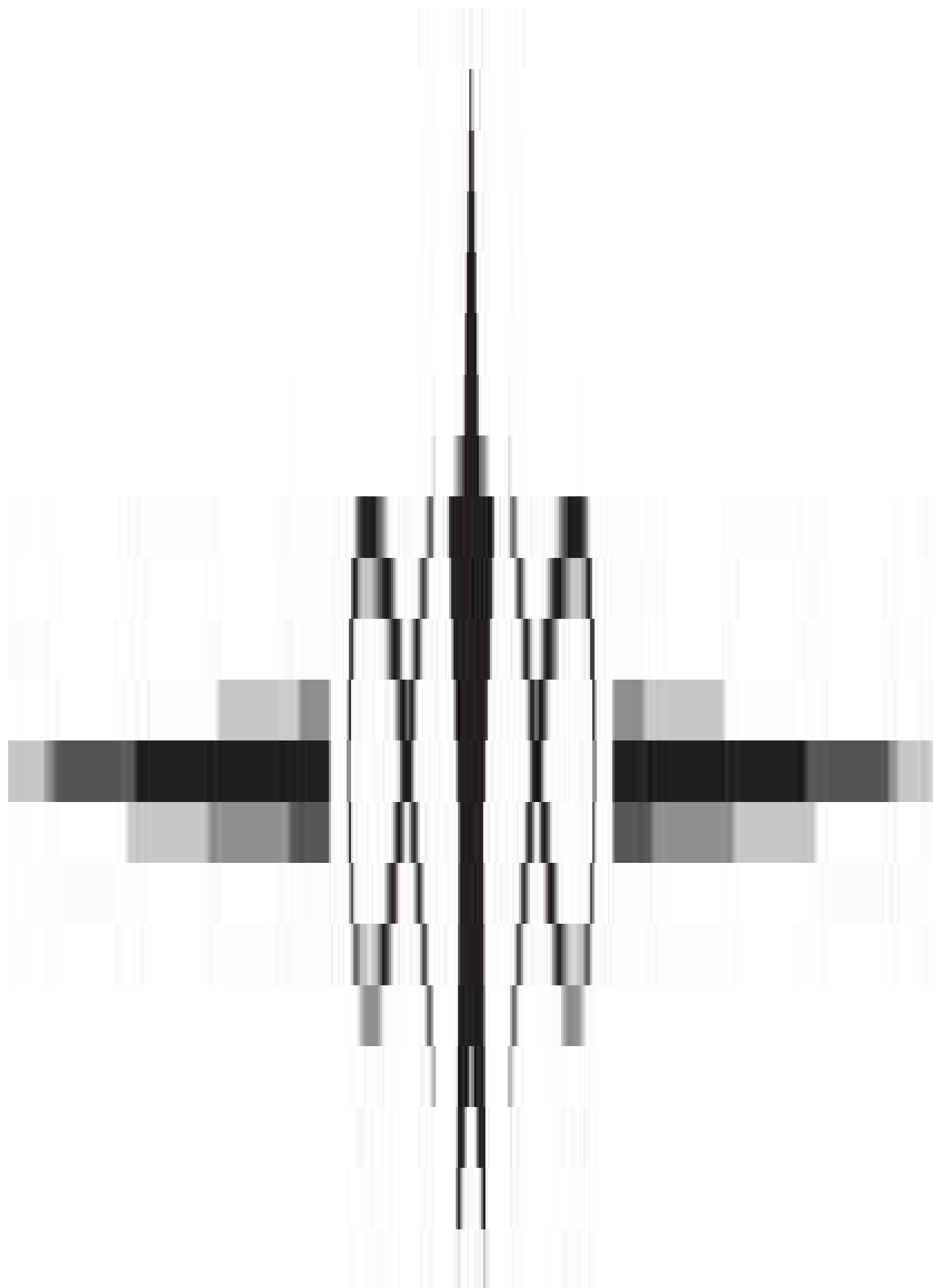
ESTRELA

*em minha*

VIDA

EDITORA





## **Introdução**

Descendente de escravos, Josefa,

desde criança, sob o amparo de uma família generosa que a criou, conseguiu adquirir hábitos sadios e honestos de religiosidade, para poder amparar e educar seus quatro filhos, após ter ficado viúva.

Mais tarde, graças a um grande amigo, tornou-se espírita, e sua tarefa no espiritismo se iniciou com o hábito do evangelho no lar. E dali, muitas coisas aconteceram, até tornar-se fundadora de um grande centro espírita.

No desenrolar da história, diversos temas foram abordados, como preconceito, aborto, obsessão, reencarnação, bom e mau uso da mediunidade, ódio, amor e perdão, além de outros, que trazem o intuito de esclarecer os leitores sobre os caminhos que nos conduzem a Deus.

Mas, foi a neta Estelinha, rejeitada pelo pai antes mesmo de nascer, que se tornou uma estrelinha a iluminar a vida das pessoas com quem convivia.

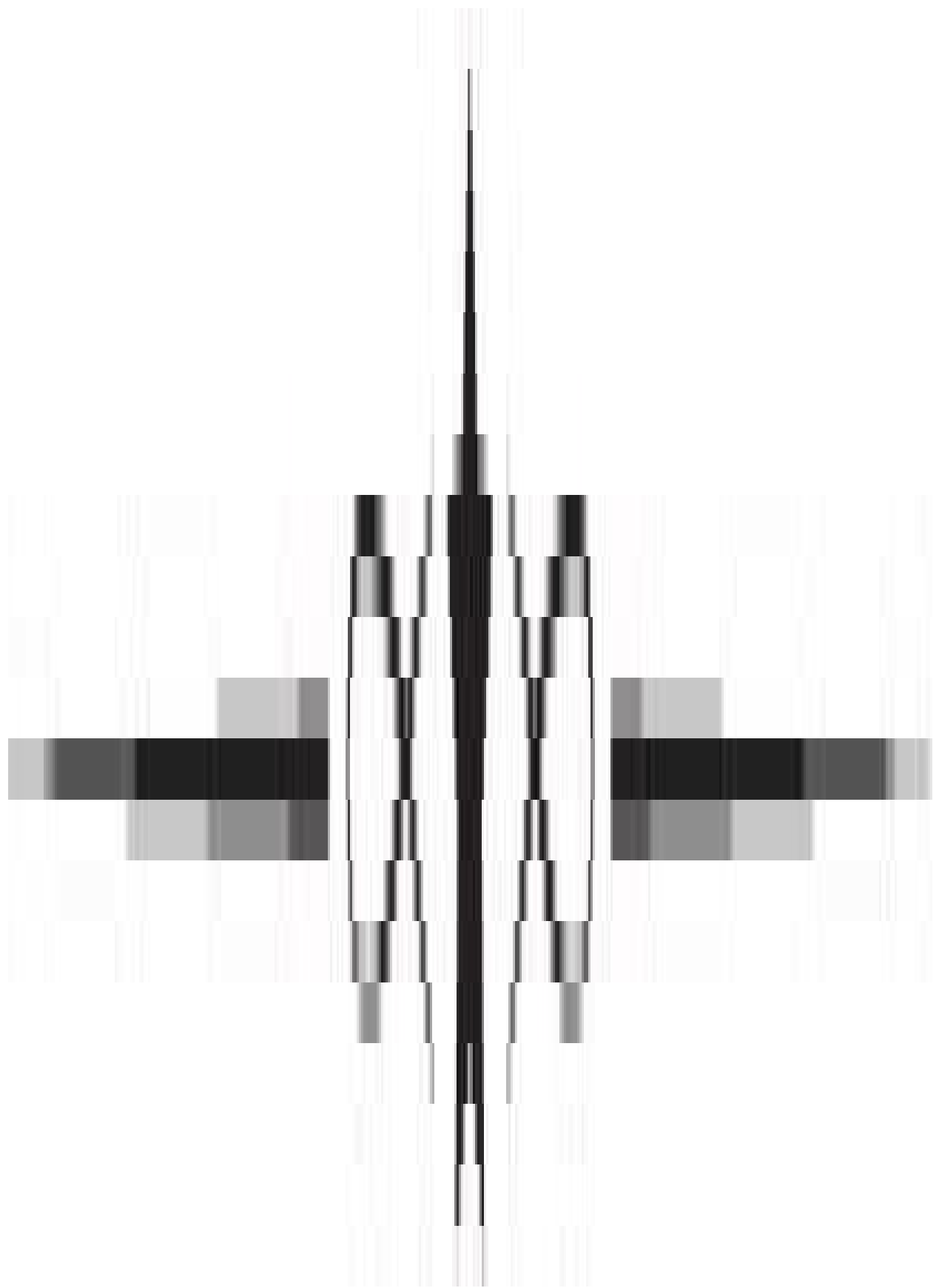
Um livro simples, à altura dos que buscam algum aprendizado sobre o funcionamento de muitos dos centros espíritas que se inspiram nos ensinamentos de Jesus e nas obras de Kardec, mostrando que é possível, mesmo partindo do nada, muito se fazer em benefício do próximo.

Com votos de muita luz e paz,

**Lúcia Cominatto**

São Paulo, 9 de novembro de 2015.

# Capítulo 1



## Recordações do passado

Sentada numa cadeira de

balanço, tendo em seus braços a neta recém-nascida, Josefa a embala com uma canção de ninar. Lá fora, o vento zunindo, a leva a se recordar de um passado que já se fazia distante.

Embora descendente de escravos, Zefa, como era conhecida, foi amparada por uma generosa família que lhe proporcionou melhores condições de vida, até conseguir constituir a própria família, em lugar da que perdeu por conta da crueldade de alguns homens que assassinaram seus pais e um irmão, para lhes usurparem os poucos bens que conseguiram amealhar, lavrando um pequeno pedaço de terra que herdaram de um antepassado livre da escravidão.

Os anos foram passando, Zefa cresceu, tornou-se adulta e, mesmo sendo encarregada dos afazeres domésticos na casa-grande da fazenda onde fora acolhida, era muito querida por todos, que a consideravam como se daquela família fosse.

Agora, já meio idosa, recordando os tempos que passaram, Zefa reconhece que foram relativamente felizes.

Naquele vai e vem da cadeira, ao ritmo da cantiga sussurrada, a criança logo adormece. Enquanto isso, Zefa sonha acordada ao relembrar os tempos em que fizera o mesmo com os filhos que Deus lhe proporcionou num passado que já se fazia um tanto longínquo: Cleusa, Clóvis, Clotilde e Clélia.

Cleusa, a primogênita, era agora a mãe de Estelinha, a criança que Zefa acalentava com tanto amor!

Nessas recordações vem à tona o marido Pedro, o Pedrão, como todos o chamavam, pelo seu tamanho avantajado, porém, já desencarnado há mais de dez anos, vítima das consequências de uma picada de cobra. A perda do marido fora muito dolorosa para Zefa.

Naquele momento de recordações, Zefa viu-se vestida de noiva, entrando na capelinha de outra fazenda onde Pedrão trabalhava e que passaram a residir após o casamento, embora um pouco distante daquela onde, anteriormente, ela morava. Pedrão era o responsável pelos cuidados com os cavalos do patrão José Severino. Foi nessa fazenda que nasceram os quatro filhos do casal.

Cleusa, a primogênita, era uma criança meiga, mas um tanto atrasada em seu desenvolvimento físico. Depois, veio Clóvis, o “cabra macho”, como dizia Pedrão, já sonhando em tê-lo como ajudante nos trabalhos que realizava na fazenda.

Quando nasceu Clotilde, muito chorona, Zefa achou que ia lhe dar muito trabalho, mas que seria recompensado pelo imenso amor que lhe dedicaria para poder acalmá-la.

Porém, com o nascimento de Clélia, as dificuldades se multiplicaram, pois ela nasceu com uma séria deficiência nos olhos, praticamente cega.

Mas os anos foram passando, e as lutas minando-lhe as forças. Porém, a fé numa força maior provinda de Deus haveria de recompensá-la pelos esforços que fazia em cuidar e proporcionar aos filhos uma vida que, embora simples, seria gratificante pelo grande amor que nutria por todos eles. Muito religiosa e devota de Nossa Senhora, Zefa recorria a ela nos momentos mais difíceis, para que as forças não lhe faltassem a fim de conduzir todos os filhos pelos caminhos do bem.

Lembrou-se, também, de Pedrão na sua labuta diária, quando foi picado por uma cobra venenosa que surgiu sem que se soubesse de onde e que, naquele momento, quase lhe tirou a vida, mas que resultou numa ferida purulenta na perna, impossibilitando-o de trabalhar. Com isso, aumentaram as dificuldades da família.

Nessa época, como Clóvis já era um jovem forte e bem desenvolvido, precisou substituir o pai no trabalho, por algum tempo. Alguma noção já havia adquirido por auxiliar Pedrão, desde menino, neste ou naquele serviço mais simples. Mas, pela falta de experiência, seu trabalho não lhe proporcionava o suficiente para sustentar a família. Assim, para cobrir as necessidades, Zefa passou a lavar as roupas da família do patrão, que lhe pagava uma quantia irrisória. Foi Cleusa quem ficou encarregada de ir buscar as roupas sujas no casarão da fazenda para a

mãe lavar e, depois, levá-las de volta já passadas com um rústico ferro a brasa que, sem o cuidado necessário, poderia queimá-las com alguma fagulha das brasas do carvão.

Enquanto Zefa se dedicava a mais essa exaustiva tarefa, coube a Clotilde, cuidar de Clélia que, por ser deficiente visual, necessitava de maior atenção. Mas a chorona Clotilde ficava sempre a reclamar da obrigação que lhe fora dada a cumprir, pois lhe faltava paciência para cuidar da irmãzinha.

E assim, a família foi cumprindo o que a programação cármica exigia de cada um, para que pudessem crescer interiormente. Zefa, porém, sempre resignada, sabia reconhecer que a vontade de Deus deveria ser cumprida sem queixas, e com muita aceitação. Ela, porém, não se recordava de que essa prova difícil havia sido escolhida por ela mesma, a fim de que pudesse elevar-se ainda mais na escala de evolução espiritual, pois, com todos eles, não apenas tinha algumas dívidas a serem resgatadas, mas, principalmente, o dever de encaminhá-los a um crescimento interior. Entretanto, a tudo aceitava com resignação e fé.

Os anos continuaram a passar, enquanto os filhos foram crescendo sem condições de se aperfeiçoarem nos estudos, para que pudessem ter uma vida melhor. Só com muito esforço conseguiram terminar o antigo curso primário na escolinha de uma fazenda vizinha, porque o patrão José Severino não se preocupava em dar estudos para ninguém. Dizia, mesmo, que preferia tê-los ignorantes, para que não viessem a reivindicar direitos exigidos por Lei.

Em meio a esse tempo, a perna de Pedrão acabou gangrenando, precisando ser amputada. Assim, aleijado, nada mais de produtivo conseguia fazer. Muito desanimado, não mais saiu da cama, até desencarnar. E, com isso, foram anos e anos de muito sofrimento para todos.

Os filhos, já adultos, e Zefa, com os cabelos precocemente embranquecidos, fisicamente já não era a mesma. Doíam-lhe as costas por conta do tempo em que permanecia lavando roupas, o que não lhe permitia realizar outras atividades que pudessem aumentar a renda familiar e proporcionar aos filhos uma vida mais confortável. A caridade dos patrões jamais esperava, ao contrário, era explorada por eles.

As mulheres, com exceção de Clélia, foram, então, encaminhadas para trabalhar na cidade em casas de família, como empregadas domésticas, numa época em

que essa profissão era muito desvalorizada.

Clóvis era o único que podia assumir a manutenção daquele lar, no lugar do pai. Mas, cansado dessa vida de privações que levava, e sem muita habilidade para cuidar dos cavalos, cansou-se dessa vida na fazenda, e decidiu também ir para a cidade atrás de outro trabalho, como suas irmãs.

Despedindo-se da mãe, logo partiu em busca de algum serviço.

– Prometo-lhe, minha mãe, que assim que eu conseguir arrumar um bom emprego voltarei para buscá-la com a minha irmãzinha.

Chegando à cidade, pela sua boa aparência e educação, não lhe foi difícil conseguir um emprego razoável, como operário numa fábrica de equipamentos agrícolas.

Para Zefa tornou-se muito difícil ficar só, em companhia da filha caçula Clélia, principalmente pela pressão que o patrão exercia sobre elas para deixarem a casa e, assim, em breve tempo, decidiu que também iriam para a cidade morar com os filhos, que já haviam conseguido alugar uma casa, embora bastante modesta. Com os filhos trabalhando, foi possível ter uma vida mais amena, sem tantas dificuldades.

Passados alguns meses, porém, Zefa, já se sentindo cansada e precocemente envelhecida, precisou pedir a Cleusa para sair do emprego a fim de ajudá-la nos afazeres domésticos e a cuidar da irmã deficiente.

Ali na cidade, Cleusa, nas poucas vezes que saía, acabou conhecendo um rapaz, do qual logo se enamorou. Ingênua e inexperiente, com um rapaz da cidade que lhe fazia juras de amor, acabou não resistindo aos encantos da paixão e entregou-se a ele, por algumas vezes, até descobrir que estava grávida.

Logo procurou pelo rapaz, na certeza de que iriam se casar. Porém, quando Cleusa lhe falou do acontecido, inventou uma desculpa qualquer e desapareceu, sem jamais dar notícias.

Chorando muito, procurou a mãe a fim de lhe revelar o erro cometido, e Zefa logo lhe perguntou com certa preocupação:

– Que aconteceu, minha filha? Por que está chorando assim?

–Ah, mãezinha, me perdoe! Bem que a senhora me avisou para ter cuidado com esses rapazes da cidade.

Já desconfiando que algo grave devia estar acontecendo, com doçura na voz Zefa mostrou-se compreensiva ao dizer:

– Fale, minha filha, não esconda nada de sua mãe. Estou aqui para ouvir e não para censurar. Abra o seu coração e me conte o que aconteceu.

Envergonhada, Cleusa revelou a sua história com o rapaz, que a abandonou ao saber que estava grávida.

– E agora, mamãe, o que vai ser de mim?

Zefa, penalizada, envolveu-a num abraço carinhoso, demonstrando que não só a perdoava, como prometeu auxiliá-la na criação daquela criança que haveria de ser muito amada.

Entretanto, ao saber da gravidez da irmã, Clóvis, enraivecido, perguntou o nome do rapaz que a engravidou e prometeu que o faria se casar a qualquer custo ou, pelo menos, que assumisse a criança, porque não queria ter um sobrinho sem pai.

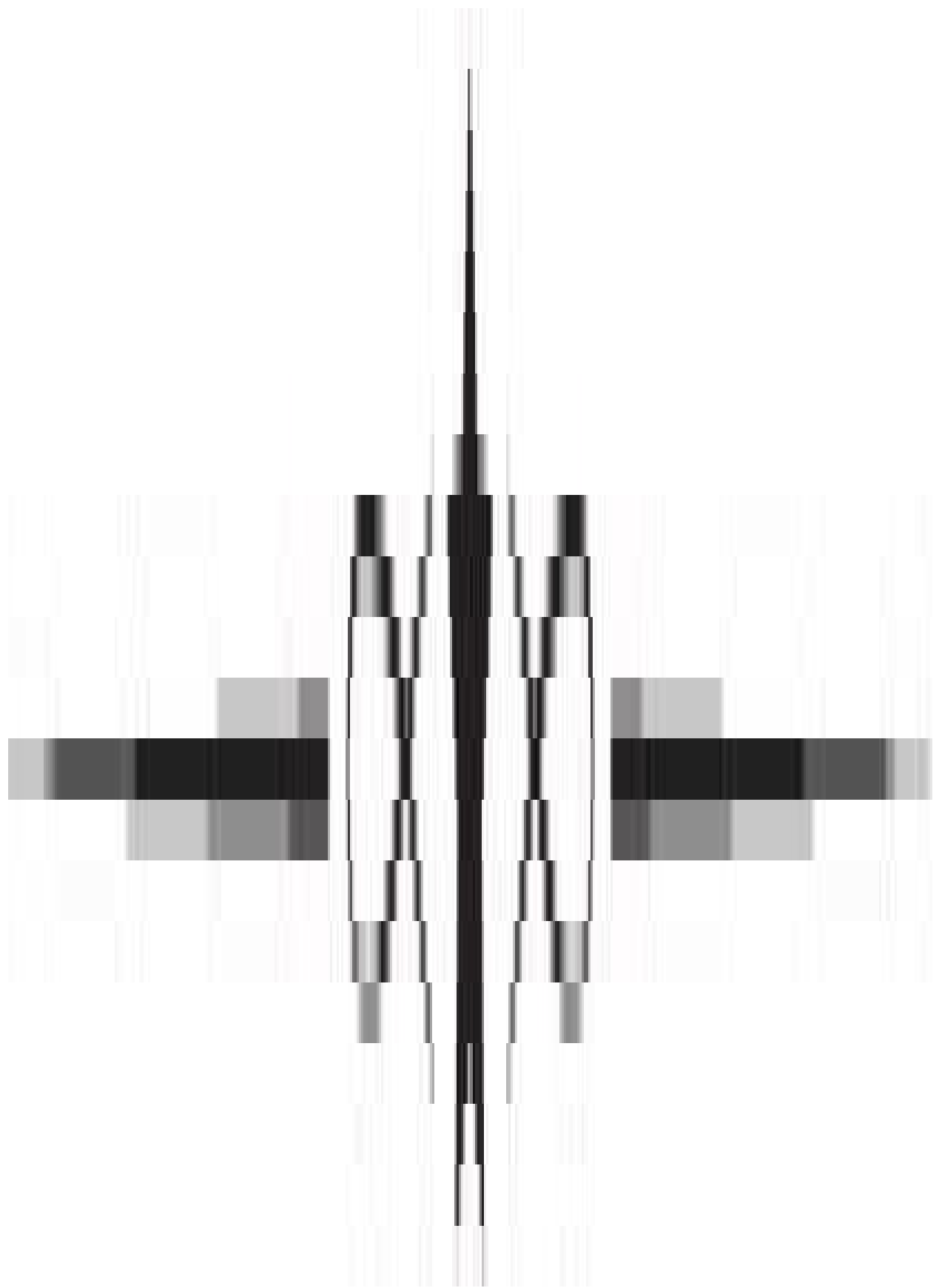
Mas o nome que o rapaz havia dado quando conheceu Cleusa era falso e, assim, por mais que perguntasse se alguém o conhecia, ninguém sabia informar.

Cheio de raiva, passou a criticar a irmã e chegou mesmo a sugerir que ela praticasse o aborto, o que foi veementemente rejeitado por Zefa:

– Jamais pensem em tomar tal atitude! É um ser humano em formação e, se Deus permitiu que isso acontecesse, vamos amar e abençoar essa criança que devemos deixar nascer.

Foi assim que, passado esse clima de tensão, meses depois vamos encontrar Zefa a embalar a netinha recém-nascida, que foi chamada de Estela, a Estelinha, que haveria de ser qual uma estrelinha a inundar de luz e de alegria aquele lar que ainda sofria tanto com a falta do pai de seus filhos.

## Capítulo 2



## Tempos depois

Passaram-se pouco mais de

dois anos, e Estelinha crescia com muita saúde e sempre sorridente. Tudo estava bom para ela; de nada se queixava. Todos os que a viam, se encantavam com aquela moreninha linda e sempre carinhosa.

Desde pequenina, por onde passava, irradiava paz. O nome lhe fora bem apropriado: era mesmo uma estrela a iluminar a vida das pessoas com quem convivia.

Até, então, Clóvis não conseguira encontrar o pai da criança. Havia desaparecido daquela cidade. Mesmo assim, não perdia a esperança de encontrá-lo um dia. Só sabia que era branco e tinha uma covinha no queixo. E Estelinha nasceu com essa covinha. Era como uma marca registrada, para que o malandro não pudesse negar, quando o encontrasse um dia.

Desiludida com os homens, Cleusa não mais quis se envolver com ninguém, preferindo ficar sempre ao lado da filhinha querida e da sua mãe, que já avançava em sua passagem pela Terra.

Clotilde, mais ambiciosa e namoradeira, passou a trabalhar numa loja de armarinhos. Ali era cortejada pelo filho do patrão, que via nela uma garota faceira que muito o atraía, mas não para se casar, por puro preconceito. Clotilde era negra como a mãe e ele branco e, provavelmente, a família dele não iria aprovar.

Se não fosse pelo ordenado que não era dos piores, Clotilde já teria deixado esse emprego, porque, na realidade, gostava de um outro rapaz que trabalhava num bar ali perto, mas, que até então, nunca demonstrou qualquer interesse por ela.

Zefa sempre lhe dava bons conselhos, dizendo-lhe para se mirar no exemplo da irmã, para que não acontecesse o mesmo com ela. Viviam numa época em que o preconceito de cor ainda era muito grande entre as pessoas, esquecidas de que,

perante Deus, somos todos iguais. Não é a cor que define o caráter de alguém, mas a educação e as boas qualidades morais adquiridas. E isso, Zefa primava em passar para os filhos.

Clélia, pela deficiência visual, não podendo trabalhar fora, sentia-se feliz em cuidar das flores que plantava e muito amava. Havia no quintal vários canteiros com algumas espécies de flores, que Zefa ajudou a plantar. Clélia se sensibilizava apenas em tocá-las para sentir a suavidade das pétalas e, por seus perfumes, conseguia reconhecê-las. Amava tanto as suas flores que, quando uma delas murchava, ficava tão triste como se tivesse perdido algum ente querido!

E, assim, a vida prosseguia naquela família que, apesar de todos os acontecimentos e dificuldades enfrentadas, continuava a ser muito unida. A exemplo de Zefa, uma vez por semana, reuniam-se em torno da mesa rústica da cozinha para estudar a vida e os ensinamentos de Jesus, através de uma velha Bíblia com que Zefa fora presenteada pela família que a acolheu e criou. Católicos por tradição, embora sem o saberem, estavam realizando o Evangelho no Lar, que o espiritismo tanto recomenda. Porém, por não entenderem com clareza algumas passagens evangélicas, os irmãos mais velhos começaram a questionar sobre a justiça divina.

Em meio a esses questionamentos, um dia, Cleusa perguntou:

– Como agiria Jesus em relação ao meu caso? Ele me perdoaria, ou serei condenada a viver eternamente no inferno, por causa do meu pecado?

Foi aí que Zefa respondeu:

– Deus é Amor, como definiu o apóstolo João. Ele ama a todos os Seus filhos, portanto, acredito que você já foi perdoada por Ele também. Eu, que ainda estou muito distante de Deus, não a perdoei?

Clóvis disse a seguir:

– Mas se Deus ama a todos os Seus filhos, não posso acreditar que tenha perdoado aquele pilantra que abandonou a minha irmã.

– Se ele ainda não recebeu o castigo de Deus, um dia vai receber – disse Cleusa.

Clotilde, porém, sugeriu:

– Vamos perguntar para o padre Miguel; ele deve nos esclarecer.

Nisso, Clélia, a irmã caçula, intuída por seu protetor espiritual, afirmou:

– Somos nós mesmos que nos punimos, pois recebemos de retorno o mal praticado. É uma lei da Natureza, colhemos aquilo que semeamos. Quem semeia o mal, não pode colher o bem. É assim que aprendemos as lições que a vida nos ensina. Se eu quero colher flores, não devo plantar espinheiros, mas sim, flores. Por isso, planto as flores que tanto amo!

Todos olharam admirados para Clélia. Onde ela foi buscar tanta sabedoria?

Clélia, porém, explicou:

– Quando estou cuidando das minhas flores, costumo ouvir uma voz suave a me dizer coisas lindas a respeito de Jesus e da necessidade que temos em aceitar a vida que Deus nos proporcionou.

– Como assim? – perguntou Cleusa.

– Não sei explicar como isso acontece, só sei que escuto e não percebo ninguém perto de mim. Acho que é o meu anjo da guarda falando comigo. Desde pequena ouço essa voz, mas, como eu não consigo enxergar, achava que era alguém conversando ali perto comigo.

– E você não tem medo? – perguntou Clotilde.

– Claro que não! Por que haveria de ter? Só fala coisas boas!

– Bobagem – disse Clóvis. – Ela deve ter sonhado ou estar inventando.

– Não estou inventando nada, eu escuto mesmo! – respondeu Clélia.

– Então deve ser coisa do demônio – acrescentou Cleusa.

Ao que, naquele momento, Zefa interferiu, dizendo:

– Na Bíblia existem algumas passagens que dizem que é possível a comunicação com os mortos e que há pessoas que têm essa capacidade. Essas pessoas, me parece que, hoje, são chamadas de médiuns. Vai ver que a nossa Clélia é médium

também.

– Médiun ou média, mamãe, ela não é mulher? Então deve ser média – acrescentou Clotilde.

– Estou ouvindo dizer que é médiun mesmo, independente se é homem ou mulher – respondeu Clélia.

– Se ela é médiun e pode conversar com os mortos, perguntemos a ela como está o nosso pai – sugeriu Clóvis.

– A voz que ouço está me dizendo que ele está bem e que um dia voltará à nossa família, mas como, eu não sei – disse Clélia.

– Pergunte para a voz, queremos saber – acrescentou Clotilde.

– Não adianta, acho que já foi embora.

– Pois eu acho que a Clélia está inventando. Não é médiun coisa nenhuma; é, sim, uma grande mentirosa – completou Clóvis.

Triste pelo fato de os irmãos estarem duvidando dela, Clélia afastou-se chorando e se trancou no quarto.

Zefa repreendeu o filho pela atitude maldosa com a irmã:

– Meu filho, por que fez isso? Ela é ainda muito jovem, quase uma criança e eu sei que as crianças criam fantasias, mas não é por isso que deve ser criticada. Você gostaria que alguém duvidasse das coisas que fala com sinceridade? E o que você fez foi justamente na hora em que estávamos lendo e comentando o Evangelho, o que demonstra que ainda não assimilou e muito menos tem praticado os ensinamentos deixados por Jesus.

A seguir, Zefa abriu a Bíblia numa passagem evangélica e deu para Clóvis ler em voz alta:

*Não julgueis para não serdes julgados; porque, com o juízo que julgardes os outros, sereis julgados; e com a medida que medirdes, vos medirão também a*

vós.

**(Mateus, VII:1-2)**

Após ler toda aquela passagem do evangelho de Mateus, envergonhado, Clóvis se calou. A seguir, Zefa pediu a Clotilde para fazer uma prece em agradecimento e encerrou a reunião daquele dia. Após a prece, Cleusa foi atrás de Clélia para consolá-la.

Enquanto isso, no quarto, Clélia chorava pelas coisas que ouviu de seu irmão. Assim mesmo, Cleusa duvidava e chegou a pensar que eram coisas do demônio, mas logo a irmã, inspirada, retrucou, como se tivesse lido o seu pensamento:

– Não, Cleusa, não é coisa do demônio, não! Você acha que o demônio diria coisas boas e bonitas? Já viu demônio bom?

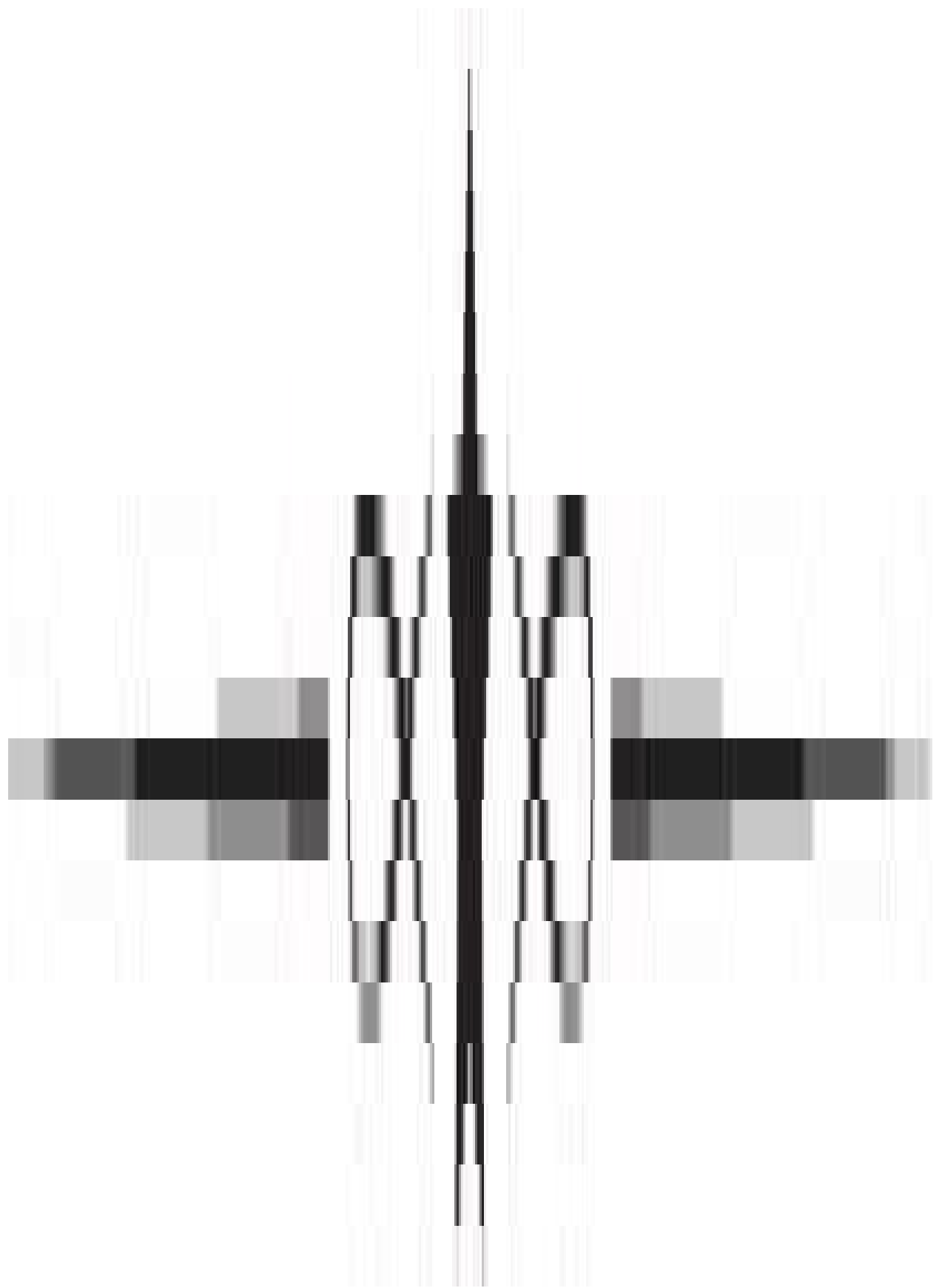
– Mas ele fez você se indispor com o Clóvis, não acha?

– Eu não fiquei com raiva dele, só fiquei triste porque ele duvidou de mim. Eu não sou mentirosa e, se eu disse aquilo, foi porque ouvi mesmo!

– Eu acredito em você, não chore mais, ele não teve intenção de magoá-la e posso lhe garantir que já se arrependeu. Agora, seque essas lágrimas e volte a sorrir, minha irmãzinha.

No dia seguinte, já esquecida desse incidente, Clélia voltou a sorrir e, mal se levantou, foi direto conversar com suas flores que, ao receberem aquele carinho e vibrações de amor, a cada dia se mostravam mais belas. Era impressionante o perfume que exalavam, como se fosse uma retribuição do amor que recebiam.

## Capítulo 3



## Momento de dor

Num certo dia, Clóvis,

ao final da tarde, regressou do trabalho trazendo uma surpresa para a sobrinha: um cãozinho lindo, todo peludo. Estelinha, quando viu aquele cãozinho que Clóvis lhe pôs no colo, a emoção foi tanta que não conseguiu conter as lágrimas de alegria.

– É seu, Estelinha, disse Clóvis. Ele ainda é novinho, mas é de uma raça que não cresce muito. Você gostou? Trate dele com muito amor e carinho.

– Ele vai ser o seu amigo – disse Clélia – mas não o deixe estragar as minhas flores, ouviu?

Estelinha, voltando-se para Clóvis falou:

– Obrigada, tio, você me deu um amiguinho para eu me distrair. Vou escolher um nome bem bonito para ele ou será que ele já tem nome?

– Não, ele não tem. Que tal chamá-lo de Totó?

– Não!... Totó é muito comum. Quero um nome diferente.

– E Pingo, você gosta?

– Esse é o nome do cachorrinho da vizinha. Acho que vou pôr um nome de gente.

– De gente? Vai me dizer que quer pôr o meu nome!

– É claro que não, tio! – Hum... estou pensando... Ah, já sei! Vou chamar de Rafa. Não é bonito?

Sem saber, Estelinha pôs o apelido do seu pai, cujo nome verdadeiro era Rafael.

E, assim, Estelinha passava os dias brincando com o cãozinho Rafa, procurando ensiná-lo a respeitar as flores da titia para não estragá-las.

Sempre que saía para passear com sua mãe ou com sua tia Clotilde, levava Rafa junto, e todos que o viam ficavam encantados, porque realmente era lindo, com pelos branquinhos e fartos.

Certo dia, num desses passeios acompanhada por Clotilde, enquanto sua tia conversava com uma pessoa que a abordou para lhe perguntar alguma coisa, Estelinha percebeu que o seu cãozinho havia escapado da sua vigilância e, aflita, pôs-se a procurá-lo, chamando-o aos gritos:

– Rafa, Rafa, onde você está? Volte, Rafa!

E, nessa procura, atravessou a rua sem perceber que um carro se aproximava.

Quando Clotilde viu o que iria acontecer, deu um grito desesperador, e atirou-se na frente da criança para salvá-la e acabou sendo atropelada, tendo morte instantânea.

Mesmo sem entender direito o que havia acontecido com a tia, Estelinha pôs-se a chorar, chamando pela mãe, que havia ficado em casa auxiliando Zefa nos afazeres domésticos.

Formou-se uma aglomeração em torno da moça, que ninguém sabia quem era, até que passou por perto um senhor que, as reconhecendo, tratou de levar a menina para casa e avisar a família do sucedido. Enquanto isso, a polícia chegou para fazer as averiguações e registrar a triste ocorrência.

Ao tomarem conhecimento da morte de Clotilde, o desespero foi geral. Zefa, porém, conseguindo equilibrar-se, apesar da tristeza profunda pela morte da filha, foi a única que conseguiu tomar as providências necessárias, naquele momento tão difícil para todos.

O conhecido que foi avisar era um senhor que morava nas proximidades e que sempre passava pela rua onde aquela família residia. Não cultivavam amizade, apenas se cumprimentavam quando ele por ali transitava a caminho do trabalho e, por isso, teve condições de saber quem era a moça e também a criança que estava com ela.

Sem ter noção do que realmente havia acontecido com a tia, Estelinha chorava por seu amiguinho Rafa que havia desaparecido, provocando o acidente de Clotilde.

– Eu quero o Rafa! Por favor, tio, vai “procurar ele” para mim!

Clóvis, porém, mesmo muito abalado, prometia à sobrinha procurar, mas primeiro precisava providenciar o que fosse necessário para o velório e o enterro da irmã.

Cleusa até adoeceu. Não se conformava e culpava a filha pelo ocorrido com a irmã.

– Criança é criança – diziam todos.

Mas, mesmo assim, ela queria culpar Estelinha pela morte da tia.

– Onde se viu atravessar a rua sem olhar! Poderia ter acontecido com ela e não com Clotilde.

Dias depois, ouvem alguém bater na porta. Zefa foi atender e reconheceu aquele senhor que havia avisado do atropelamento. Olhando para ele, viu que trazia no colo o cãozinho da neta, que foi a causa principal do acidente. Ia, mesmo, impedir que aquele homem entregasse o cãozinho de volta para a neta, mas entendendo que cachorro faz certas coisas apenas por instinto e não por raciocinar, resolveu chamar a neta que, ao ver o seu cãozinho de volta, deu até um grito de alegria e logo disse:

– Rafa, Rafa, é você mesmo, seu malandro? Por que fugiu de mim?

Vendo a alegria da neta, convidou o senhor a entrar para tomar um cafezinho com ela. Agradecendo a gentileza, ele logo se apresentou:

– Eu me chamo João e moro a duas quadras daqui e, naquele dia fatídico, eu estava passando por ali quando presenciei o acidente com sua filha. Sei que é muito difícil passar por isso, mas, se me permite, vou lhe contar o que também aconteceu comigo 15 anos atrás.

Enquanto tomavam o café, entre um gole e outro, João foi contando a sua triste história:

– Eu morava em outra cidade deste Estado. Estava relativamente bem de vida, tinha um bom emprego, casa própria, uma esposa dedicada e uma filhinha de dois anos. Certo dia, com pressa de sair, pois ia viajar a trabalho para uma cidade próxima, pretendendo voltar naquele mesmo dia, deixei as duas ainda dormindo, tranquei a casa e saí. Mas, antes, eu havia ligado o fogo para aquecer um pouco de leite para tomar e percebi que ele derramou apagando o fogo, mas, com a pressa, não verifiquei se o gás havia ficado ligado. Foi aí que aconteceu a tragédia. Quando minha esposa acordou, deve ter sentido cheiro de gás e, ao entrar na cozinha que estava com as janelas fechadas, como de hábito acendeu a luz e tudo explodiu, provocando um incêndio que não só a matou, mas também nossa filhinha perdeu a vida. Foi terrível; nada sobrou. Desesperado, quis me matar, mas um amigo espírita, que me amparou, fez-me ver que uma atitude assim só me acarretaria ainda mais sofrimento. Mais tarde, me procurou para me entregar um livro de mensagens psicografadas por Francisco Cândido Xavier, um médium conhecido como Chico Xavier, cujos ensinamentos muito me auxiliaram para que eu pudesse retornar ao meu equilíbrio e compreendesse que os sofrimentos que nos atingem, por piores que sejam, são necessários para o nosso crescimento interior.

E João prometeu a Zefa trazer-lhe um livro igual ao que a ele havia sido muito útil.

Emocionada e sinceramente agradecida pelo conforto espiritual recebido, Zefa prometeu que iria ler aquelas mensagens todos os dias e, principalmente, ao se reunirem naquela noite para recordar os ensinamentos de Jesus, como faziam semanalmente, e convidou-o a participar.

João prontamente agradeceu e, confirmando o horário, prometeu estar presente.

Regressou ao seu lar, mas, atendendo ao convite, pontualmente, faltando apenas cinco minutos para as vinte horas, tocou a campainha da residência de Zefa, trazendo nas mãos o livro prometido, ao que Zefa, emocionada pela gentileza, agradeceu e o encaminhou até a cozinha para participar daquela reunião familiar que, certamente, seria abençoada pela leitura daquelas mensagens consoladoras, que iriam complementar os estudos sobre os ensinamentos de Jesus. Foi assim que se iniciou entre eles uma grande amizade.

Aberta a Bíblia no Novo Testamento, no Evangelho de Mateus, que abrange a vida de Jesus e seus atos, Zefa deu para sua filha mais velha ler, obedecendo a

uma sequência anteriormente iniciada. Após a leitura, muitos comentários foram feitos dentro do entendimento da religião que até então abraçavam. Porém, o novo amigo João acrescentou uma explicação baseada nos conceitos espíritas, que todos acataram com respeito e compreensão, pela lógica das palavras proferidas por ele.

E, para finalizar os estudos daquela noite, João pediu a Zefa que abrisse o livro que por ele fora ofertado, mas que, antes, elevasse o pensamento rogando auxílio dos bons espíritos presentes na escolha da lição que deveria ser lida.

Zefa abriu numa mensagem que, realmente, complementava o evangelho do dia, testificando, com isso, o auxílio recebido dos bons espíritos presentes naquela reunião singela.

Após a leitura e comentários sobre a mensagem, Zefa pediu à filha caçula que fizesse uma prece de encerramento. Clélia fazendo uso das suas faculdades mediúnicas, muito inspirada, pronunciou belíssimas palavras em agradecimento por aquele estudo tão gratificante que tiveram naquela noite.

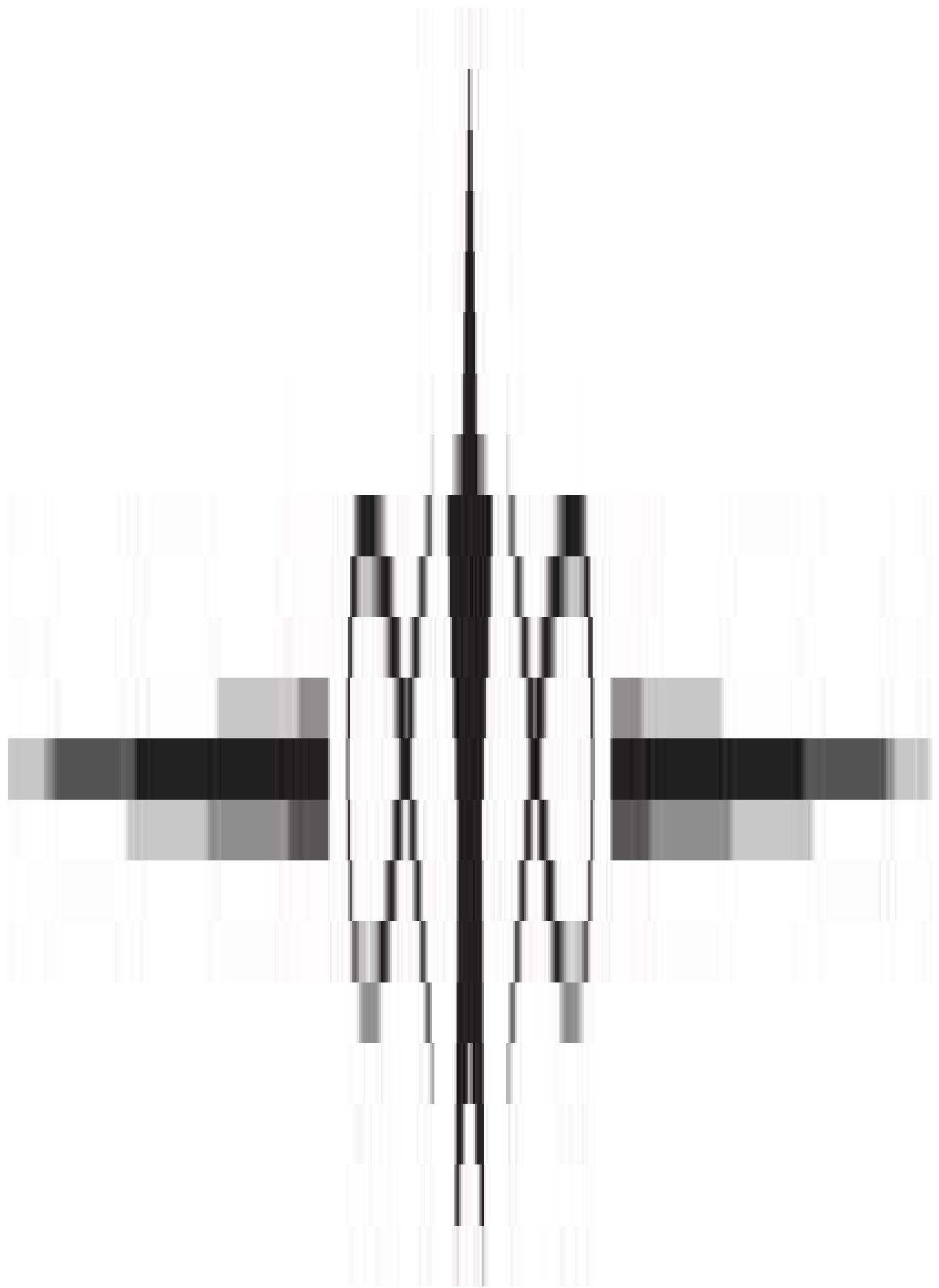
Como a abençoar aquela noite agradável, lá fora, a lua cheia brilhava com todo o seu esplendor, a espalhar sua luz prateada que penetrava pela janela aberta daquele local onde se encontravam todos reunidos.

A seguir, Zefa ofereceu a todos um chá, acompanhado por deliciosas bolachinhas de nata, feitas por ela mesma e que derretiam na boca.

Após tantos momentos agradáveis passados com aquela família, João regressou à sua casa, prometendo voltar na semana seguinte ou sempre que lhe fosse possível.

Já em casa, preparando-se para dormir, orou agradecendo a Jesus pela oportunidade de redimir-se do seu descuido para com a própria família, ao amparar aquelas pessoas tão bondosas que o acolheram, dando-lhe esperança de constituírem fortes laços de amizade. Ele, que vivia tão só, via naquelas pessoas um jeito de preencher o vazio em que sua vida se tornara. Mas ainda não imaginava que a menina Estelinha haveria de ser uma estrela a brilhar, também, em sua vida, iluminando-lhe a alma tão carente de amor pela perda da esposa e da filhinha querida.

## Capítulo 4



## Vítima da ambição

Clóvis, que já estava

um tanto descontente com o seu trabalho naquela indústria, onde ingressou logo que chegou à cidade, revelou à família que estava procurando um trabalho diferente e que havia sido convidado por um amigo que dizia ter muito conhecimento do ramo, para ser seu sócio numa loja de móveis usados, apenas para começar, e já sonhando em vender, futuramente, também os novos e modernos. O amigo Miguel cuidaria tão somente da parte administrativa e Clóvis das vendas.

Zefa, muito cautelosa, perguntou ao filho se ele confiava nesse amigo, pois seria uma sociedade arriscada e que pensasse muito antes de se comprometer.

– Claro que confio, mamãe! Não precisa se preocupar. Somos amigos e ele é uma pessoa honesta, tenho certeza disso. Ele prometeu me ajudar para eu conseguir melhorar de vida e poder auxiliar a nossa família.

– Mas, filho, de onde ele tiraria dinheiro para montar essa loja? Ele sabe que nós somos pobres e que lutamos com muita dificuldade?

– Ele sabe sim e, por ser muito religioso e devoto de São José, que foi carpinteiro enquanto viveu aqui na Terra, fez a ele uma promessa de que iria auxiliar um amigo, e o escolhido fui eu. Quanto ao dinheiro, o pai dele emprestou e o aconselhou a ir em frente nesse projeto. Não se preocupe, mamãe, vai dar tudo certo!

– Antes, porém, gostaria de conhecer esse seu amigo. Traga-o aqui a qualquer hora –, pediu Zefa.

– Está bem, mamãe, vou trazê-lo para que a senhora fique sossegada.

Dias depois, Clóvis trouxe Miguel, apresentando-o a Zefa e às suas irmãs.

Naquele momento, Clélia, mesmo não conseguindo enxergá-lo com nitidez, com

os olhos da alma, percebeu uma sombra escura a envolvê-lo, sentindo que alguma coisa deveria estar errada.

Chamou seu irmão a sós, dizendo a ele que não havia gostado do seu amigo. Ao que Clóvis retrucou com aspereza:

– É melhor você calar a sua boca e não dizer nada para ninguém, se não quiser que eu fique de mal com você por atrapalhar os meus negócios.

– Pense nisso, meu irmão, quando eu sinto, é porque é verdade, mesmo! Eu não estou inventando nada.

– Mesmo assim, é melhor que não fale nada para ninguém! Se não der certo, o problema será meu.

– E vai deixar a sua família como? Na miséria?

– Fique tranquila, não haverá perigo de isso acontecer.

– Tem certeza do que diz?

– Tenho a mais absoluta certeza, mas, se duvida, então pergunte aos seus espíritos.

– São eles mesmos que estão me alertando para você ter cuidado.

Não acreditando na mediunidade da irmã, Clóvis voltou a aproximar-se de Miguel, que havia ficado conversando com Zefa e Cleusa.

Esta, percebendo os olhares maliciosos de Miguel sobre ela, o que a deixava retraída e envergonhada, pediu licença e se retirou.

Foi para o seu quarto e ali, a sós, pôs-se a orar, pedindo a proteção dos bons espíritos para que seu irmão não errasse na sua escolha.

Mas Clóvis, naquele momento, sem o saber estava sob a influência de espíritos vingativos que, num passado longínquo, foram por ele prejudicados. E, por esse motivo, nada desconfiava das más intenções daquele falso amigo, deixando-se levar pela ambição e pelas falsas promessas do outro.

Assim, tempos depois, já estava trabalhando na loja montada, como sócio minoritário, e que parecia estar dando certo, mas que, na realidade, dava certo apenas para Miguel, num prejuízo crescente para Clóvis, que, inocentemente, caiu nas armadilhas do outro, que alterava, em seu favor, as documentações que ele mesmo fazia, as quais, Clóvis, pelo pouco estudo que tinha não conseguia entender, considerando-as corretas.

Achando que ficaria rico em breve tempo, Clóvis começou a se endividar, comprando roupas novas de que necessitava para manter-se à altura da elegância do sócio, e pouco se lembrava de colaborar para melhorar a situação financeira da própria família, que já começava a sentir carência até mesmo das coisas de primeira necessidade.

Um dia, porém, Zefa, que já desconfiava de que alguma coisa errada estava acontecendo com seu filho, numa das reuniões do Evangelho que nunca pararam de fazer, mas que Clóvis nem sempre podia comparecer, alegando muito trabalho, resolveu abrir-se com o seu amigo João, após a prece de encerramento que ele mesmo fez naquele dia. Este, ouvindo com atenção o que Zefa lhe contava, logo percebeu que algo errado estava mesmo acontecendo e prometeu auxiliar.

– Não se preocupe, amiga, vou tomar algumas providências. Conheço algumas pessoas que, acredito, possam me auxiliar na investigação do que está acontecendo com o seu filho. Fique calma, vou dar um jeito de saber.

João tinha um bom relacionamento com um detetive particular e com um advogado de sua confiança. Assim sendo, no dia seguinte foi procurá-los, relatou o caso, e ambos traçaram um plano de ação conjunta: o detetive faria as investigações que seriam levadas ao parecer do advogado. Não foi fácil, pois o malandro do Miguel era muito esperto. Mesmo assim, conseguiram comprovar a fraude, levando Miguel para a cadeia e Clóvis foi ressarcido, em parte, das perdas financeiras que sofreu, mas, das perdas morais e da humilhação por que passou não haveria ressarcimento. Entretanto, pareceu aprender a lição de que não é a ambição exagerada e nem a ganância que nos fazem pessoas felizes e, sim, o trabalho honesto, mesmo enfrentando as maiores dificuldades.

A partir daquele dia, Clóvis passou a valorizar mais a família. Com o pouco que recebeu no processo iniciou uma atividade mais simples e autônoma, mas que lhe permitiu, pouco a pouco, proporcionar à família condições de vida um pouco

melhores.

Um dia, porém, Clélia, numa das suas visões, alertou-o para a oportunidade de conhecer uma pessoa que seria muito importante na sua vida.

– Quem? – perguntou Clóvis.

– Não sei, mas espere para ver.

Clóvis não deu muita importância à intuição da irmã, continuando suas atividades rotineiras, sem mais pensar nisso.

E o tempo foi passando, sem que nada acontecesse de mais importante na vida de Clóvis, que continuava a duvidar do que a irmã havia dito. Quando Clélia dele se aproximava, chegava até a fazer gracejos, ridicularizando as previsões da irmã.

– Então, Clélia, onde está a pessoa importante que eu iria conhecer? Vai ver que é algum fantasma... e essa pessoa prefiro que fique bem longe de mim. Será que você está perdendo os seus poderes? Vai ver que está sendo vítima de espíritos enganadores.

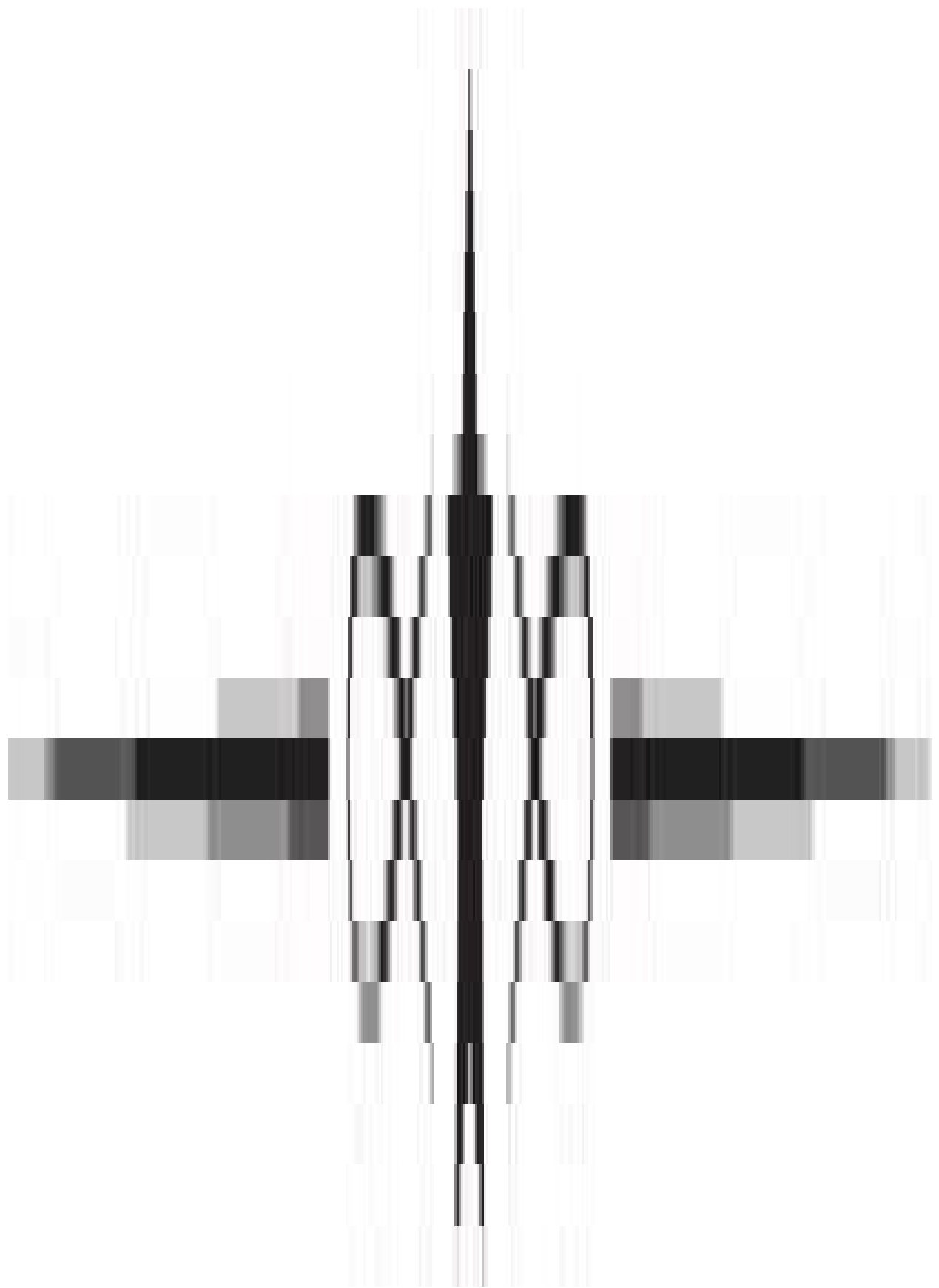
Cada vez que o irmão zombava da sua mediunidade, Clélia ficava triste, mas logo se refazia, pela confiança que tinha no seu protetor espiritual, que sempre a aconselhava a ter paciência e a perdoar os gracejos de Clóvis.

Entretanto, também ficava pensativa e preocupada pela demora em acontecer o que havia previsto, e logo pensava:

– Será que eu me enganei? Terei sido vítima de uma alucinação ou fui enganada por um mau espírito? Será que estou perdendo a fé? Não, não... isso não!

A seguir, elevou o seu pensamento e pôs-se a orar, pedindo a proteção do Alto para que seu dom pudesse ser usado para auxiliar o próximo, inclusive os próprios familiares.

## Capítulo 5



## A revelação

Alguns meses se passaram após esse episódio, e nada! Clóvis não falava mais nada a respeito e nem mesmo dizia ter conhecido alguém que fosse importante em sua vida.

Até que, um dia, sonhou que uma moça linda dele se aproximou. Parecia um anjo com seu vestido branco, longo e irradiando muita luz. Com voz suave lhe disse:

*Clóvis, Clóvis, o que está fazendo com sua vida? Esqueceu-se do que prometeu fazer em auxílio a essa família que lhe foi proporcionada na presente encarnação? Está sempre a duvidar dos dons de sua irmã, esquecido de que nasceu para aprimorar os dons que também possui e usá-los para auxiliar os que muito sofrem? Você e sua irmã têm uma grande missão a cumprir. Não deixe de participar das reuniões de estudo que são realizadas em seu lar. Serão elas que farão que a sua mediunidade se desenvolva e aprimore, para que a missão de ambos possa ser usada como prometeram, pois o bem que fizerem ao próximo retornará a vocês mesmos. Enquanto a mediunidade de sua irmã desabrochou espontaneamente, a sua requer muito estudo para que isso se dê. A dela vocês já sabem qual é, mas a sua será de cura, de cura espiritual e você será apenas um intermediário dos bons espíritos.*

Muito impressionado com o que acreditou ser apenas um sonho, Clóvis despertou, mas as palavras que ouviu, embora não tenham ficado claras em sua mente, lhe davam a impressão de que fora um anjo a lhe falar sobre mediunidade e missão. Assim pensando, pôs-se a meditar nas palavras que ouviu em sonho, perguntando a si mesmo:

– Será verdade o que sonhei?

E, pelo resto do dia, volta e meia esse sonho retornava à sua mente, embora fragmentado, fazendo que ele, aos poucos, compreendesse o que precisava ser feito.

A partir de então, Clóvis começou a se conscientizar de que era essa a pessoa importante que haveria de aparecer em sua vida. Se não apareceu fisicamente como encarnada, apareceu como um espírito de luz. E, assim, voltou a frequentar, com assiduidade, as reuniões familiares de estudo, agora, acrescidas de O Evangelho segundo o Espiritismo, que lhe dava noções mais claras dos ensinamentos deixados por Jesus.

Mas ainda não se lembrava, com clareza, do que o “anjo” lhe dissera a respeito da sua mediunidade, que seria de cura.

Um dia, porém, conversando com Clélia, esta lhe perguntou sobre a pessoa importante que deveria aparecer na vida dele:

– Como é, Clóvis, já conheceu a tal pessoa?

– Ainda não! Mas uma coisa aconteceu comigo, que me deixou muito impressionado.

– O que foi, meu irmão? Posso saber?

– Pode, para você eu conto, mas não conte para ninguém, senão vão fazer caçoada de mim.

E Clóvis foi revelando a ela o que conseguia lembrar do sonho, e Clélia, na medida em que ele falava, ia sendo intuída das palavras que o irmão esquecia.

– Foi isso mesmo que ouvi; você está certa. Vejo agora que você é mesmo uma boa médium, pois eu não conseguia me lembrar de tudo.

Ao terminar a revelação do sonho, ambos se abraçaram, compreendendo que, realmente, teriam uma missão a ser cumprida. Mas entenderam que não deveriam fazer alarde do que iriam passar daquele dia em diante.

Em silêncio, como se nada houvesse ocorrido, cada um foi cumprir com suas obrigações. Clélia foi regar suas flores e Clóvis realizar o seu trabalho que, embora não o enriquecesse, conseguia fazer que sua família não sofresse

privações das suas necessidades.

Naquele mesmo dia, à noite, estavam todos reunidos em volta da mesa, para estudo do Evangelho, contando habitualmente com a presença de João, que, agora, já era por todos considerado como uma pessoa da família.

Aberto o Evangelho ao acaso, caiu numa página do Capítulo XVI – item 5 (Parábola dos Talentos).

Após a leitura feita por Clóvis, João se pôs a explicar que essa parábola, como todas as parábolas de Jesus, tem um significado mais profundo e não deve ser tomada ao “pé da letra” e pode ser comparada, também, ao dom da mediunidade que todo ser humano possui e que cabe a quem a tem mais afluída, usá-la para beneficiar o próximo, cada um, de acordo com o tipo de mediunidade que possui.

Nisso, Cleusa perguntou:

– Então a mediunidade não é igual para todos?

– Não! – respondeu João. – Há mediunidade de efeitos físicos e de efeitos intelectuais. Embora haja pessoas que possam ter vários tipos de mediunidade, geralmente, um tipo é mais afluído que outros. O importante é não enterrá-la, como fez o servo da parábola, mas sim, usá-la em favor do próximo e da própria evolução espiritual. Somos todos servos de Jesus e precisamos fazer por aqueles que sofrem o que estiver ao nosso alcance, e a mediunidade poderá ser considerada como uma ferramenta de trabalho para aliviar as dores físicas ou morais de nossos irmãos.

Clóvis quis saber sobre os tipos de mediunidade a que João se referiu anteriormente:

– Quais seriam as diferenças entre eles?

Ao que João se pôs a explicar:

– As de efeitos físicos são as aparições, materializações, levitação, transporte etc. Mesmo a mediunidade de cura, da qual Jesus deu os maiores exemplos, também pode ser considerada como de efeitos físicos, principalmente, quando a cura é instantânea, o que é mais rara, sem esquecer que a fé tem muita

importância para que isso se dê.

– E as de efeito intelectual? – perguntou Clélia.

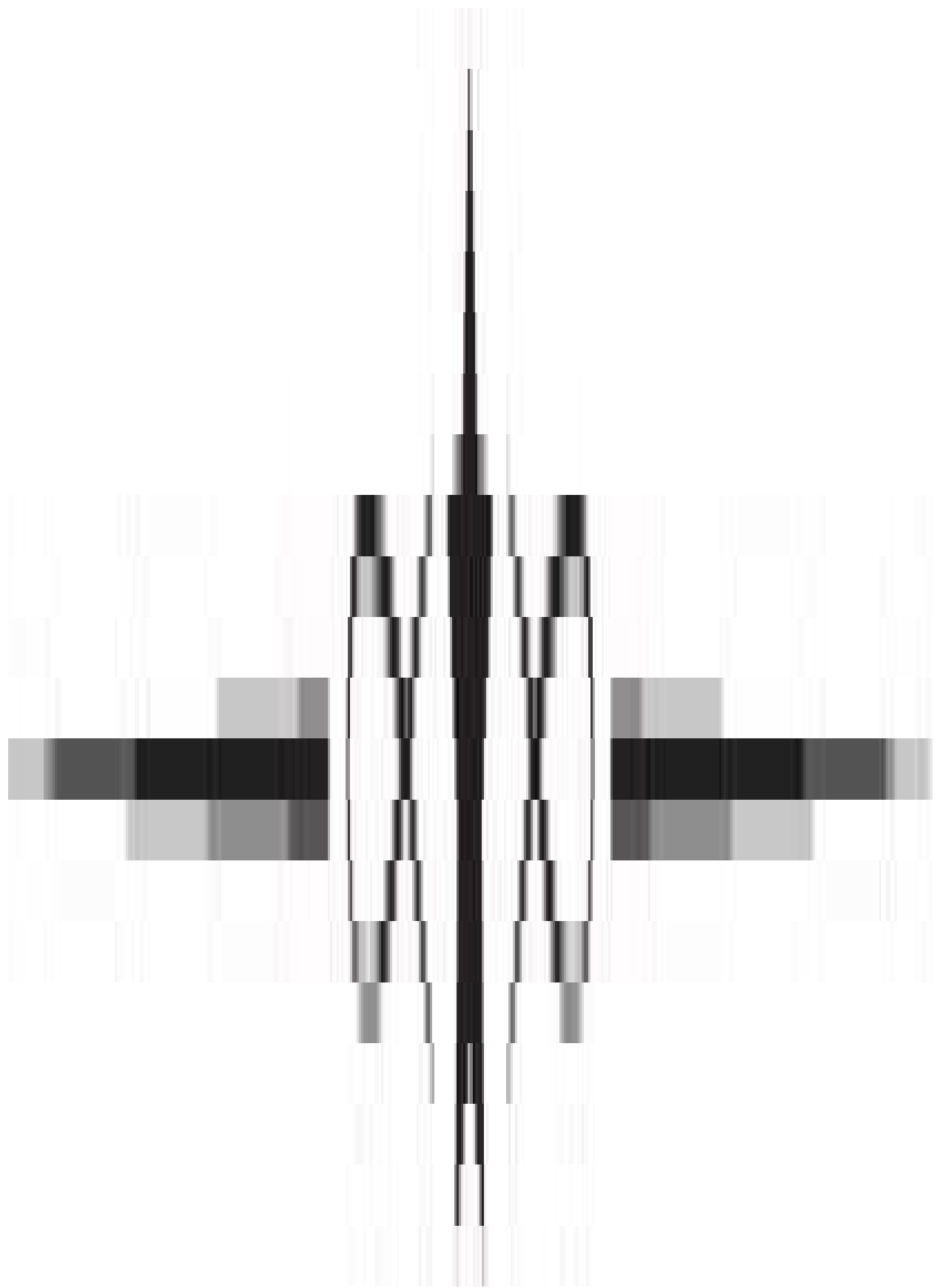
– São a psicofonia, erroneamente chamada de incorporação, a psicografia, a vidência e a audição mediúnica, isto é, ver e ouvir espíritos, como é o seu caso, juvenzinha.

– Por que é errado chamar a psicofonia de incorporação? – perguntou Cleusa.

– Porque incorporação pode dar a impressão de que o espírito entra no corpo do médium. Mas não é isso o que acontece; ele apenas se aproxima do médium e a mensagem pode ser transmitida de mente a mente, com alguma atuação na laringe. Kardec a chamava de mediunidade falante.

E, para encerrar, Zefa fez uma bonita prece em agradecimento aos bons espíritos, que os auxiliaram para melhor entender as explicações dadas por João.

## Capítulo 6



## **Estelinha doente**

Certo dia, Cleusa estranhou que Estelinha, que sempre acordava cedo para ir ao quintal brincar com seu cachorrinho, ainda não havia se levantado. Aproximou-se dela e pôs-se a chamá-la baixinho:

– Minha filha, não vai acordar hoje? O Rafa já está esperando por você; não vai se levantar? Já é tarde, daqui a pouco o sol fica forte e hoje está fazendo muito calor. Vamos acordar?

Estranhando que a menina não abrisse os olhos, foi ficando assustada e, pondo a mão em sua testa, percebeu que ela estava ardendo de febre. Logo chamou sua mãe que já estava na cozinha preparando o café.

– Mamãe, vem aqui depressa! A Estelinha me parece que está com muita febre, nem consegue acordar e não sei o que ela tem.

Rapidamente, Zefa entrou no quarto da neta e, constatando que, realmente, ela estava com uma febre altíssima, pediu ao Clóvis que fosse chamar o amigo João, pois não sabia o que fazer. Era preciso ir buscar um médico para examiná-la. Enquanto isso, lembrou-se de colocar uma toalha molhada na testa da menina, para tentar baixar um pouco a febre.

Rapidamente, Clóvis foi falar com João, que não morava longe, e este voltou com um médico que também morava nas proximidades.

Ao examinar a criança, sem dar nenhum diagnóstico preciso, o médico achou melhor transferi-la para o hospital onde prestava serviços, para que alguns exames fossem feitos. João transportou-a no seu velho carro, com Clóvis e Cleusa, que a levou no seu colo, envolta em uma manta leve, porque a menina tiritava de frio, apesar do calor que fazia.

Estelinha foi submetida a vários exames, sem que a causa da febre fosse definida. A família toda, inclusive Zefa, chegou ao hospital e ficou aguardando os resultados, até que um dos médicos veio avisar que, provavelmente, ela estava

com meningite. Contudo, ainda faltava fazer uma punção lombar para examinar o líquido da medula espinhal.

Cleusa pôs-se a chorar, tão preocupada ficou com o estado da filha, pois a meningite, pelo que já ouvira dizer, é uma doença que pode deixar graves sequelas, como surdez, perda da visão, convulsões e até mesmo perda das funções motoras de parte do corpo.

Após ser feito o exame, a enfermidade foi constatada: meningite bacteriana, cujos sintomas mais comuns são: febre, dor de cabeça, rigidez na nuca e manchas vermelho-arroxeadas na pele, manchas essas que já estavam começando a aparecer na menina, deixando todos assustados e apreensivos.

Zefa, contudo, mantendo a calma, pôs-se a orar rogando proteção de Nossa Senhora para a neta querida:

*– Maria Santíssima, mãe imaculada do Divino Mestre Jesus, humildemente rogo a vossa intercessão junto ao seu filho amado Jesus, para que a minha querida neta Estelinha fique plenamente curada dessa enfermidade tão perigosa e, se possível, sem nenhuma sequela. Contudo, saberei aceitar a vontade suprema de Deus, sobre o que seja melhor para ela. Que assim seja!*

Iniciado o tratamento, aos poucos, a febre foi cedendo, as dores de cabeça diminuindo, mas notaram que algo de errado estava acontecendo com Estelinha.

Quando melhorou e ia ter alta, ao retirá-la da cama, Cleusa percebeu que uma das pernas da menina não obedecia ao comando; estava fraca e ela não conseguia se manter em pé.

Nisso, Clóvis entra no quarto para carregar a criança e, ao ver a cena, logo diz:

– Estão vendo? Não adianta rezar; Deus só protege os ricos.

Ouvindo isso, Zefa retrucou:

– Que é isso, meu filho? Que descrença é essa? Não foi assim que ensinei para vocês.

João, que havia se retirado para pagar algumas despesas extras do tratamento da menina, entrou no quarto a tempo de ouvir as palavras de Clóvis.

– Clóvis, não diga tamanho absurdo! Onde está a sua fé?

Nisso, Clélia interferiu, fazendo que ele se lembrasse do sonho que teve em que lhe foi revelado que possuía a mediunidade de cura. Nesse momento, contou a todos os que ali estavam e que de nada sabiam. Mas, envergonhado, Clóvis foi logo dizendo:

– Não acreditei. Achei que foi apenas um sonho, sem nenhuma importância.

– Vamos lá – disseram todos. – Não custa tentar. Quem sabe se não será você a curá-la!

– Concordo! – disse a bondosa Zefa, convocando todos a se darem as mãos, formando uma corrente, enquanto Clóvis deveria colocar as mãos sobre a cabeça de Estelinha para energizá-la. Concentrados, todos deveriam orar mentalmente, rogando a Jesus pela melhora de Estelinha que, naquele momento, foi se tranquilizando até adormecer.

Após terminado o tratamento de cura espiritual, Clóvis acreditando que a cura poderia ser imediata, retrucou:

– E agora, quando ela acordar vai andar normalmente?

Ao que João respondeu:

– Não, não é um milagre. Esse, como todos os tratamentos proporcionados pela medicina, os resultados podem ser lentos, mas poderá ir melhorando aos poucos, se Deus o permitir. Vamos aguardar.

Clóvis, porém, muito cético, ainda não acreditava que pudesse ter essa tal mediunidade de cura. Queria ver para crer.

Mais tarde, já desperta, Estelinha vendo todos à sua volta, sorriu com satisfação. Depois de alguns dias, teve alta e foi conduzida no carro de João para continuar o tratamento em casa.

Com a continuação do tratamento de passes dados por Clóvis, sempre com a sustentação da família, Estelinha foi apresentando ligeiras melhoras. Contudo, como esclareceu João, nem sempre a melhora é completa, porque poderá estar submetida à lei de causa e efeito, por meio da qual colhemos o que semeamos no

passado.

As dores na perna passaram, e, mesmo sem conseguir andar, Estelinha se conservava alegre, sempre risonha e tagarela, enchendo de luz a vida daquela família.

E, patrocinado por João, que tinha uma vida financeira melhor, foi contratado um fisioterapeuta para fazer exercícios com Estelinha e que pudessem dar um pouco mais de movimento àquele membro parcialmente paralisado.

Entretanto, o tratamento de cura espiritual que Clóvis realizava em casa mesmo, passou a ser praticado por ele num centro espírita que passaram a frequentar, levando Estelinha de cadeira de rodas.

Foram meses e meses de tratamento, até que, um dia, quando menos esperavam, Estelinha se levantou da cadeira e, ainda procurando se equilibrar, surpreendeu a todos, pela sua força de vontade em querer se curar, a fim de voltar a correr e brincar com seu cãozinho Rafa.

Ao vê-la bem melhor, Clóvis reconheceu que deveria ter, realmente, a mediunidade de cura. Mas ali no centro foi alertado a não se envaidecer, porque do mesmo modo com que fora agraciado com esse tipo de mediunidade, lhe poderia ser tirado se dele não fizesse bom uso.

Mas, a sós com seus pensamentos de vaidade, acabou atraindo maus espíritos que dele se aproximaram para incentivá-lo a aproveitar esse dom para enriquecer.

– Não seja trouxa, Clóvis! Os outros falam essas coisas por pura inveja. Você não foi avisado por um anjo sobre a sua missão? O que está esperando para aproveitar esse dom e melhorar de vida?

E, sem comentar com ninguém, começou a arquitetar um plano para pôr em ação na primeira oportunidade que tivesse.

Mas Clélia, pela sua sensibilidade aguçada, logo percebeu que seu irmão deveria estar planejando alguma coisa errada, e passou a prestar mais atenção nele.

Entretanto, os dias foram passando sem que nada de anormal acontecesse e Clélia acabou por deixar de se preocupar com isso.

Mas Clóvis, sem que ninguém soubesse, tratou de mandar imprimir uns papezinhos para distribuir longe de sua casa, anunciando o seu dom, a fim de atrair fregueses, e cujos dizeres seriam:

## **MÉDIUM DE CURA**

**Está doente e não consegue se curar? Procure-me.**

**Os bons Espíritos que trabalham comigo podem curá-lo.**

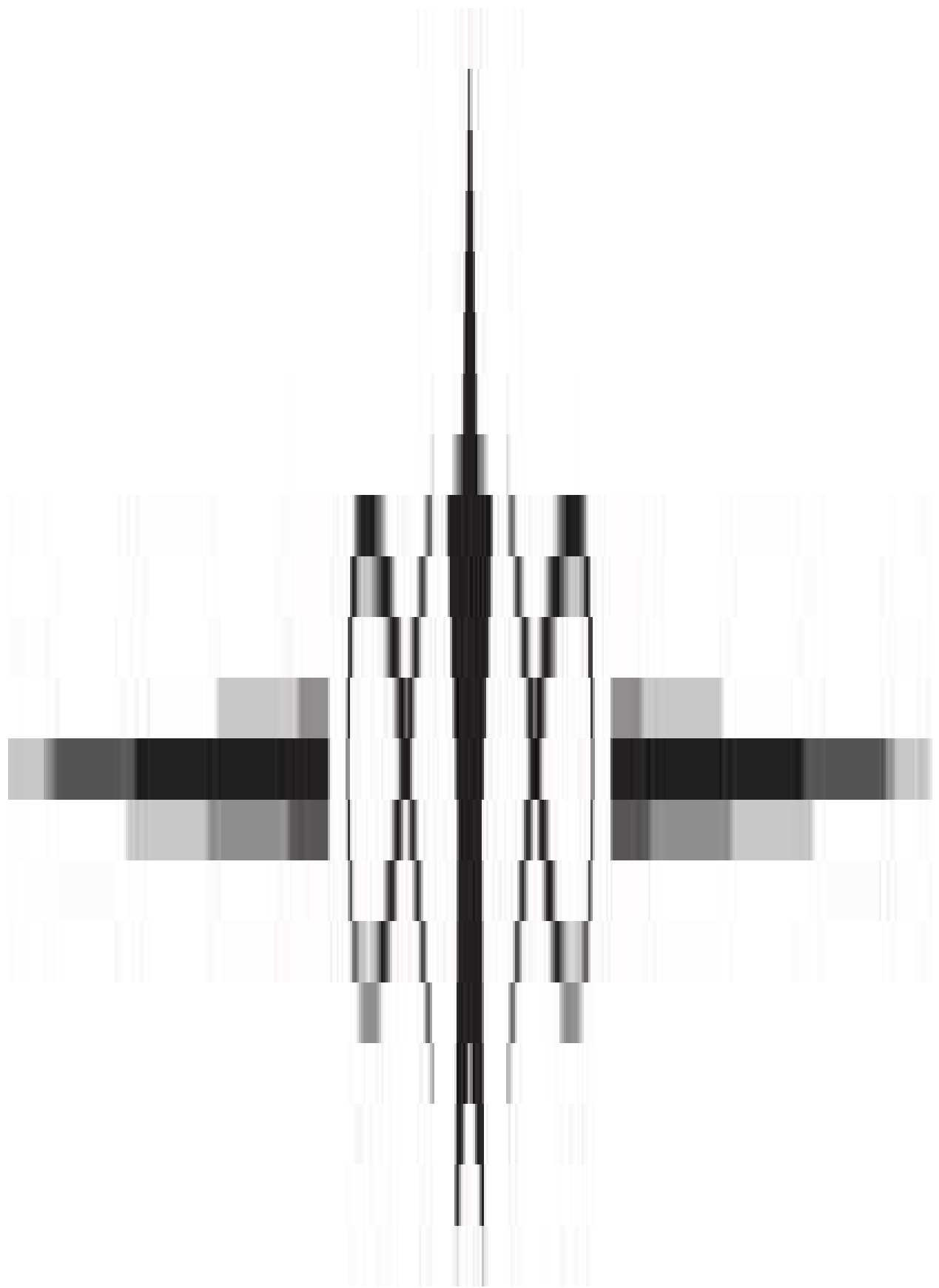
**Curo qualquer doença, até câncer! Guardo sigilo absoluto.**

**Preço a combinar – dependendo da doença.**

**Horário: às sextas-feiras e sábados, das 18 horas em diante.**

**Endereço: Rua da Esperança, nº 32 (fundos).**

## Capítulo 7



## Comprometimento com o mal

Embora continuando a frequentar

o centro espírita nas noites das terças-feiras, onde trabalhava com a sua mediunidade de cura, sem que sua família desconfiasse, nos finais de semana passou a atender sua clientela, que aumentava a cada dia.

A princípio, realmente, conseguia fazer que as pessoas melhorassem, mas era uma melhora aparente, mais condicionada à mente daquelas criaturas sofredoras, mas ignorantes e crédulas, que passavam a sentir-se curadas. E Clóvis, cada vez mais envaidecido pela atuação daqueles espíritos que o envolviam, ia por um caminho perigoso para a sua alma, que ficava endividada.

Em casa, Zefa começou a estranhar que seu filho, além de não mais comparecer às reuniões de estudo, estivesse chegando tarde demais, quando todos já haviam se recolhido.

Assim sendo, num sábado, quando os demais filhos já dormiam, Zefa se levantou e foi para o cômodo de entrada da sua casa a fim de esperá-lo. Apagou a luz, sentou-se numa cadeira e, enquanto esperava, ficou orando e pedindo a Nossa Senhora que a inspirasse sobre o que dizer ao filho.

Já passavam das duas da madrugada, quando percebeu o barulho da chave na porta e, quando Clóvis entrou, imediatamente ela acendeu a luz. Assustado com a presença da mãe foi logo perguntando:

– Mãe, o que a senhora está fazendo acordada até esta hora? Aconteceu alguma coisa?

– Aconteceu sim, mas não comigo e nem com suas irmãs. Aconteceu com você e eu quero que me diga o que foi, para eu poder ajudá-lo. Fale a verdade, meu filho. Você sabe que o amo e não gostaria que estivesse acontecendo algo de errado com você.

– Não, mãe, não está acontecendo nada, é imaginação da senhora. Apenas fiquei conversando com uns amigos e me esqueci da hora.

– Não, meu filho, já notei que você tem chegado muito tarde quase todas as noites. E com que espécie de amigos você tem andado? Tenha cuidado, porque se estiver fazendo o que não deve, deverá prestar contas, não a mim, mas a Deus. Já cometeu um erro uma vez por não me ouvir; espero que não erre novamente.

– Fique sossegada, a senhora ainda vai se orgulhar de mim! Pode dormir, pois lhe prometo chegar mais cedo amanhã. Já sou um homem e tenho certas necessidades, a senhora entende, não?

– Está bem, Clóvis, mas tenha cuidado com o que faz para não se arrependar quando for tarde demais. Boa noite, filho!

– Boa noite, mamãe! Durma bem.

Entretanto, apesar de tudo o que ouviu e das palavras que proferiu, Clóvis não se conscientizava do mal em que incorria ao fazer comércio da sua mediunidade que, inicialmente, obtinha curas reais das pessoas que o procuravam e que, por isso, estava ficando famoso. Mas não sabia que estava sendo utilizado por maus espíritos que incentivavam a sua vaidade para que, cada vez mais, se tornasse prisioneiro dessas entidades perversas e vingativas.

Nem ao centro espírita ia mais; estava completamente cego pela vaidade e pela ambição. Na porta do seu consultório onde praticava tais curas, formavam-se filas de pessoas enfermas do corpo ou da alma, mas não se dava conta de que ele também estava se tornando um enfermo, vítima dele mesmo, das atitudes erradas que tomava e dos maus espíritos que o dominavam.

Após várias semanas dessas curas aparentemente efetuadas, algumas pessoas começaram a voltar ao seu consultório para reclamar e pedir o dinheiro de volta, porque as doenças também voltavam, pois, na realidade, a cura era aparente, provocada pela sugestão das pessoas incautas e crédulas.

Alguns meses foram suficientes para que aquelas pessoas enganadas se reunissem para castigar aquele falso médium que, na realidade, estava com a sua mediunidade suspensa para servir-lhe de alerta. Assim, denunciando-o à polícia, seu consultório foi interditado e ele preso, enquanto aguardava julgamento.

Zefa, ao tomar conhecimento, mesmo indignada com as atitudes erradas do filho, foi visitá-lo na prisão. Vendo-a aproximar-se, Clóvis, muito envergonhado do que fizera, cabisbaixo, ouvia calado os sábios conselhos da mãe:

– Meu filho, piedade é o que sinto por você neste momento, mas não por estar preso, pois fez por merecer. Você não imagina o grande mal que fez a si mesmo, porque o enganado foi você por obsessores que agora farão o que quiserem para prejudicá-lo ainda mais.

Ouvindo as sábias palavras da mãe, Clóvis, arrependido, derramava lágrimas abundantes, pedindo-lhe perdão, mas sem coragem de erguer os olhos e encará-la. E Zefa continuou:

– Não é a mim que você deve pedir perdão e sim a Deus, e procurar regenerar-se de agora em diante. Lembre-se, porém, do que já foi dito em nossas reuniões: Deus é amor, mas também é justiça suprema. Assim sendo, pela lei de justiça que é uma das leis divinas, um dia você colherá os frutos do mal, hoje, plantado. Portanto, não basta arrepender-se; é preciso resgatar seus débitos pela prática do bem desinteressado, fazendo do seu viver neste mundo uma jornada plena de atos de amor e caridade. Ore com fervor, peça perdão e, se tiver condições, procure as pessoas que prejudicou e, o que puder fazer para auxiliá-las, a si mesmo estará fazendo e, com isso, granjeará juros da misericórdia divina.

Após essas palavras que lhe foram inspiradas por seu guia espiritual, Zefa se despediu do filho e retirou-se com os olhos também inundados de lágrimas, pois tudo isso havia sido muito doloroso para um coração de mãe.

Clóvis, vendo-se a sós, atendendo ao que a mãe havia sugerido, imediatamente pôs-se a orar e, de joelhos, ali permaneceu por quase duas horas, até que, vencido pelo cansaço, estendeu o corpo naquele chão duro e adormeceu.

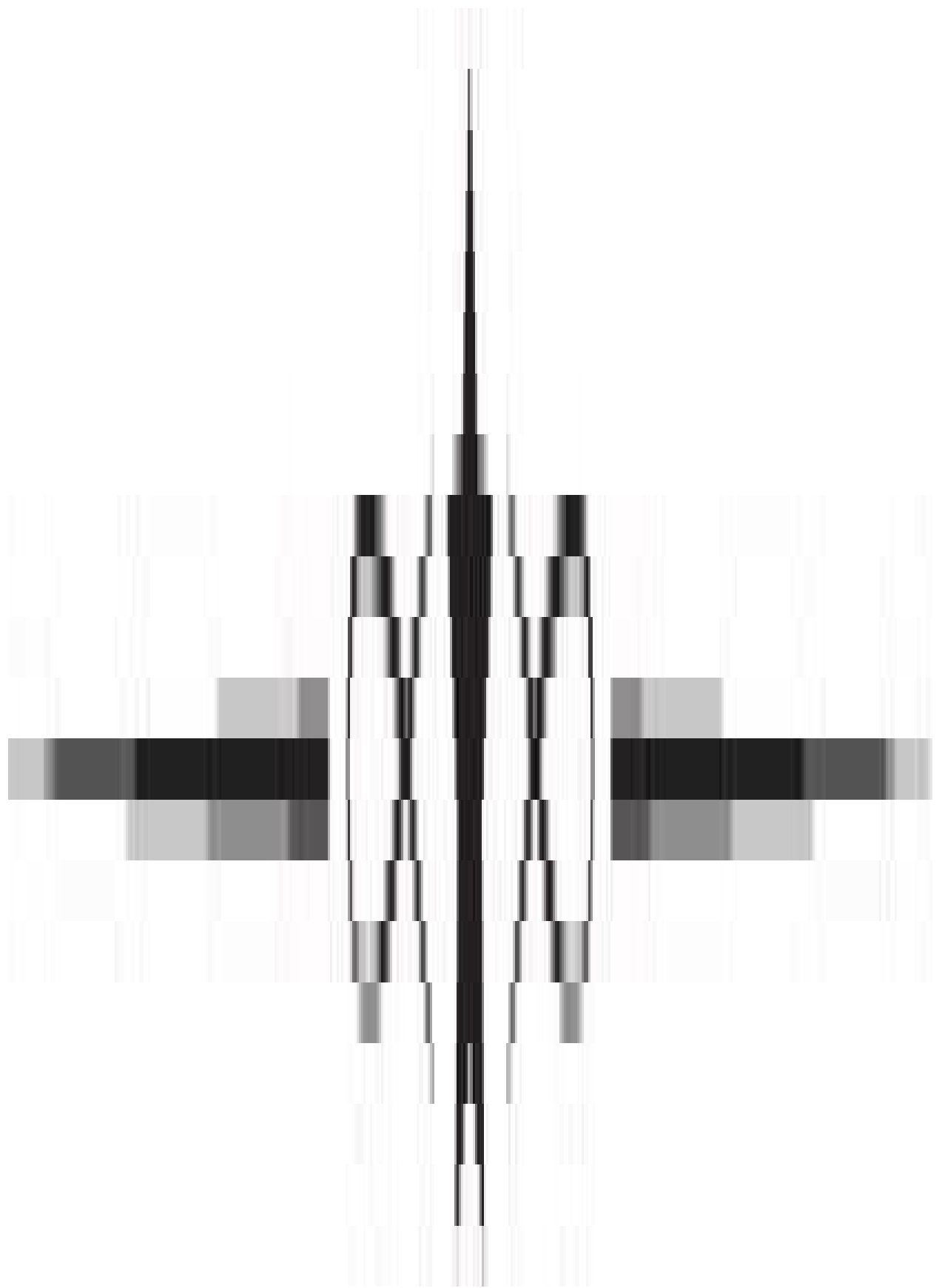
Nem bem se despreendeu do corpo físico, percebeu que vários espíritos dele se aproximavam, muitos deles com caras horrendas, alguns o acusando, outros gargalhando, fazendo-o acreditar que estava no inferno, sem perceber que o inferno estava dentro dele mesmo, pela consciência culpada, em razão do comprometimento com o mal.

E ali ficou o restante do dia, sem conseguir despertar, sofrendo horrores nas mãos daquelas entidades trevosas que não queriam largar aquela presa.

Clóvis só despertou ao amanhecer do dia seguinte, assim mesmo pela intercessão da mãe, que tinha méritos para isso, pelas preces sinceras feitas em seu favor, que atraíram uma forte luz envolvendo seu filho e fez com que aqueles espíritos trevosos largassem a presa e se afastassem em debandada.

Suando muito, apesar do friozinho da manhã, Clóvis elevou o pensamento a Jesus e aos bons espíritos em agradecimento por tê-lo livrado daquela situação, que considerava ter sido um pesadelo motivado pelo remorso.

## Capítulo 8



## **Novamente a liberdade**

Após o julgamento que se deu com três meses de espera, Clóvis foi condenado a um ano de prisão domiciliar e ao pagamento de uma quantia muito alta, que pudesse ressarcir, em parte, o que seus consultentes a ele tivessem pago, já que também não os isentava plenamente de qualquer culpa, por terem se deixado ludibriar. É verdade que, na hora do desespero, as pessoas procuram qualquer coisa que os aliviem dos problemas ou da dor, esquecidos de que devemos sempre agir com cautela, para não nos arrependermos depois.

Passado esse ano de espera, em que Clóvis teve de limpar suas contas bancárias que haviam crescido muito para poder resgatar sua dívida com a justiça, finalmente foi solto.

No dia em que deveria alcançar sua liberdade definitiva, mal acordou, lembrou-se de orar a Deus em agradecimento por tudo que estava recebendo da misericórdia divina, por reconhecer que aquele período difícil que atravessou foi necessário para que pudesse, não apenas resgatar os seus débitos perante a própria consciência, mas, principalmente, como aprendizado, para não cometer o mesmo erro.

Assim, com o propósito firme de só trilhar caminhos retos na vida, logo buscou o centro espírita onde por algum tempo exerceu atividades mediúnicas, pedindo autorização para retornar aos trabalhos espirituais de cura que antes realizava.

Conversando com o presidente daquele centro, nada escondeu do que passou durante o tempo em que esteve afastado daquela casa. Muito envergonhado, falou do seu arrependimento e do esforço que estava fazendo para procurar melhorar.

Muito compreensivo, o presidente Edvaldo encaminhou-o para o atendimento fraterno, onde recebeu orientação para fazer um tratamento espiritual a fim de retornar ao equilíbrio, pois ninguém pode doar ao próximo aquilo que não possui e acrescentou:

– Meu irmão, lembre-se de que cumpriu o que a justiça humana lhe prescreveu, mas ainda falta cumprir o que a Justiça Divina possa lhe exigir, que é o servir ao próximo, mas sem nenhum interesse escuso, doando não apenas bens materiais que lhe faltem para um bem viver aqui na Terra, mas, principalmente, bens espirituais como tolerância, compreensão, paciência, misericórdia, enfim, amor em sua plenitude.

E, assim, aos poucos, Clóvis foi se reequilibrando, sem jamais ter quaisquer interesses menos dignos, apesar de a sua mediunidade ainda estar suspensa. Voltou a estudar frequentando os cursos de educação mediúnica do centro e as reuniões de Evangelho no próprio lar, demonstrando real compreensão e aceitação dos ensinamentos deixados por Jesus.

À medida que estudava, sentia sua sensibilidade voltando a aflorar. Contudo, foi agindo sem pressa, com cautela, para não mais se deixar envolver por sentimentos impuros, que pudessem levá-lo a agir de maneira menos digna para com o próximo.

Porém, evitava aproximar-se muito de Clélia, com receio de que ela visse algo nele voltado para os caminhos do mal. Pretendia sentar-se à mesa das reuniões, distante da irmã e num lugar fora do alcance da sua visão. Embora tendo quase certeza de haver se libertado totalmente daquelas entidades que o atormentavam, tinha receio de vir a fraquejar em seus propósitos sinceros de renovação interior.

Entretanto, não houve jeito. Para evitar um ventinho gelado que soprava da vidraça, Clélia sentou-se exatamente onde Clóvis pretendia sentar. Mas, como naquele dia havia alguns amigos que passaram a frequentar a “Reunião da Zefa”, como passou a ser chamado esse agrupamento familiar, Clóvis precisou pedir à irmã que chegasse um pouco para o lado para ele se sentar, porque todos os lugares do rústico banco em que todos procuraram sentar já estavam tomados.

Clélia, porém, sentada lado a lado com ele, não teve muita visão para saber se havia algo de errado com o irmão. Contudo, ao ser chamado para fazer a prece de abertura, Clóvis ficou em pé e a irmã, mesmo sem enxergar, com os olhos da alma pôde observá-lo melhor e nada constatou de errado.

Após a prece, Clóvis sentou-se, sentindo-se muito emocionado, por perceber que recebeu muita intuição para proferir palavras tão lindas, pelas quais externava muita sabedoria e amor pelo próximo.

Clélia deu-lhe uma ligeira batidinha no ombro, testemunhando a sua alegria, ao perceber que o irmão estava se regenerando e recuperando a sua mediunidade.

Ao término da reunião, na qual foi estudado o Capítulo XXVI de O Evangelho segundo o Espiritismo: "Dar de graça o que de graça receber", capítulo esse que foi aberto ao acaso, mas que caiu como uma luva para que Clóvis compreendesse o grave erro cometido, muitos se despediram, ficando apenas os mais chegados a tecerem comentários sobre o que puderam aprender.

Envergonhado, Clóvis ouviu calado e com os olhos lacrimejantes os comentários feitos a respeito da lição do dia. Compreendendo a responsabilidade que carregava em si, pela mediunidade que, gratuitamente, havia lhe sido dada, intimamente orava pedindo perdão a Deus, e prometendo ser um discípulo fiel de Jesus na implantação do bem, em favor de irmãos sofredores.

Um dos participantes da reunião, um senhor de idade já bem avançada, que ali estava pela primeira vez, foi quem fez a prece de encerramento, agradecendo àquela família pela acolhida que teve.

Enquanto a reunião acontecia, Estelinha dormia tranquilamente em seu quarto, amparada por seu anjo guardião, que lhe proporcionava a proteção necessária para que nenhum mau espírito dela se aproximasse, levando-a a despertar chorando, o que poderia perturbar o andamento da reunião.

Enquanto dormia, seu anjo levou-a a ter lindos sonhos premonitórios da sua missão aqui na Terra, fazendo que recordasse os compromissos assumidos na espiritualidade.

No dia seguinte pela manhã, mal acordou, Estelinha se levantou e foi procurar por sua mãe para lhe contar pequenos detalhes do sonho que conseguiu se lembrar.

Cleusa, porém, que ainda não tinha fé suficiente para compreender os mistérios da vida, achou que tudo o que sua filhinha dizia não passava de fantasia:

– Está bem, filhinha, vai agora escovar os dentes e venha tomar o seu leite quentinho.

Ao dizer tais palavras, Cleusa não mais pensou no que Estelinha havia dito.

Enquanto a menina se alimentava, o cãozinho Rafa se aproximou, demonstrando a sua alegria, querendo brincar.

Ao terminar, ainda mancando ligeiramente, Estelinha foi com ele para o quintal e lá avistou Clélia já a cuidar das suas flores com aquele carinho de sempre.

Ao perceber a chegada da sobrinha, Clélia cumprimentou-a com um sorriso:

– Bom dia, Estelinha! Já acordada tão cedo? Então venha me ajudar a plantar esta muda de flor que me deram. Parece que é uma flor que ainda não tenho, mas a pessoa que me deu disse que é muito bonita e cheirosa.

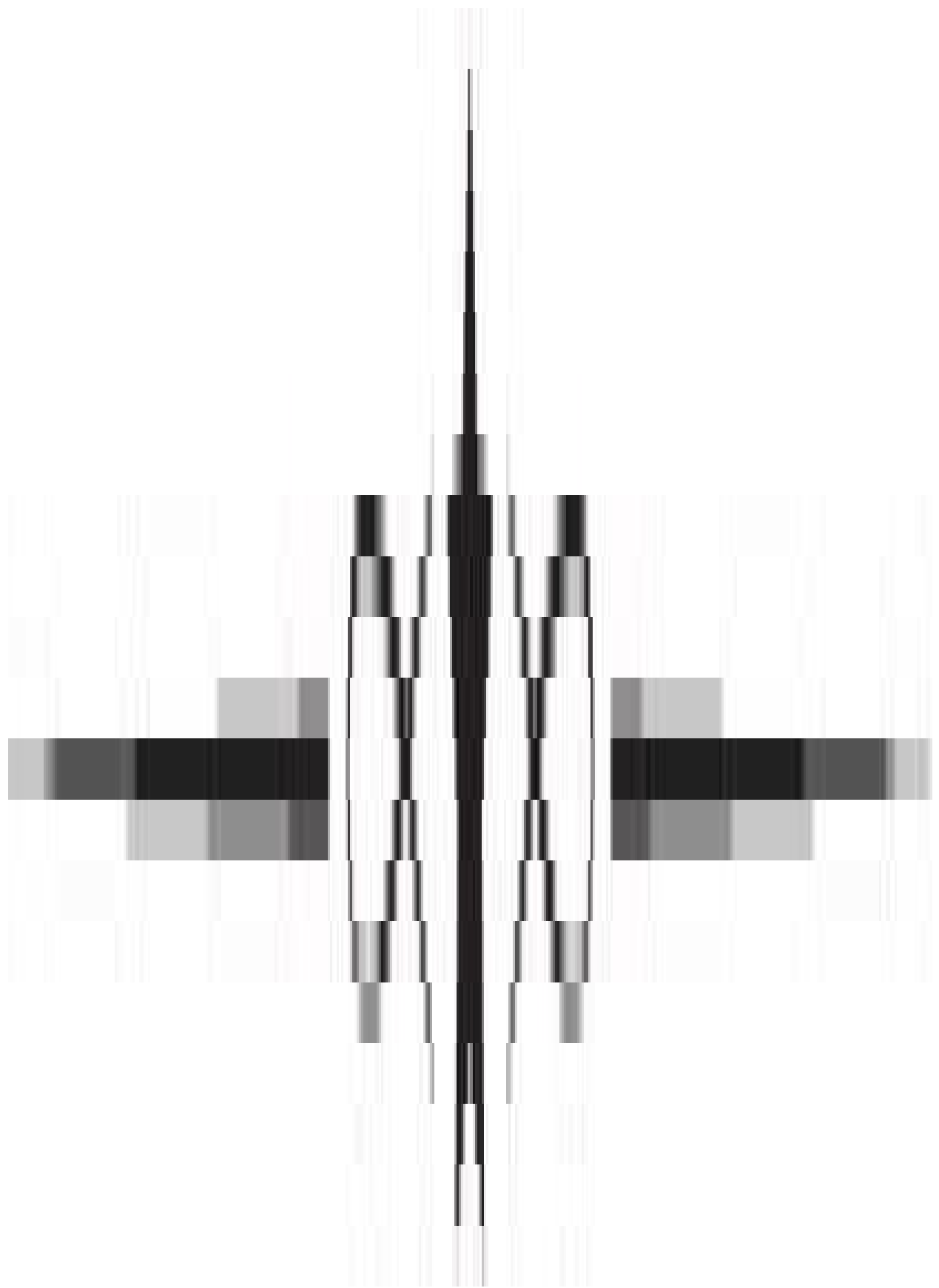
– Está bem, titia! Ajudo sim, mas espere um pouquinho só, porque o Rafa está querendo brincar comigo e não fica sossegado.

Dizendo isso, pôs-se a jogar uma bolinha e ele corria a buscá-la, trazendo-a de volta. E assim foi, por várias vezes, até que ele se cansou e se espichou no chão, num lugar sombrio e logo adormeceu.

Assim, Estelinha ficou livre para ajudar Clélia a plantar a muda da nova flor, para enfeitar ainda mais o seu jardim.

Com as distrações, Estelinha nem mais se lembrou do sonho que teve. Não se lembrou conscientemente, mas no subconsciente ali ficou guardado para que, no momento certo, viesse à tona e pudesse se recordar.

## Capítulo 9



## **Nasce um centro espírita**

A casa de Zefa já estava ficando pequena para receber tanta gente que passou a frequentar as suas reuniões de estudo do Evangelho.

Assim, por inspiração recebida por Clélia, uma sugestão foi feita: que as pessoas mais chegadas se reunissem para alugar uma casa maior, na qual seria fundado um novo centro espírita. E, segundo a opinião de João, era preciso que se elegeisse uma diretoria para traçar as diretrizes. E assim foi feito. Um a um foram escolhidos os membros da diretoria entre os frequentadores mais assíduos, que tivessem condições de assumir a grande responsabilidade para a qual tinham sido escolhidos.

Como Zefa, pela sua humildade, se recusou a aceitar qualquer posto, João foi eleito como presidente. Ela apenas aceitou cuidar da parte beneficente.

Alguns, ainda novatos nos estudos, envaidecidos, esperavam ter seus nomes lembrados, mas, sentindo-se humilhados por não terem sido escolhidos, logo se retiraram.

Eleita a diretoria, passaram a dar sugestões para escolher o nome do centro, mas, sem chegarem a um consenso, deixaram a decisão para a próxima reunião.

Assim todos se retiraram, prometendo pensar em outras sugestões.

Na semana seguinte, reunidos novamente para o estudo do evangelho, surgiram muitas outras sugestões, mas estava difícil chegarem a uma decisão, até que Clélia, inspirada, ergue a mão e diz:

– Que tal Casa dos Obreiros de Maria? Seria uma homenagem também à Zefa, minha querida mãezinha, que é tão devota de Nossa Senhora, Maria, a mãe de Jesus.

O nome foi aprovado por unanimidade.

A seguir, traçaram-se os planos para serem executados o mais breve possível.

Alugada a casa, não muito distante dali, campanhas foram feitas para a aquisição de cadeiras, uma pequena mesa e uma prateleira para colocar os livros que recebessem por doação, inclusive de algumas editoras espíritas. Alguns objetos de utilidade geral foram doados por frequentadores da casa da Zefa. E, assim, pouco a pouco, o novo centro foi nascendo pela boa vontade daquelas pessoas, em sua maioria com pouquíssimos recursos, mas com boa vontade e muito amor no coração.

O dia da inauguração foi festivo. Foram convidados alguns dirigentes de outros centros que prometeram dar todo apoio necessário, inclusive cedendo, provisoriamente, alguns médiuns para ministrarem aulas do Curso de mediunidade que logo seria iniciado.

Assim, humildemente, a Casa dos Obreiros de Maria foi surgindo, com espaço suficiente para abrigar mais pessoas que já simpatizavam com o espiritismo, mesmo sem terem frequentado nenhum centro espírita.

Pouco a pouco, foram surgindo trabalhadores com mais conhecimento da doutrina e que ficariam encarregados das palestras a serem feitas nas reuniões semanais que, por enquanto, seriam apenas noturnas.

Zefa convocou algumas pessoas para integrarem um grupo que seria encarregado de arrecadar alimentos e outras doações, que seriam entregues às famílias carentes. Enfim, a fundação daquele novo centro seria uma tarefa trabalhosa e de grande responsabilidade.

É claro que contariam com o apoio da espiritualidade, para que tudo desse certo. Contudo, como seria uma construção do plano material, a mão de obra, como a pintura, por exemplo, precisava contar com a boa vontade dos encarnados. Já as diretrizes espirituais seriam baseadas nos conhecimentos adquiridos, mas, contando com o amparo dos bons espíritos, que haveriam de intuir os médiuns responsáveis por cada setor.

Alguns anos depois, aquele centro já havia crescido bastante, pois o número de frequentadores aumentou consideravelmente.

Clóvis, regenerado, com a sua mediunidade já restabelecida, era o responsável pelos trabalhos de cura que voltou a realizar e que já apresentavam curas reais, amenizando a dor de muitas pessoas que ali buscavam um pouco de alívio para os seus males. Contudo, para cada paciente atendido, mentalmente recordava das

palavras de Jesus aos que se desviavam do caminho reto a seguir: “Vai, e não peques mais.”

Clélia, embora ainda muito jovem, pela grande sensibilidade com que fora dotada, fazia parte do grupo de desobsessão.

Cleusa, após preparar-se suficientemente, ficou como responsável pela Evangelização Infantil, contando sempre com a colaboração de novos membros que dividiriam as tarefas entre si. E é claro que Estelinha iria participar do número dos pequeninos aprendizes do evangelho.

Assim, o “Obreiros de Maria” passou a ser quase uma extensão da “Casa da Zefa”. Entretanto, muitos outros médiuns foram despontando, alguns muito bons e responsáveis, outros nem tanto, como em todos os lugares em que o servir ao próximo, muitas vezes, deixa de ser uma prioridade. Porém, mesmo tendo boa vontade em servir, alguns ainda eram quais frutos verdes que precisavam amadurecer, pois lhes faltavam mais conhecimentos, não apenas da parte doutrinária, mas, principalmente, vivência dos ensinamentos de Jesus.

Era preciso dar tempo ao tempo, pois nada acontece na vida, nem mesmo numa casa espírita, para que se chegue rapidamente ao que das pessoas se espera. Assim, alguns que, a princípio, se achavam entusiasmados, diante da primeira dificuldade, se afastaram. As prioridades passaram a ser outras e o trabalho material, para muitos, passou a ser uma necessidade e, com o corpo físico exausto, requerendo descanso, procuravam algumas distrações nem sempre dignas.

Tal situação nos faz lembrar da Parábola do Semeador proferida por Jesus, em que as sementes foram plantadas em solos diferentes e nem todas conseguiram vingar. Assim, também, as sementes do Evangelho plantadas nos corações alheios, nem sempre chegam a germinar.

Recordemos um pouco a Parábola que, resumidamente, é assim:

“Um semeador saiu para plantar sementes, esperando que, um dia, frutificassem. Entretanto, algumas sementes caíram junto da estrada, e logo foram comidas pelas aves, simbolizando aquelas pessoas que se achegam ao espiritismo movidas pela curiosidade em ver fenômenos ou mesmo, por alguma necessidade urgente, que após satisfeita, logo desaparecem.

“Outras sementes caíram em terra pedregosa, chegaram a brotar, mas não tendo raiz profunda, logo secaram. Estas simbolizam aquelas pessoas endurecidas, que ouvem os ensinamentos proferidos, mas logo os esquecem por não lhes penetrarem no coração.

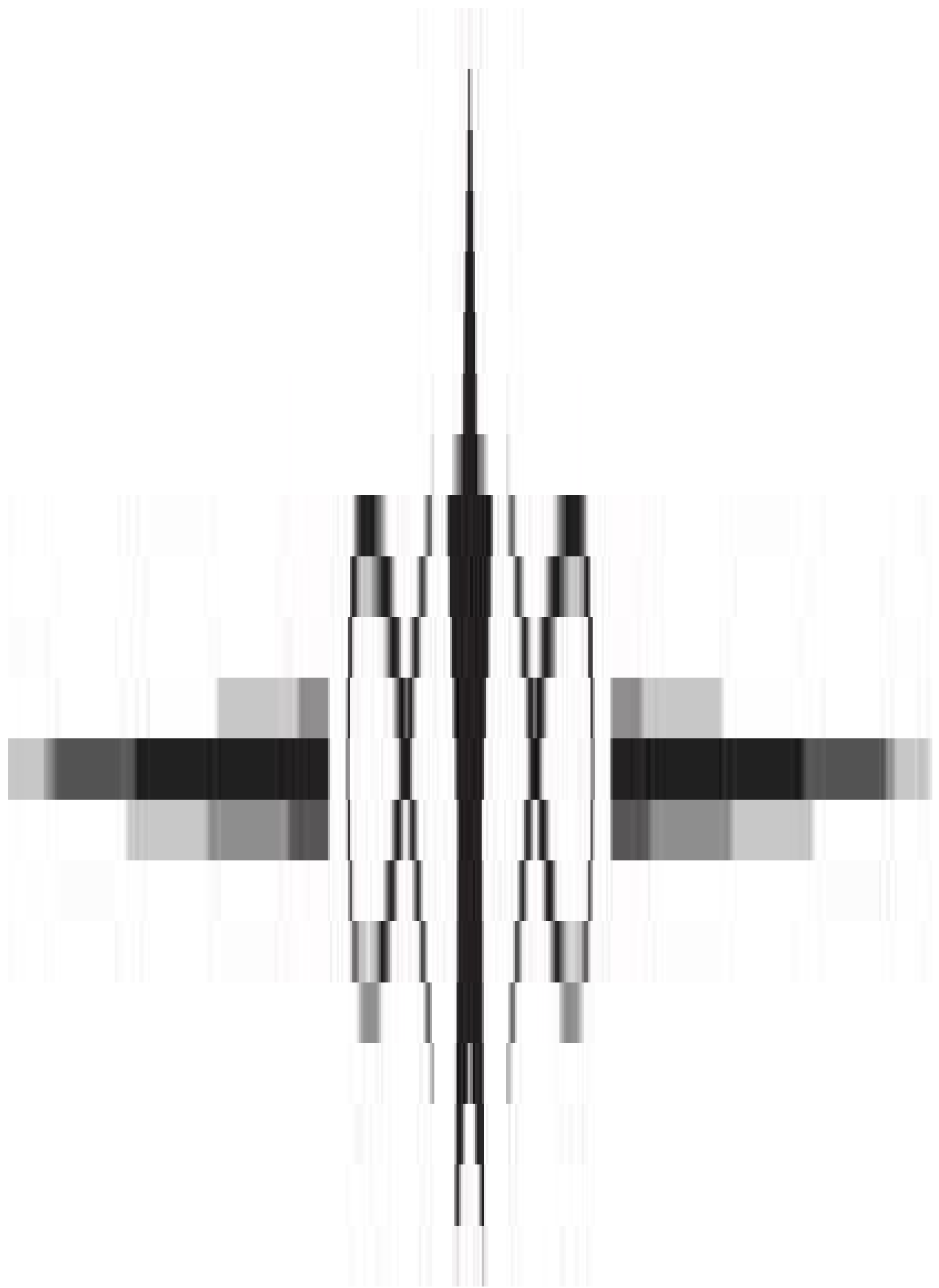
“Outras, ainda, caíram sobre espinheiros que as sufocaram, lembrando aquelas outras que só se preocupam com as coisas do mundo, com a aquisição de bens materiais e, os bens espirituais recebidos deixam de lado, ocupando a mente com outras coisas, muitas vezes sem nenhuma utilidade para a própria alma.

“E, finalmente, algumas poucas sementes foram plantadas em terra boa e logo brotaram, floresceram e deram frutos saborosos. São estas que simbolizam aquelas pessoas, espíritas ou não, mas que sabem aproveitar os bons ensinamentos recebidos para se renovarem interiormente, passando a produzir bons frutos de amor e caridade.”

Compreende-se, assim, o porquê de muitas pessoas, após receberem ajuda da espiritualidade para a solução de seus problemas, logo se afastarem da casa espírita que frequentam, só retornando quando as coisas se complicarem novamente para elas. Outras, mesmo com uma bagagem já bem grande de conhecimentos e uma mediunidade afluída, negam-se a colocá-los em prática, justificando-se ainda não estarem preparadas para o trabalho na casa espírita, embora continuando a frequentá-la.

Embora se saiba que o livre-arbítrio de cada um deve ser respeitado, sabe-se também que a Seara do Cristo é grande e os trabalhadores são poucos. Mas cada um dará conta de si mesmo a Deus. Portanto, jamais devemos criticar este ou aquele companheiro que deserta da casa onde tantas bênçãos tenha recebido, procurando outra casa para trabalhar e onde consiga exercer alguma atividade de sua preferência, seja esta movida pela vaidade ou pelo desejo de progredir espiritualmente.

## Capítulo 10



## Novos rumos

Após cinco anos de

trabalhos tão gratificantes para todos, surge uma certa desunião entre alguns trabalhadores que, ao se sentirem preteridos nas escolhas que fizeram para a composição de alguns outros grupos de trabalho, começaram a implantar a discórdia que levou ao rompimento até mesmo de alguns laços de amizade.

Instigados por irmãos das trevas, pela abertura que tais trabalhadores deram, alguns acabaram se afastando da casa, inclusive médiuns experientes que, com isso, tornaram-se joguetes de obsessores.

Mas como o bem deve sempre prevalecer sobre o mal, outros que tinham um amor profundo por aquela casa redobram a vigilância sobre si mesmos, por meio de orações constantes e de bons atos praticados, cumprindo o “Orai e Vigiai”, recomendado por Jesus, conseguindo assim que a Casa dos Obreiros de Maria não viesse a naufragar no mar de desavenças surgidas e instigadas por espíritos voltados para o mal.

E um dos pilares que sustentaram a firmeza da casa para que não desmoronasse foi Zefa, apesar de desgastada e fragilizada fisicamente pelos anos vividos numa luta constante, mas sempre amparada pela fé e pela sólida amizade construída com João.

Passado esse período de conturbação, a casa voltou a crescer. Alguns médiuns arrependidos resolveram voltar e passaram a se dedicar com mais alegria e entusiasmo que antes, colaborando de todas as formas possíveis para que o mal causado pela decisão de se afastarem, pudesse ser esquecido. A casa estava ali, pronta a recebê-los de volta, como aquele Filho Pródigo da Parábola de Jesus, em que o pai recebeu o filho ingrato, mas arrependido, com os braços abertos apesar de ele ter desperdiçado os bens materiais recebidos.

E, assim, novos rumos surgiram não só para eles, mas para a própria casa que, contando com a boa vontade de todos, empenhou-se em angariar fundos para a

construção de uma sede própria, maior, a fim de poderem atender a mais pessoas necessitadas de auxílio espiritual, mormente, nos dias conturbados que todos atravessavam.

Mobilizaram-se trabalhadores e assistidos pela casa, fazendo campanhas e promovendo eventos que pudessem render contribuições espontâneas ou não, para que o sonho da casa própria, um dia, se tornasse realidade.

Em meio a esse movimento, a venda de livros espíritas crescia, porque a leitura era incentivada e o bazar de roupas novas ou usadas, também se elevava a todo vapor.

Assim, a Casa dos Obreiros de Maria, à medida que crescia em número de cooperadores, também aumentava em atendimentos que pudessem auxiliar a muitos necessitados que, em troca das benesses recebidas, davam a sua contribuição em trabalho gratuito, auxiliando no que fosse preciso.

Com o terreno doado por um dos frequentadores da casa e com a colaboração efetiva daqueles que se dispuseram a auxiliar espontaneamente, todos já sonhavam com a nova casa erguida, que haveria de ser um exemplo de trabalho construtivo em benefício daqueles que nela encontravam consolo, força e coragem para enfrentar as agruras e os embates da vida.

Assim, em menos de um ano, a nova sede começou a surgir. Pedreiros, pintores, marceneiros, vidraceiros, encanadores, eletricitas e outros colaboradores que frequentavam a casa deram a sua contribuição, por mínima que fosse, mas sempre com muito amor. Era um trabalho coletivo de ordem material, mas que haveria de lhes render juros de benesses espirituais.

Até mesmo o engenheiro, que era um dos médiuns da casa, ofereceu o seu trabalho gratuitamente. O amor pela Casa dos Obreiros de Maria era muito grande, não apenas por retribuição aos benefícios que dela recebiam. Era um amor desinteressado, porque sabiam que, na realidade, estavam servindo em nome de Jesus.

Não mais aquela cozinha da casa da Zefa, não mais aquela casinha alugada; agora era uma bela casa que aos poucos surgia, tendo à frente um lindo jardim, onde já estavam sendo plantadas muitas flores, cujas mudas, em grande parte, foram doadas por Clélia.

A Casa dos Obreiros de Maria, quando pronta, teria condições de abrigar vários cursos para que novos e experientes trabalhadores pudessem surgir, cada qual realizando, com amor, a tarefa que lhe seria designada.

Nenhum sofredor que chegasse, seria desprezado, mas sim, acolhido com muito carinho e atenção, para que dali pudesse sair sentindo-se aliviado e reconfortado por tudo que recebesse, não só do plano material, mas também do espiritual.

Mães que perderam algum filho, seria ali que iriam buscar consolo para o seu sofrimento, pelas palavras que ouviriam dos palestrantes, passando-lhes o conhecimento de que o espírito é imortal e que, toda revolta que tivessem, só iria prejudicá-las. Outras, ali iriam buscar notícias do ente querido que havia partido, mas que, mesmo não conseguindo, seriam reconfortadas pela certeza de que, um dia, haveriam de reencontrá-lo.

A fé na vida futura após a morte carnal renovava-lhes a esperança de uma convivência feliz no plano espiritual. Contudo, para que isso realmente viesse a acontecer, ninguém deveria apressar a própria morte, o que resultaria num afastamento ainda maior.

E, assim, vários casos de sofrimentos acerbos haveriam de ali se apresentar, em busca de uma orientação de como agir diante desta ou daquela situação. Contudo, nenhum médium deveria resolver problemas de ninguém, pois isso representa uma interferência no livre-arbítrio alheio. Orientar não é dar respostas prontas e, sim, mostrar caminhos a seguir, mas a decisão da escolha é sempre do outro.

As pessoas precisam crescer interiormente; portanto, não devem esperar que o médium lhes diga exatamente aquilo que desejam ouvir.

Há irmãos que, quando não escutam o que esperavam ouvir, se afastam, indo procurar a resposta que desejam em outro lugar e, às vezes, nessas buscas acabam sendo enganados por falsos médiuns ou comprometendo a própria evolução espiritual.

Muitos sofrimentos pelos quais passamos na vida representam, exatamente, lições que precisamos aprender. Portanto, tenhamos aceitação e analisemos com atenção que lição a vida está querendo nos ensinar. A oração feita com humildade nos faz ver o que não conseguimos enxergar.

Assim, entre uma dificuldade e outra que, com esforço e boa vontade foram resolvidas mais rapidamente do que se esperava, a nova sede da Casa dos Obreiros de Maria, finalmente, ficou pronta. Mais linda do que se imaginava!

No saguão de entrada, à vista de todos, foi colocado um quadro com uma belíssima imagem de Maria, a gloriosa genitora do Divino Mestre Jesus.

No dia da inauguração, o salão principal onde seriam realizadas as palestras estava ornamentado com muitas flores. Seria um dia festivo.

O palestrante convidado foi um dos membros da FEB (Federação Espírita Brasileira) que discorreu sobre a caridade material e a caridade moral.

Suas palavras foram belíssimas, levando várias pessoas às lágrimas, pelos exemplos reais por ele relatados.

Após a palestra, um coral formado por alguns médiuns cantores se apresentou cantando a Ave Maria de Schubert, recebendo calorosos aplausos.

Enquanto isso, a espiritualidade se encarregou de fazer cair gotículas de luzes multicoloridas sobre todas as pessoas que ali se encontravam. Ato esse que alguns médiuns videntes puderam constatar.

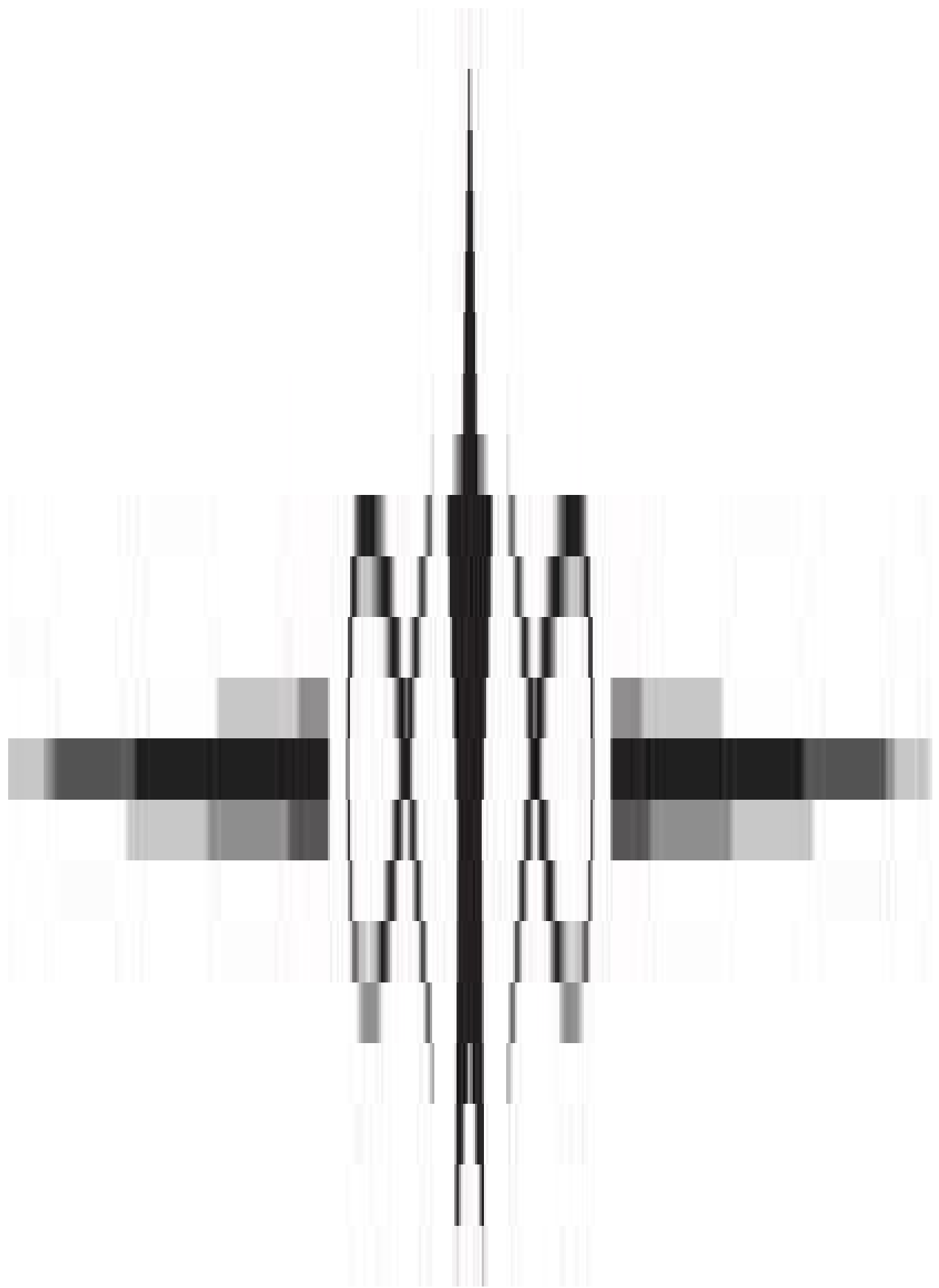
Encerrando a festividade, ao som de mais algumas músicas cantadas pelo coral, as pessoas, vagarosamente, começaram a se retirar e, pelo caminho, iam felizes e agradecidas a Deus pelas bênçãos recebidas no instante final.

Uma senhora, voltando-se para o companheiro, dizia:

– Eu não lhe disse, meu marido, que o centro espírita que frequento você também deveria frequentar?

Calado, ele se retirou pensativo.

## Capítulo 11



## Na nova casa

Na primeira semana de funcionamento na nova sede, a Casa dos Obreiros de Maria ficou lotada. Pessoas que, há muito, não se preocupavam em visitar um centro espírita, fossem movidas pela curiosidade ou pela necessidade, estiveram presentes.

A vibração da nova casa permitia que todos se sentissem renovados interiormente. Mal adentravam na casa, os mais sensíveis percebiam que algo diferente estava acontecendo. A presença dos mentores é que proporcionava às pessoas uma sensação de paz interior. Até os mais aflitos ou desesperados se acalmavam.

No salão principal, um silêncio geral proporcionava-lhes o desejo de orar ou de meditar, enquanto aguardavam o início dos trabalhos do dia.

Pontualmente, os trabalhadores espirituais já estavam a postos, aguardando que todos os médiuns se acomodassem para que a reunião se iniciasse com uma prece que, naquele dia, ficou a cargo de João, o presidente da casa.

João deu início, agradecendo a todos que puderam colaborar para que aquela nova sede se tornasse uma realidade. Depois, concentrado profundamente e inspirado por seu mentor, João proferiu uma pequena, mas belíssima prece:

*Maria, mãe idolatrada, neste momento tão especial em que iniciamos os nossos trabalhos nesta nova sede da nossa casa, da qual sois a mentora, regozijamo-nos pela graça alcançada através da vossa intercessão junto ao vosso filho amado, Jesus. Rogamos a vossa bênção e proteção, a fim de que consigamos minimizar as dores físicas ou morais dos irmãos que nos buscarem. Que aqui todos possam encontrar a tão almejada paz interior e alento para prosseguirem na jornada terrena com resignação e fé, sempre em busca da própria evolução espiritual. Com os pilares fincados e, firmes, que possamos prosseguir neste trabalho de caridade que nos foi confiado, mesmo com sacrifício dos nossos*

*interesses e necessidades. Que assim seja!*

Do lado de fora, bons espíritos mantinham-se vigilantes, impedindo que os espíritos ainda voltados para o mal, de alguma forma, viessem perturbar a ordem e o equilíbrio da reunião e dos trabalhos de ordem espiritual que iriam começar.

Após a prece, cuja finalidade era preparar o ambiente, com a subida vibratória de todos que, naquele momento ali se encontravam, o palestrante, que era um trabalhador egresso de um centro de outra cidade e que para nessa havia se mudado, deu início à palestra evangelizadora do dia, cujo tema seria: “A prece e suas consequências renovadoras.”

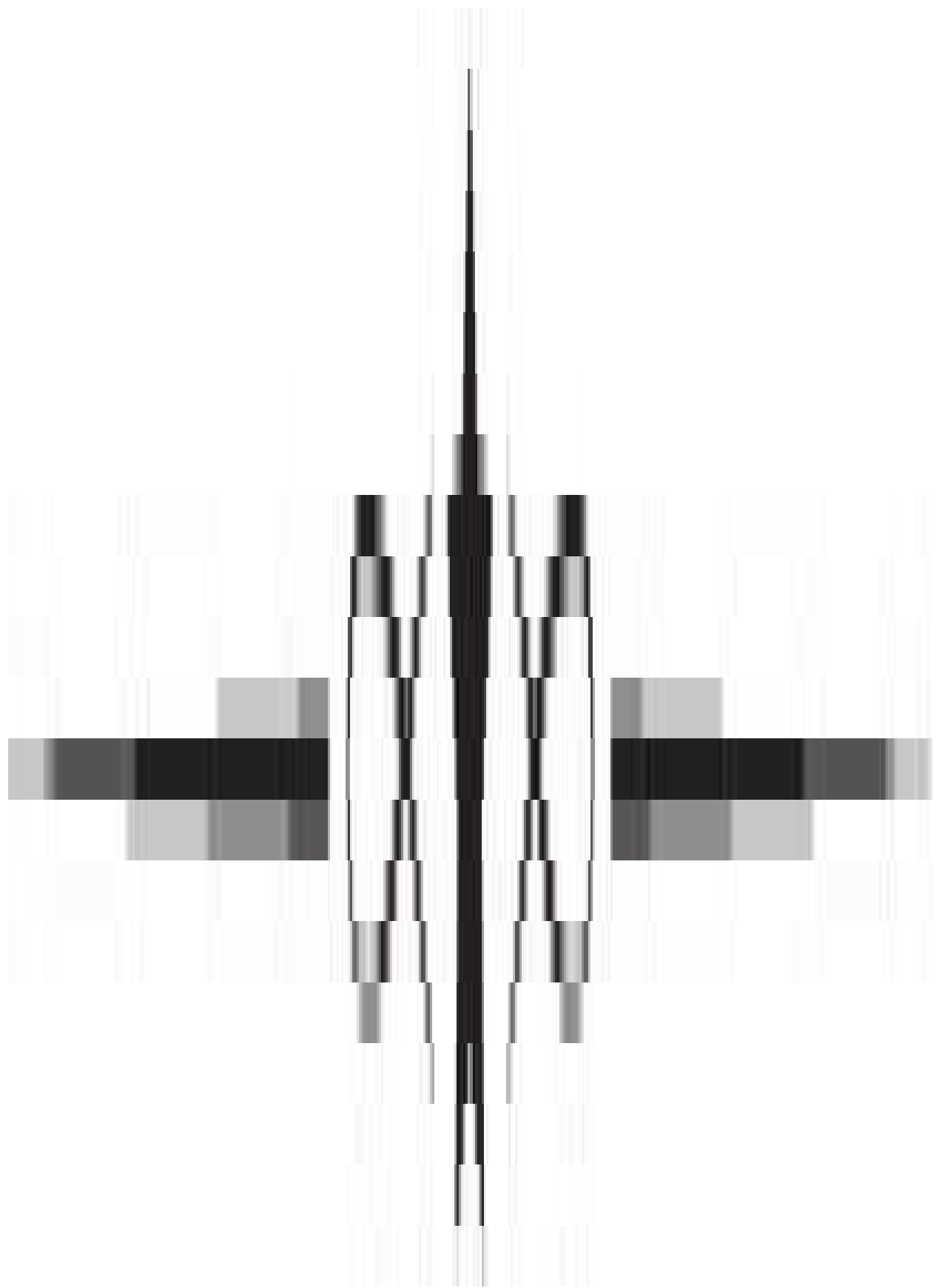
À medida que o palestrante falava, alguns se sentiam tão tocados por suas belas palavras que chegavam a verter lágrimas de emoção, por recordarem os problemas que não conseguiram superar em suas vidas, justamente pela falta de fé que os impedia de orar. Enquanto outros, da mesma maneira, recordavam as bênçãos que haviam recebido por meio das preces que fizeram, puderam sentir-se renovados interiormente.

Após a palestra, cada trabalhador da casa se dirigiu ao local para o qual havia sido designado. A seguir, iniciaram-se os trabalhos de passe, com atendimentos aos necessitados que ali chegaram esperançosos em encontrar soluções para os próprios problemas ou alívio para as suas dores físicas ou morais.

Os casos mais graves, caracterizados como de obsessão, eram atendidos separadamente, em local apropriado. Já os tratamentos de curas físicas seriam atendidos em dia diferenciado, por recomendação da equipe médica da espiritualidade, que tinha amparo e proteção do doutor Bezerra de Menezes.

Após o encerramento dos trabalhos, muitos dentre os assistidos se retiraram emocionados e felizes, tecendo comentários a respeito da palestra e das boas vibrações encontradas naquela casa, além da satisfação pelo tratamento recebido através dos médiuns, que serviam de intermediários das bênçãos espirituais.

## Capítulo 12



## O retorno de Rafael

Na casa de Zefa a vida prosseguia com normalidade. Cleusa, sempre que podia, colaborava com sua mãe, não só com os afazeres domésticos, mas também na arrecadação de doações para suprir as necessidades de pessoas carentes atendidas pelo centro. Ao mesmo tempo, não deixava de ter o máximo de cuidados com a filhinha Estela, que, passados esses anos, já apresentava visível melhora na sua saúde. Com os passes espirituais recebidos, já quase não mancava.

Clóvis, mais ajuizado, já compreendia que a sua faculdade mediúnica deveria ser usada por amor ao próximo, com total desprendimento de recompensas materiais.

Certo dia, porém, na instituição espírita Os Obreiros de Maria, aparece um rapaz desconhecido por todos, que se apresentou dizendo estar precisando muito de um auxílio espiritual e que lhe indicaram esse centro. Morava em uma cidade vizinha, na qual já havia tentado toda sorte de tratamento espiritual, sem obter êxito.

Foi encaminhado para o atendimento fraterno, no qual relatou ao médium que o atendeu que estava sendo vítima de uma grave obsessão e que, na cidade onde morava, já havia tentado vários tratamentos que o libertassem dessa obsessão que o estava deixando quase louco, mas sem nenhum resultado positivo. Sua esperança era agora nesse centro, sobre o qual ouvira boas referências.

Intuída pelo seu mentor, a médium que o atendeu prescreveu o tratamento de desobsessão, recomendando-lhe a leitura de O Evangelho segundo o Espiritismo, diariamente. Que abrisse a página aleatoriamente e lesse à meia-voz, pelo menos, alguns parágrafos da lição, mas com muita atenção e refletindo sobre eles, auscultando a própria consciência para verificar em que era preciso se modificar. Indicou-lhe, também, alguns livros de mensagens de fundo moral, que poderiam levá-lo a mudar as próprias atitudes que o levassem a um crescimento interior.

Mais reconfortado pelas vibrações amorosas ali recebidas, dirigiu-se ao salão principal para ouvir a palestra do dia, cujo tema “O bem e o mal” foi baseado nas palavras de Paulo, o apóstolo, em sua Epístola aos Romanos, Capítulo 14, vers. 12: “De maneira que cada um dará conta de si mesmo a Deus.”

À medida que falava, o palestrante abordava diversas situações em que podemos agir de forma errada em prejuízo de alguém e, conseqüentemente, prejudicamos a nós mesmos, acarretamos dívidas perante a Justiça Divina para resgates dolorosos no futuro, seja nesta ou em outras encarnações.

– Mesmo o arrependimento sincero pelo mal praticado – dizia ele – não nos deixa impunes, mas, somente quando soubermos reparar os nossos erros com algum bem que praticarmos em favor de quem tenhamos, de alguma forma, prejudicado.

Enquanto ouvia a palestra, em sua mente afloravam lembranças das coisas erradas feitas, e que acarretaram prejuízos ao próximo. Dentre essas lembranças, recordava-se das moças que usara para satisfazer seus instintos, prometendo-lhes um amor que não sentia e que depois abandonava, sem mesmo se importar com o que lhes viesse a acontecer.

Dentre essas moças, lembrou-se de Cleusa que abandonou, ao saber que esperava um filho seu. E ali, ficou pensando:

– Será que ela abortou ou deixou a criança nascer? Era uma mulata bem bonita, mas, mesmo assim caí fora. Deus que me perdoe, mas um filho negro eu não queria. Como iria apresentá-lo à minha família? E aos meus amigos, então? Iriam zoar de mim, com certeza...

Com esses pensamentos preconceituosos e egoístas, só atraía para si espíritos malévolos, afastando aqueles que pretendiam auxiliá-lo.

Após a palestra, as pessoas presentes foram encaminhadas para os respectivos tratamentos, inclusive Rafael, que, ao adentrar na sala de desobsessão, logo os médiuns sentiram uma energia muito negativa a envolvê-lo. Entre aqueles médiuns, estava presente a jovem Clélia que, embora praticamente sem enxergar, pela sua grande sensibilidade, exercia um papel importante de auxílio ao doutrinador.

Foi justamente por ouvir e ver com a alma, que Clélia percebeu que algo de

diferente estava acontecendo. Havia qualquer coisa com esse homem que, no momento não conseguia discernir o que pudesse ser. A seguir, um a um, por médiuns diferentes, dois espíritos que envolviam Rafael se manifestaram.

Ambos receberam amorosamente, do doutrinador, orientações adequadas sobre o mal que estavam acarretando a si mesmos, aconselhando-os a se modificarem, se quisessem ser felizes. Um deles, mostrando-se arrependido, aceitou os conselhos recebidos e se deixou levar pelos mentores que o conduziram a um lugar da espiritualidade onde pudesse ser amparado e orientado para o bem. Mas o outro, mais endurecido, preferiu persistir no mau caminho e dali se retirou abruptamente.

Após alguns outros atendimentos, com uma prece final feita por um dos médiuns, o trabalho foi encerrado.

Ao saírem dali, algumas pessoas passaram pela lanchonete que ficava ao lado, para adquirirem alguma coisa que lhes saciasse a fome ou a sede. Nisso, Clóvis, que havia ficado na reunião apenas para ouvir a palestra, pois não era o seu dia de trabalho, entra na lanchonete e fica junto a uma pessoa que não conhecia, mas com quem trocou ligeiras palavras. Ao se virar para se retirar, levou um susto ao ver aquele rosto que lhe pareceu familiar. Entretanto, o que lhe chamou mais atenção foi uma covinha no queixo igual à que Estelinha possuía.

– Será? – perguntou a si mesmo. – Vou investigar se alguém o conhece. Nunca o vi por aqui. Mas é muita coincidência tê-lo encontrado aqui no centro.

E, antes de voltar para casa, esperou pela irmã, para juntos regressarem. Justamente naquele dia, Zefa ficou em casa, pois não estava se sentindo bem. Tomou um comprimido para a pressão que tinha um tanto alta e foi se deitar. Preocupada com a mãe, Cleusa também ficou em casa com Estelinha.

Pelo caminho, ambos foram comentando sobre os acontecimentos. E, foi Clélia quem iniciou a conversa:

– Hoje entrou um homem na sala em que trabalho e senti uma coisa muito estranha, que nem sei dizer o que seja. Cheguei a perguntar ao meu mentor, mas ele só me disse para aguardar, que a qualquer hora ficarei sabendo.

– Pois agora mesmo, vi na lanchonete um homem que me fez lembrar de Estelinha. Ele tem uma covinha no queixo, igualzinha à dela. Seria coincidência?

Até a fisionomia dele não me pareceu estranha. Será que encontramos o pilantra que abandonou nossa irmã quando ela mais precisava? Por acaso você não ouviu o nome dele?

– Não, não ouvi, o nome estava na ficha e só quem viu foi Paulo, o doutrinador. Mas, ele prometeu voltar no próximo tratamento. Falarei com Paulo para observar e depois me dizer. Precisamos descobrir se é ele mesmo.

E, assim, a semana foi passando. Zefa melhorou, mas os filhos a aconselharam a procurar o médico de sua confiança. Contudo, um tanto teimosa e descuidada com a própria saúde, Zefa retrucou:

– Vocês estão exagerando, foi apenas um mal-estar, mas já passou. Eu estou bem, não preciso de médico algum. Confio nos bons espíritos, eles vão me curar.

– Não é bem assim – disse Clóvis –, os bons espíritos nos ajudam sim, mas precisamos fazer a nossa parte.

– Está bem, vou marcar uma consulta. Vou fazer isso para vocês ficarem tranquilos, mas eu acho que não preciso.

– Mamãe, precisa se cuidar; a senhora já não é nenhuma juvenzinha vendendo saúde – disse Cleusa. – Marque a consulta que a acompanho, para não ir sozinha. Está bem assim?

Com uma feição de desagrado, Zefa acrescentou:

– É... o que fazer? Já que vocês exigem, eu vou.

A própria Cleusa, pela certeza de que a mãe se faria de esquecida, decidiu marcar a consulta, mas só conseguiu para o final do mês seguinte, o que a deixou aborrecida e muito preocupada. Assim, tiveram mesmo que esperar.

Entretanto, enquanto aguardavam o dia da consulta, Zefa teve outras vezes o mesmo mal-estar, mas não revelou a ninguém, para não preocupar os filhos. Tomava o remédio de pressão para poder ir ao centro sentindo-se melhor.

Até mesmo o amigo João começou a perceber que Zefa não estava bem; muito pálida e com uma aparência de cansada.

– Zefa, você não está bem? – perguntou-lhe certa vez.

– Não, é que trabalhei muito em casa e fiquei cansada.

– Precisa se poupar, amiga, assim não vai aguentar. Deveria ter ficado em casa para descansar.

– Não posso, tenho muita coisa para organizar e já está próximo o dia da entrega de alimentos para as famílias carentes. Alimentos esses que haverão de suprir as necessidades dessas famílias que, às vezes, nada possuem para se alimentar.

– Mas Zefa, você não pode assumir tudo sozinha, delegue responsabilidades – acrescentou João.

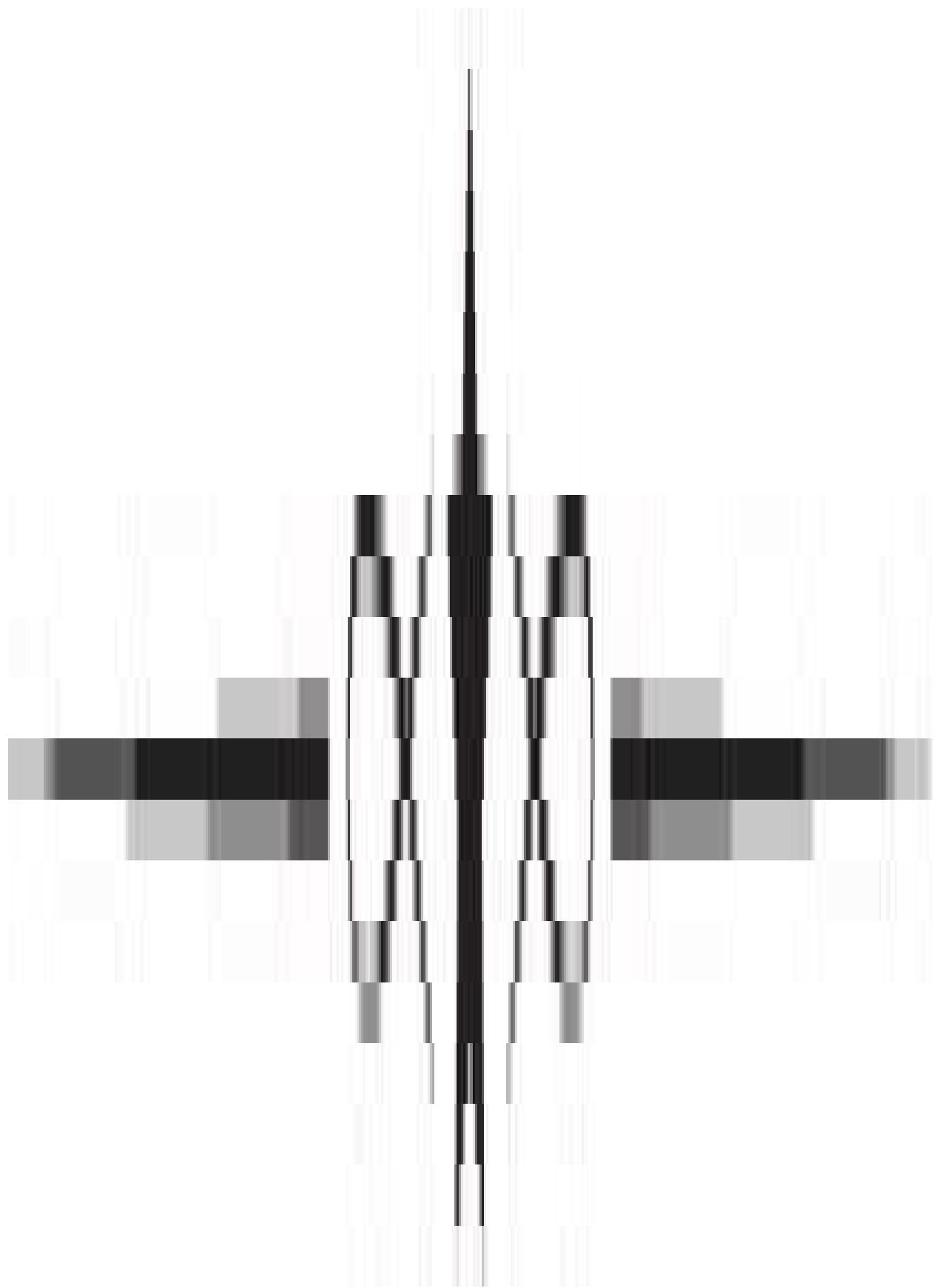
– Não, prefiro eu mesma resolver tudo, porque cada uma das companheiras dá um palpite diferente e, quando falo, elas aceitam sem reclamar.

– Está bem, então, mas acho que você está errada agindo assim. Pense bem, para não se arrepender depois.

– Obrigada pela preocupação para comigo, vou pensar no seu conselho.

E assim, despediram-se, e cada um retornou ao próprio lar. Zefa com os filhos e João na companhia de um amigo, seu vizinho.

## Capítulo 13



## **A verdade descoberta**

Na semana seguinte, Rafael retorna ao centro para dar continuidade ao tratamento de desobsessão.

Atendendo ao pedido de Clélia, o doutrinador procurou observar melhor o nome escrito na ficha apresentada pelo rapaz a ser atendido. Ao término do trabalho revelou a Clélia que o rapaz se chamava Rafael.

Clélia ficou a pensar:

– Esse nome não me é estranho!... Rafael... Rafael... Ra... fa...el ...Ra... fa... Rafa!!!

Quase deu um grito quando associou esse nome ao nome do cãozinho de Estelinha.

– Só pode ser ele, é coincidência demais! Covinha no queixo e, agora, o nome do Rafa. Vai ver que ele tem esse apelido. Tenho uma ideia: na saída, peço para o meu irmão segui-lo e, como se o avistasse de longe, chamá-lo por esse apelido. Vamos ver o que acontece!

Como o tratamento de cura seria apenas no dia seguinte, terminada a reunião, Clóvis estaria livre para esperar por Rafael, a fim de segui-lo. E, conforme combinou com a irmã, avistando Rafael apenas alguns passos à frente, Clóvis fez o que sua irmã sugeriu:

– Rafa! Rafa! – falou bem alto.

Voltando-se para quem o chamou, Rafael foi logo perguntando:

– Quem me chamou?

Astuto, Clóvis simulou ser um velho conhecido.

– Rafa! É você, Rafael? Não se lembra de mim? Eu sou o Carlos, fomos colegas,

estudamos na mesma faculdade.

– Carlos? Nossa, como você está diferente! Tirou aquela barba horrorosa, cortou aquele cabelo comprido, nem parece o mesmo. Ficou bem melhor assim!

– Obrigado! Agora fale-me de você. Onde tem andado? Nunca mais o vi pela cidade...

– É que agora estou morando numa cidadezinha bem longe daqui.

– Por que essa mudança repentina? Andei perguntando por você e ninguém soube me informar. Aconteceu alguma coisa? Nem se despediu dos amigos!

– Para você vou contar um segredo: eu estava namorando uma “morenaça” daquelas, mas quando ela veio me dizer que ia ter um filho meu, cáí fora! Nem para minha família contei. Você acha que eu tinha condições de assumir? Só voltei agora, porque estou com um problema espiritual e me indicaram que neste centro eu me livraria de uma obsessão que está me fazendo enlouquecer.

– Pois agora é que vai acabar de enlouquecer, mesmo, seu ordinário! – dizendo isso, Clóvis esmurrou-lhe o rosto, com tanta força, que o derrubou.

Mal se refez do susto que levou, e ainda esfregando o rosto machucado, Rafael perguntou:

– Por que isso agora? Bateu-me por quê?

– Não adivinha? A tal morenaça é minha irmã e você a abandonou quando ela mais precisava. Que falta de caráter! Abusar dela, você abusou, mas não teve coragem de assumir um filho.

– Achei que ela iria abortar a criança. Então ela teve mesmo um filho? O meu filho?

– Que te interessa saber? Se não se interessou antes, por que se interessar agora?

– Só para saber se já sou pai. Depois que procurei o espiritismo e comecei a aprender alguma coisa, senti remorso pelo que fiz, mas não tive coragem de procurá-la. Mas, pelo menos, me diga o nome do meu filho e se ele se parece comigo.

– Não é filho e sim, filha, uma filhinha linda, mas agora ela é nossa! Nem se atreva a aproximar-se dela, se não quiser apanhar novamente.

– Me diga, apenas: como ela se chama?

– Não... não lhe direi! Que lhe interessa saber o nome, se nada sente por ela, a não ser desprezo?

Dizendo isso, Clóvis virou as costas e se retirou, deixando Rafael ainda a limpar o rosto ensanguentado.

Retornando ao seu lar, Clóvis, ainda nervoso, e com a mão meio ferida, ficou em dúvida se deveria ou não contar aos demais familiares que havia encontrado o pai de Estelinha e acabou decidindo deixar para contar no dia seguinte, para que todos pudessem dormir tranquilos.

A seguir, abriu a geladeira e tomou um copo de leite gelado, e foi se deitar, sem mesmo esperar que os outros familiares retornassem ao lar. Contudo, custou a adormecer. Só no início da madrugada foi que, realmente, conseguiu pegar no sono e teve sonhos conturbados.

Pela manhã, ainda vacilante quanto a decisão a tomar, foi interpelado por Zefa que desejava saber o porquê de ele ter voltado sozinho, sem esperar por ninguém:

– Que aconteceu, Clóvis, por que não nos esperou para voltarmos todos juntos?

– Eu estava cansado e com uma dor de cabeça muito forte. Cheguei em casa, tomei um analgésico e fui logo me deitar.

– Mas, por que não nos avisou?

– Pedi à Clélia para avisar, mas será que ela se esqueceu?

– Ela não disse nada; com certeza estava vendo algo que ninguém vê e não prestou atenção ao que você disse. Às vezes ela fica muito distraída, com o pensamento nas nuvens.

Clóvis, porém, olhava para a mãe de soslaio e ainda com aquela dúvida se contaria ou não. Mas, ciente de que a mãe não andava muito bem de saúde,

achou melhor ficar calado, por enquanto. Com exceção de Clélia que lhe havia sugerido fazer o que fez, contaria apenas para Cleusa que, afinal, havia sido a vítima daquele cafajeste.

Entretanto, como Cleusa veio lhe informar que a mãe não havia passado bem à noite e que pretendia levá-la ao médico, mesmo contra sua vontade, Clóvis decidiu adiar a revelação.

Apenas perguntou de Estelinha, que ainda continuava dormindo, e saiu.

Não foi fácil para Cleusa convencer a mãe para levá-la a uma consulta médica:

– Mamãe, já marquei uma consulta para a senhora com o cardiologista. Será hoje às 14h e não adianta reclamar! Precisa se cuidar. Não é mais uma menininha esbanjando saúde. Deus nos ampara, os bons espíritos nos protegem, mas somos responsáveis pelo que fazemos com o nosso corpo. Se não cuidarmos dele, seremos responsabilizados por qualquer mal que lhe causarmos, por negligência de nossa parte.

– Está bem, está bem! Não precisa falar mais nada. Antes do almoço vou tomar um banho e ficar pronta para, depois, não me atrasar.

Contudo, durante o banho, Zefa sentiu uma tontura e caiu no banheiro.

Ouvindo o barulho do tombo, Cleusa correu a socorrê-la, mas, felizmente, não se feriu com gravidade. Mesmo assim, causou à filha mais preocupação ainda, que imediatamente, tratou de avisar ao irmão que, por sua vez, comunicou o fato ao amigo João. Este, sem demora, providenciou um táxi para conduzi-la ao Pronto-Socorro de um hospital conhecido, a fim de passar por alguns exames.

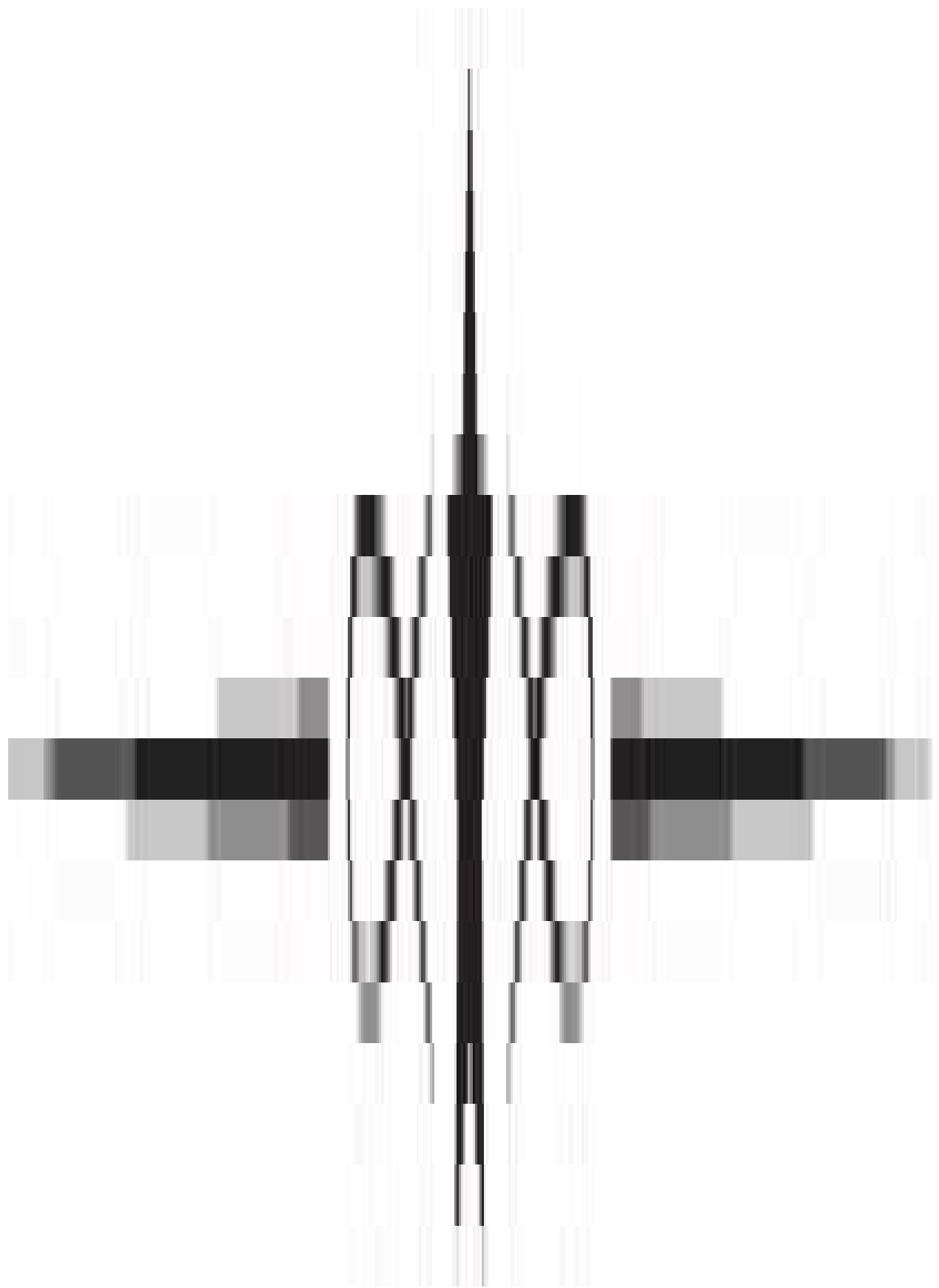
No hospital, após os exames solicitados pelo médico que a atendeu, constataram que ela estava com a pressão altíssima, com risco de ter um AVC a qualquer momento.

Apesar de medicada, o médico achou melhor interná-la para ficar em observação. Assim, mesmo contrariada, Zefa teve de se internar. Mas todos esperavam que ela pudesse ter alta no dia seguinte. Entretanto, não foi o que aconteceu, porque, pela madrugada, passou mal novamente; a pressão não normalizava. Clóvis não arredou o pé, fazendo-lhe companhia o tempo todo, porque Cleusa precisava cuidar de Estelinha.

Só depois de três dias, foi que Zefa conseguiu voltar para casa, mas com uma bagagem de remédios para serem tomados nos horários prescritos. Mesmo assim, com a recomendação expressa de repousar o máximo possível, o que resultou em aborrecimentos para Zefa, que não conseguia cumprir suas tarefas assistenciais na Casa dos Obreiros de Maria. Não teve jeito; precisou delegar responsabilidades a outras pessoas, mesmo sem confiar plenamente em ninguém.

Providências foram tomadas por João, para que tudo ocorresse nos moldes do que Zefa estava acostumada a fazer, a fim de não causar a ela algum constrangimento que viesse a agravar o seu estado de saúde.

## Capítulo 14



## Zefa desencarna

Cumprido o tempo de

permanência aqui na Terra, chegou o momento de Zefa retornar à pátria espiritual.

Apesar de cumprir o repouso necessário e das medicações tomadas, Zefa já estava com a idade bastante avançada e o físico desgastado pelas lutas e problemas enfrentados.

Passados quase dois meses após o seu regresso do hospital, Zefa acabou desencarnando durante a noite sem que ninguém percebesse. Despreendeu-se serenamente, com a ajuda de espíritos iluminados que a conduziram de retorno à pátria espiritual, ainda adormecida, para despertar horas depois, num hospital da espiritualidade e logo reconhecendo que não mais estava em seu corpo carnal.

Um médico da espiritualidade foi logo lhe perguntando:

- Como está, irmã Josefa? Sabe onde está e o que aconteceu com você?
- Acho que “morri” e vejo que estou num hospital um pouco diferente daquele em que estive.
- A irmã já deve saber que ninguém morre verdadeiramente. O corpo morre, mas o espírito é imortal, apenas desencarna.

Ainda no torpor natural da passagem, Zefa ouviu uma voz que lhe pareceu familiar. Abrindo os olhos, viu Pedrão ao seu lado, sorrindo feliz, por tê-la de volta à sua companhia.

Emocionada, Zefa não sabia se ria ou chorava, tal era a sua alegria pelo reencontro.

Nesse momento, o médico e os enfermeiros se retiraram do quarto para deixá-los a sós, pois teriam muita coisa a conversar e matarem a saudade um do outro.

Ali, na companhia de Pedrão, lembrou de perguntar da filha desencarnada:

– Diga-me Pedrão, você tem visto a nossa filha Clotilde?

– Pelo que sei, ela ficou muito revoltada por ter partido da Terra muito cedo e, após ser conscientizada de que o acidente que sofreu foi por consequência de um suicídio praticado em uma vida anterior, foi trabalhar numa outra colônia espiritual, em atendimento a suicidas.

Dias depois, já completamente restabelecida, Zefa despediu-se daquelas pessoas que a ampararam nessa grande viagem e foi conduzida por Pedrão ao seu novo lar, onde ambos continuaram a viver uma nova vida na pátria espiritual, uma vida que, de ora em diante, seria dedicada ao socorro de irmãos recém-desencarnados. Contudo, Pedrão já estava aguardando por uma nova encarnação que deveria acontecer, retornando à própria família, embora ainda não soubesse quem o receberia de retorno.

Enquanto isso, na Terra, mesmo tendo passado vários meses, a lembrança e a saudade de Zefa ainda permaneciam latentes nos corações de todos os que souberam amá-la e foram por ela auxiliados.

Porém, como a vida continuava para todos e o trabalho no centro prosseguia para aqueles que se comprometeram, os compromissos foram reassumidos, agora com uma grande responsabilidade e fidelidade à querida irmã Josefa, como passaram a chamá-la.

João, como presidente do centro, esmerava-se para que tudo continuasse na mais absoluta ordem. Até mesmo a parte assistencial da casa prosseguia nos moldes que Zefa havia organizado, com a distribuição de cestas básicas às famílias carentes e enxovais de bebês às gestantes, que além da ajuda material, recebiam ajuda espiritual por meio de orientações morais baseadas nos ensinamentos de Jesus, para que pudessem educar e encaminhar os filhos a uma conduta reta diante da vida, apesar da pobreza material em que viviam.

Clóvis, Cleusa e Clélia prosseguiram nos trabalhos de assistência espiritual que realizavam com muita responsabilidade e eficiência, nada fazendo que pudesse entristecer Zefa de onde estivesse. Mas não podiam perceber com que alegria e emoção, ela reconhecia o quanto de bem seus filhos estavam fazendo naquele trabalho de amparo aos necessitados do corpo ou da alma.

No dia em que a nova sede do centro comemorava o seu segundo aniversário e todos os trabalhadores estavam profundamente emocionados, Zefa e Pedrão ali estiveram, em espírito, para participar da reunião que, embora simples, foi festiva, com distribuição de rosas para todos os frequentadores.

Nesse dia, João abriu os trabalhos, fazendo uma belíssima prece e, a seguir, disse algumas palavras em que exaltava o grandioso trabalho de Zefa, iniciado humildemente, na cozinha de sua casa. Nesse momento, Zefa não conseguiu reter as lágrimas, tal a emoção que passou a sentir.

A seguir, um palestrante convidado, antes de iniciar a sua palestra, primeiramente exaltou a disciplina da casa, mostrando que isso é um fator indispensável para atrair somente os bons espíritos, que haveriam de emitir vibrações amorosas e salutares, não apenas aos trabalhadores, mas também a todos os que, naquele momento, ali se encontravam.

A seguir, passou a discorrer sobre um tema baseado numa das mais belas parábolas de Jesus: “Olhai as aves do Céu”, através da qual exaltava o poder da fé, mostrando a importância do esforço próprio, de fazermos a nossa parte se quisermos alcançar as benesses celestiais.

Ao final da reunião, foram distribuídas muitas rosas, imantadas com bons fluidos, que as pessoas ali presentes levaram para suas casas a fim de que os seus familiares, também, pudessem usufruir dessas boas energias.

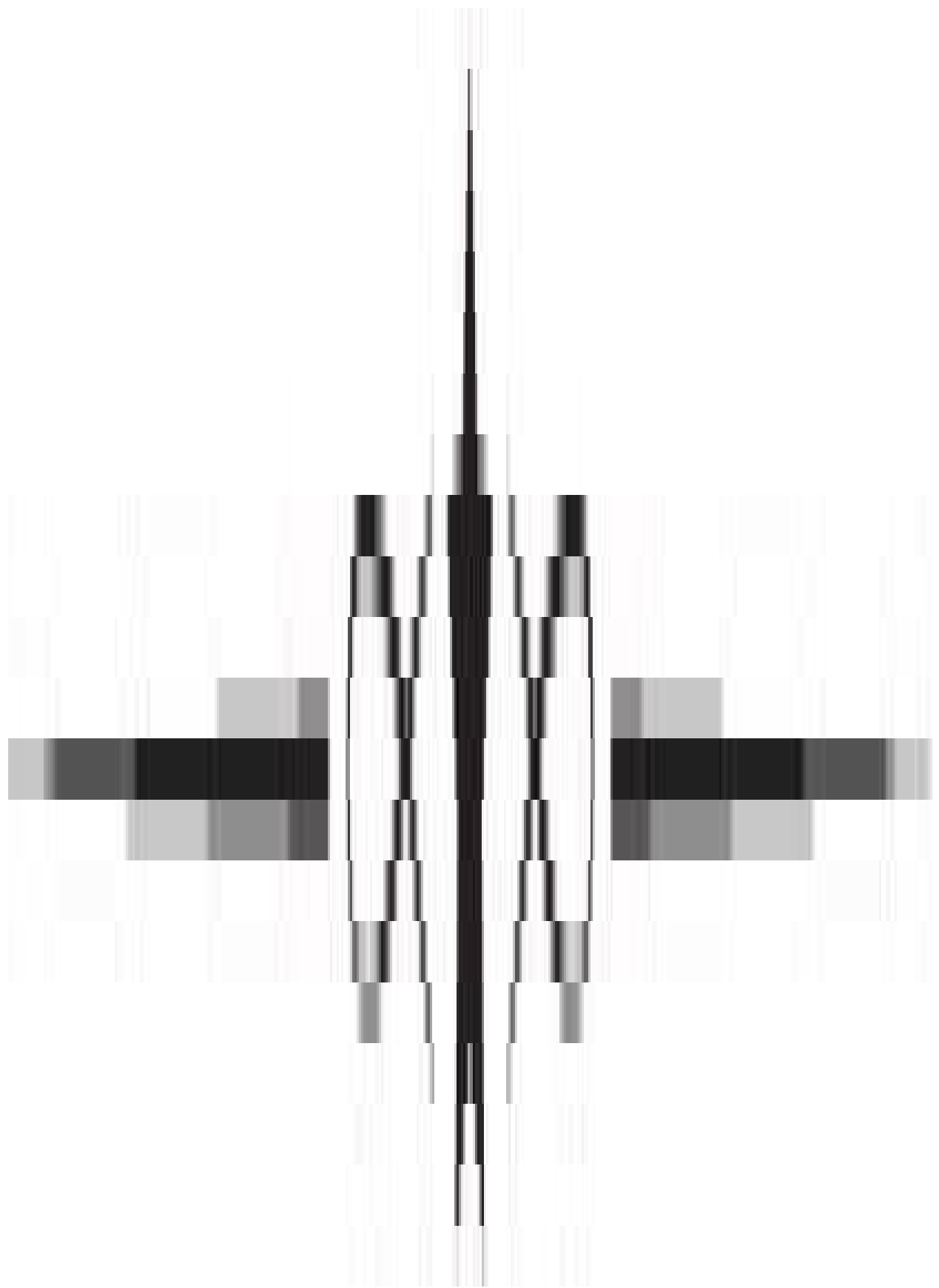
Na expressão fisionômica das pessoas que se retiravam, percebia-se que traziam o coração repleto de paz, por tudo que ouviram e ali puderam receber.

Também no plano espiritual muitos irmãos sofredores ou revoltados com a própria situação, puderam se beneficiar com as palavras que, igualmente, puderam ouvir e que lhes tocaram o coração, trazendo-lhes reconforto e esperança, por se encontrarem distantes dos entes queridos por conta da desencarnação que os obrigou a uma separação compulsória, até que, um dia, pudessem novamente se encontrar, dependendo dos méritos alcançados.

Alguns espíritos perturbadores, embora impedidos de entrar, também conseguiram ouvir a palestra, mesmo à distância, porque o som foi ampliado pela própria espiritualidade, do lado de fora, para que os que se encontravam por ali perto, também pudessem ouvir. Alguns preferiram se retirar, mas, outros que ali permaneceram, sentiram-se tocados pelos ensinamentos emitidos e,

arrependidos, já pensavam em mudar suas atitudes a fim de que pudessem ser socorridos e alcançar uma situação melhor.

## Capítulo 15



## O plano espiritual age

Rafael ainda prosseguia em

seu tratamento de desobsessão, mas já se sentia bem melhor. Afeiçoando-se ao espiritismo, aos poucos foi mudando suas atitudes e se tornando um frequentador assíduo do centro.

Entretanto, como o tratamento que fazia não era no mesmo dia em que Clóvis trabalhava, até então, não mais se encontraram.

Clélia, porém, trabalhando na desobsessão, nem sempre percebia a presença de Rafael, por se encontrar, às vezes, muito concentrada nas suas vibrações de amor, quando ele entrava. Por ser muito bondosa, mesmo quando sentia a sua presença, não contava ao irmão, pois tinha esperança de que, um dia, Clóvis o perdoasse e Estelinha pudesse conhecer o pai.

Já Cleusa raramente podia frequentar as reuniões, por conta dos afazeres domésticos e do trabalho material que voltou a realizar para auxiliar no sustento da família.

Ao sair de uma dessas sessões, em que prosseguia o seu tratamento, Rafael se deparou com a criançada que se retirava da aulinha de evangelização e, sem querer, esbarrou em uma das crianças. Abaixou-se para pedir-lhe desculpas e, ao perceber que ela aparentava parecer-se com alguém de quem não se recordava, procurou travar uma conversa amigável com a menina:

– Desculpe-me, meu bem, foi sem querer. Mas estou vendo que você é linda e tem uma covinha no queixo igualzinha à minha.

E apontando o próprio queixo, disse:

– Veja!

– É, mesmo! – respondeu a menina.

- Como é o seu nome, meu bem?
- Estela, mas o meu apelido é Estelinha.
- Que lindo! Você parece mesmo ser uma estrelinha.
- Minha avó me dizia sempre isso. Mas agora ela já morreu.
- Que pena! Mas deve ter mais gente cuidando de você, não é mesmo?
- Ah, sim, a minha mãe, a minha tia e o meu tio.
- Gostei muito de você.
- Eu também gostei do senhor. Mas agora preciso ir. A minha tia está me esperando.

Dizendo isso, avistando a tia, saiu correndo para encontrá-la. E, pelo caminho, de mãos dadas com ela, foi lhe contando que encontrou um homem que tinha uma covinha no queixo igualzinha à dela.

Assustada, Clélia exclamou:

- Não é possível! Você deve estar enganada.
- Não estou enganada, não! Ele até conversou comigo e reparou no meu queixo.
- Estelinha, eu já não lhe disse para não conversar com estranhos?
- Mas ele parecia tão bonzinho!
- Mas você não o conhece, nem sabe quem ele é.
- Ele até perguntou o meu nome...
- E ele, como se chama?
- Não sei, esqueci de perguntar.

Clélia ficou preocupada, pois desconfiou que se tratava da mesma pessoa que fazia tratamento na sala em que ela trabalhava.

– Seria ele mesmo, o pai de Estelinha? – pensou.

A seguir, ficaram esperando por João, que as acompanharia de volta para casa, já que Clélia não teria condições de ir sozinha com a sobrinha.

Com a chegada de João, Clélia e Estelinha se retiraram.

Em casa, porém, Clélia ficou aguardando o irmão que ainda não havia chegado do trabalho, para lhe comunicar o acontecido.

Pouco mais de uma hora depois, Clóvis chega e, muito cansado, foi se banhar, para depois se alimentar. Saindo do banho, serviu-se de uma sopa deliciosa feita por Cleusa.

Clélia aguardava ansiosa que Estelinha se deitasse, para contar ao irmão o ocorrido com a sobrinha.

Enquanto Cleusa colocava a filha na cama, Clélia relatou o encontro de Estelinha com o provável pai. Entretanto, combinaram que, pelo menos por enquanto, nada revelariam a Cleusa, para não deixá-la preocupada e, talvez, até proibisse a filha de ir ao centro.

Clóvis, porém, prometeu ficar vigilante. Decidiu que na próxima reunião em que o tal rapaz deveria estar presente, ficaria aguardando do lado de fora a saída das pessoas para abordá-lo. E assim foi feito.

Quando avistou Rafael, Clóvis chamou-o pelo nome e foi logo dizendo:

– Quer levar outro soco na cara? Se quiser, diga logo que eu lhe darei com prazer, seu cafajeste!

– Por que isso agora? Que lhe fiz desta vez?

– A mim nada, mas à minha sobrinha sim. Fique longe dela ou vai se ver comigo.

Naquele momento, pela mente de Rafael, surge a imagem daquela garotinha de covinha no queixo, compreendendo que aquela criança só podia ser a sua filha.

Sentindo uma grande emoção, ia perguntar ao rapaz que o interpelou o nome da

sobrinha, apenas para confirmar o que já desconfiava saber. Mas, voltando-se para ele, não mais o viu. Havia desaparecido como por encanto.

Lembrando-se, porém, de que poderia encontrá-la novamente no centro, decidiu descobrir a verdade. Seria fácil, já que ela frequentava a Evangelização Infantil.

Entretanto, nas semanas seguintes, não mais conseguia encontrá-la, pois Clóvis ia buscá-la antes do término da aula, com a desculpa de que a mãe mandava retirá-la mais cedo, porque a menina estava na mira de um provável pedófilo que vivia a importuná-la na saída, sabe-se lá com que intenção.

Um dia, porém, Cleusa, que ainda de nada sabia, decidiu ir ao centro levar a filha e, ao chegar, foi avistada por Rafael, que reconheceu a menina sem mesmo ter olhado para a mãe, que logo se afastou, levando Estelinha e entregando-a à proteção da professora.

E, assim, Rafael, todas as vezes que ia ao centro, procurava observar a chegada e a saída das crianças, para tentar ver sua filhinha novamente. Mas, por algumas semanas, só a via acompanhada pelo tio e evitava aproximar-se dele.

Numa ocasião, porém, avistou a menina chegando em companhia de alguém que, de longe, não reconheceu. Decidiu, então, tomar a iniciativa de abordá-las.

Quando mãe e filha se aproximaram, Rafael chamou-a pelo nome:

– Cleusa!

Assustada, ao reconhecer aquela voz, voltou o rosto e exclamou:

– Você?! Que está fazendo aqui? O que ainda deseja de mim? Não basta o que me fez, abandonando-me quando eu mais precisava? Deixe-me em paz! Desapareça da minha frente.

Enquanto isso, Estelinha, avistando uma coleguinha, correu ao seu encontro e ambas foram para a classe ao encontro da professora.

– Eu só queria saber se ela é mesmo a nossa filha.

– Para quê? Nunca se importou com ela.

– Eu era ainda muito imaturo e fiquei com medo de assumir o meu erro, mas agora estou arrependido. Acho que precisamos conversar.

– Nunca! Esqueça que teve uma filha, pois agora ela é somente minha. Para ela o pai morreu, antes mesmo de ela nascer.

– Eu tenho os meus direitos, pois sou pai e posso provar, fazendo um exame de DNA.

– Ao me abandonar, você perdeu todos os direitos sobre a criança que nunca procurou saber se existia ou não.

Dizendo isso, afastou-se em companhia de uma amiga que chegava e ambas entraram para participar da reunião, que estava prestes a começar.

Cleusa entrou no salão, mas estava tão nervosa que mal ouviu a palestra. Misturando-se às pessoas que ali já se encontravam, procurou ficar num lugar fora do alcance da vista daquele homem. Após terminada a palestra, procurou um jeito de tomar um passe, antes de se retirar. Mesmo assim, não conseguia se desligar do encontro que tivera com o pai de Estelinha, de quem nem sabia o nome verdadeiro.

Chegando em sua casa, aguardou a volta dos irmãos para comentar com eles sobre esse encontro desagradável. Qual não foi a sua surpresa, quando eles revelaram o que já sabiam.

– Como?! Por que não me contaram? Acho que eu tinha o direito de saber e vocês não tinham o direito de me esconder nada, afinal, a mais prejudicada nisso tudo fui eu.

– Calma, minha irmã! – falou Clélia. – Descobrimos isso recentemente e estávamos esperando um momento apropriado para contar a você.

Naquela discussão, nem perceberam que Estelinha estava ouvindo tudo e que, assustada, começou a chorar.

Enquanto Clóvis foi explicando que até chegou a esmurrar o rapaz, Clélia foi consolar a menina, que não estava entendendo nada.

– Tia, por que estão brigando assim? De quem vocês estão falando?

- De um homem mau que prejudicou a sua mãe, mas isso já faz tempo.
- Mas o que ele fez para a mamãe? Então eu não gosto dele.
- O que ele fez não importa mais, já passou – respondeu Clélia.
- Se não importa mais, então não tem que perdoar? Não foi assim que Jesus ensinou?
- Você tem razão, Estelinha! Tem que perdoar, sim.

E Clélia, intercedendo junto aos irmãos, fez que eles encerrassem a discussão.

Embora amuada, Cleusa calou-se e foi preparar Estelinha para dormir. A seguir, foi se deitar, mas não conseguia conciliar o sono. Acordada durante quase toda a noite, via passar em sua mente tudo o que sofreu quando foi abandonada por ele. O ódio ainda vibrava em seu coração.

Só pela madrugada foi que, finalmente, Cleusa conseguiu adormecer, dando oportunidade para que Zefa lhe aparecesse em sonho e a fizesse refletir a não ser tão intransigente e que Estelinha tinha o direito de conhecer o pai.

- Reflita nisso, minha filha! – foram as últimas palavras de Zefa que ouviu.

Ao escutar isso em sonho, acordou assustada. Mas o que ouviu levou-a a uma reflexão: – Meu Deus, me ajude! Será que estou errada, será que é o orgulho que me impede de aceitar que minha filha conheça o pai? Ou será que é ciúme? Esclareça-me, meu Deus, sobre como agir nessa situação.

Ao se levantar, porém, resolveu procurar o amigo João.

- Ele, certamente, terá uma palavra para me orientar.

Esperou que o irmão saísse para trabalhar e, num momento em que Clélia se distraía com suas plantas, ligou para João:

- João, meu querido amigo, preciso de sua ajuda para resolver uma situação desagradável. Onde podemos nos encontrar? Não pode ser aqui em casa, nem na sua, porque não ficaria bem invadir sua privacidade.

– Tudo bem. Vamos, então, até a lanchonete que fica próxima à minha casa. Enquanto tomamos um lanche, podemos conversar. Pode ser à tarde, quando a Estelinha estiver na escola?

– Pode ser às quinze horas? Tudo bem para você?

– Combinado! Até mais tarde, então.

Nesse meio tempo, Estelinha acordou e, se lembrando da discussão da véspera, interpelou a mãe a respeito:

– Mamãe, por que vocês estavam brigando ontem? Ouvi o meu nome; foi por minha causa que brigaram? Que foi que eu fiz de errado?

– Não, filhinha, você nada fez de errado. Fui eu que entendi tudo errado e não vamos brigar mais.

– Eu não gosto de ver vocês brigando, porque já aprendi que devemos perdoar até os inimigos. E vocês não podem ser inimigos, são irmãos e devemos amar e respeitar nossos irmãos.

Emocionada com as palavras da filha, Cleusa, estreitando-a nos braços, se desculpou, ficando com os olhos lacrimejantes pela emoção que sentiu.

Nisso, Clélia se aproximou, trazendo um raminho de flores e deu para Estelinha entregar à mãe, a fim de acalmá-la. Ao receber as flores, Cleusa abraçou a ambas, demonstrando à irmã que a perdoava.

Cleusa, a seguir, foi preparar o desjejum da filha, enquanto ela ia ao banheiro fazer a sua higiene, antes de tomá-lo.

À tarde, na hora combinada com João, Cleusa avisou a irmã que precisava sair para fazer uma compra e foi ao encontro do amigo que já a esperava na lanchonete. Encontrando-o, após cumprimentá-lo, foi logo dizendo:

– Que bom que você veio, meu amigo! O que eu tenho a lhe dizer é muito importante.

– Fale, então, sou todo ouvidos. O que lhe está atormentando e a deixando tão nervosa?

- Imagine que ontem encontrei o pai de Estelinha.
  - Onde? – perguntou ele.
  - Lá no centro.
  - No centro, como assim?
  - Ele me procurou, pois já a viu e até já conversou com ela, e agora quer que Estelinha saiba que ele é o seu pai.
  - E você, o que disse?
  - Que ao me abandonar, perdeu esse direito. Fiz bem?
  - Minha amiga, ele pode até ter perdido o direito sobre a filha, mas ela tem o direito de conhecer o pai, de saber que ele está vivo. Cabe a ela decidir.
  - Mas ela é ainda uma criança!
  - Não tão criança assim, que não possa entender. Além de que, ele pode estar verdadeiramente arrependido e você não tem o direito de impedir que ambos se conheçam. Conte a ela toda verdade, não esconda nada e deixe que ela mesma decida o que deseja fazer. Sei que sua filha tem um bom coração e, certamente, haverá de perdoá-lo, mesmo que você não queira mais nada com ele.
  - Vou tentar, mas vai ser difícil, porque ainda sinto muito ódio por tudo que me fez passar.
  - Tenho certeza de que Estelinha irá perdoá-lo, mesmo que não queira viver com ele. Ela ama muito a mãe que tem e, não será por um pai que até agora não conheceu, que irá abandoná-la. Fique tranquila. Permita que ambos se encontrem e possam se conhecer.
- Ainda com alguma dúvida se deveria ou não permitir esse encontro da filha com o pai, Cleusa prometeu pensar a respeito.
- Assim, retornando para casa, passou o restante do dia sem decidir o que deveria fazer. E, à noite, após deitar-se sem tomar nenhuma decisão, acabou por adormecer. Durante o sono, porém, com a alma emancipada do corpo, teve um

novo encontro com Zefa.

Emocionada, pelo reencontro com a mãe, abraçou-a com carinho, lhe dizendo:

– Que saudade, mamãe! Conte-me, como a senhora está? Fale-me um pouco da sua vida na espiritualidade. A senhora já se encontrou com o papai? E a Clotilde, está com vocês? Sinto saudade dela também.

– Nós estamos muito bem, aprendendo muito e trabalhando em favor dos irmãos necessitados de ajuda. Por enquanto é só o que lhe posso dizer. Eu vim mesmo para orientá-la a perdoar o pai de Estelinha e permitir que eles possam se encontrar como pai e filha, mesmo que você não o ame mais. Não precisam viver juntos, mas não tem o direito de privá-la de saber que o pai está vivo. Deixe que ela decida se deseja vê-lo e amá-lo como pai ou prefere esquecer que, um dia, teve um pai.

– É... foi isso mesmo que o João me falou.

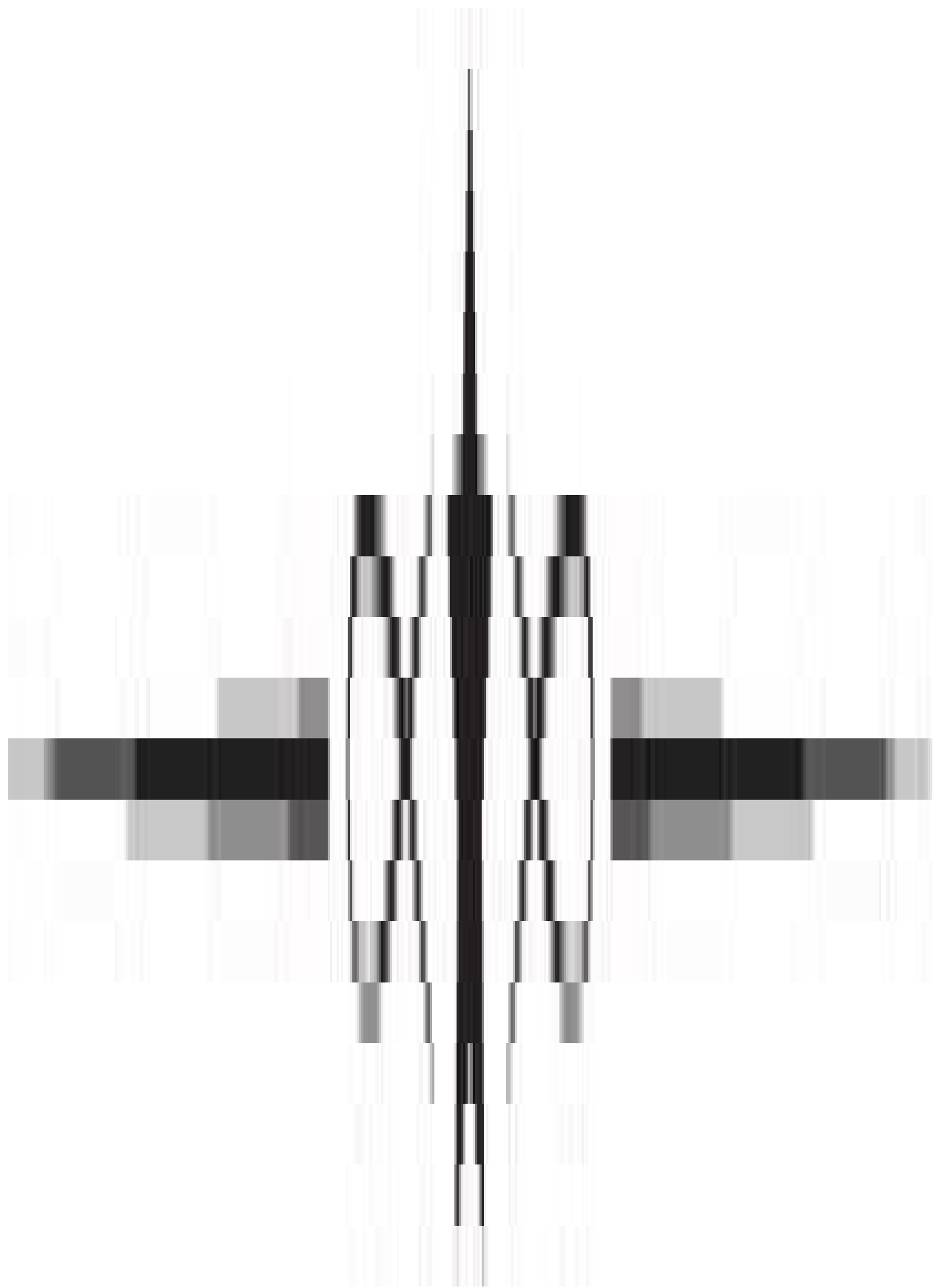
– Pois então, minha filha, decida qual caminho deverá seguir.

Dizendo isso, Zefa lhe deu um beijo na face e desapareceu de sua visão.

Nisso, Cleusa acordou, ainda sentindo a sensação do beijo da mãe, o que lhe deu a certeza de que, realmente, havia estado com ela.

O restante do dia, entre uma atividade e outra, Cleusa parecia escutar as palavras de Zefa a insistir com ela para perdoar e deixar que pai e filha se conhecessem. Mas, ao mesmo tempo, do seu “ego” surgia a revolta por tudo que sofreu em consequência do desprezo recebido.

## Capítulo 16



## Decisão a ser tomada

Em virtude da situação vivida por consequência do que estava havendo, os irmãos combinaram se reunir a fim de decidirem qual resolução tomar. Assim, numa tarde em que Estelinha se encontrava na escola, reuniram-se os três irmãos para encontrarem uma decisão correta a respeito da paternidade de Estelinha. Embora não pertencendo à família, pelo grau de amizade que tinham com ele, João também foi convidado a participar.

As opiniões levantadas foram coerentes a respeito do direito de Estelinha conhecer o pai. Se ela ia querer morar com ele, seria uma decisão dela, mas todos acreditavam que isso não iria acontecer.

Cleusa, porém, ficou decepcionada, pois esperava que alguém a apoiasse quanto a esconder da menina a existência desse pai que nunca se importou com nada que lhe dissesse respeito, mas todos foram unânimes em afirmar que Estelinha deveria conhecer o pai, e que competia a ela tomar alguma decisão a respeito.

– Mas, quem falará com ela? – perguntou Cleusa.

– Se quiserem, eu posso falar – disse Clóvis.

– Eu também posso – acrescentou Clélia.

– Não, disse João. Nada disso. Quem deve falar é a mãe.

– Mas não tenho coragem – falou Cleusa.

– Pois eu tenho certeza de que conseguirei. Mas, se quiser, posso estar junto com você –, completou João.

Satisfeita com o apoio do amigo, Cleusa se acalmou, mas ainda perguntou:

– Então, quando poderemos falar?

– No domingo. Enquanto isso, ore ao seu protetor espiritual e peça a ele que lhe

sugira o que dizer, para não magoá-la com palavras rudes que partam dos sentimentos negativos que ainda carregue dentro de si.

E, assim, ficou combinado que, no domingo, João levaria Estelinha e a mãe para passear num parque próximo dali. Sabia ele que nesse parque ela encontraria muitas crianças como ela para brincar.

Mais tarde, Cleusa e João foram buscar Estelinha na saída das aulas e, ali mesmo, João fez o convite a Estelinha.

– Que tal, Estelinha, no domingo, fazermos um passeio no parque?

– Oba! Vou adorar! Nunca estive lá e as minhas amigas sempre dizem que é muito bonito. Vai todo mundo?

– Só você e sua mãe, além de mim, é claro! Vou dirigindo.

– E a tia Clélia também não pode ir?

– Você gostaria que ela fosse? – perguntou João.

– Gostaria sim, é claro! Ela nunca passeia e ali deve ter muitas flores para ela pegar algumas mudinhas para plantar.

– É verdade! – disse João – então vamos convidá-la para ir também.

Realmente, chegando em casa, o convite foi feito, mas ela, a princípio não aceitou, pois entendeu que deveria deixá-los a sós. Mas João insistiu, pois conhecia bem os sentimentos de Clélia e achou, mesmo, que ela poderia dizer algo positivo que facilitasse para Cleusa a revelação.

Mudando de assunto, Estelinha começou a falar a respeito da escola, das notas boas que havia tirado e de algum acontecimento ocorrido na hora do recreio.

A seguir, João se despediu, prometendo retornar no domingo bem cedo para levá-las a passear.

– Estelinha – disse Cleusa –, vai tirar esse uniforme antes de brincar com o Rafa, que já está abanando o rabinho de felicidade porque você chegou.

Obediente, Estelinha foi se trocar e ficou brincando até a hora do jantar.

Enquanto Estelinha brincava com Rafa, Cleusa preparava o jantar, e muitas coisas passavam pela sua cabeça. Lembrou-se das palavras ditas por Rafael, naquele dia em que revelou sua gravidez, e outros acontecimentos desagradáveis que sofreu depois de ter sido abandonada por ele. Assim, foi se sentindo aflita, cada vez mais, com a aproximação do dia em que deveria revelar à Estelinha a verdade sobre o pai.

Naquele momento, porém, lhe vieram à tona a atitude de Clélia com a intenção de ajudar. E com o seu próprio mentor espiritual conseguiu se ligar, o que a acalmou, pois tinha certeza de que, no momento certo, as palavras a serem ditas iriam brotar na sua mente.

No entanto, cada vez que se lembrava de que o domingo estava chegando, voltava a ficar nervosa, com receio do que viesse a acontecer:

– E se Estelinha a acusasse de omissão, por nada lhe ter dito e decidisse ir morar com o pai, abandonando-a? E se ela a acusasse de ser egoísta, por fazê-la acreditar que o pai estava morto? Quanto mais pensava negativamente, mais espíritos maldosos a envolviam, deixando-a quase em pânico.

Por mais que o seu protetor quisesse acalmá-la, passando-lhe bons pensamentos, mais nervosa Cleusa ficava.

Foi assim que Zefa se aproximou espiritualmente para alertá-la, dizendo-lhe:

– Calma, minha filha, tenha mais fé. Estelinha a ama e nada sente pelo pai, que para ela não passa de um desconhecido. Não se precipite, espere pela reação de sua filha. Continue a orar e tudo dará certo. Estelinha é uma boa menina. É uma estrelinha em sua vida também.

Mesmo sem ouvir claramente as palavras da mãe desencarnada, aos poucos foi se acalmando, pois seus pensamentos tomaram outro rumo: o rumo da fé.

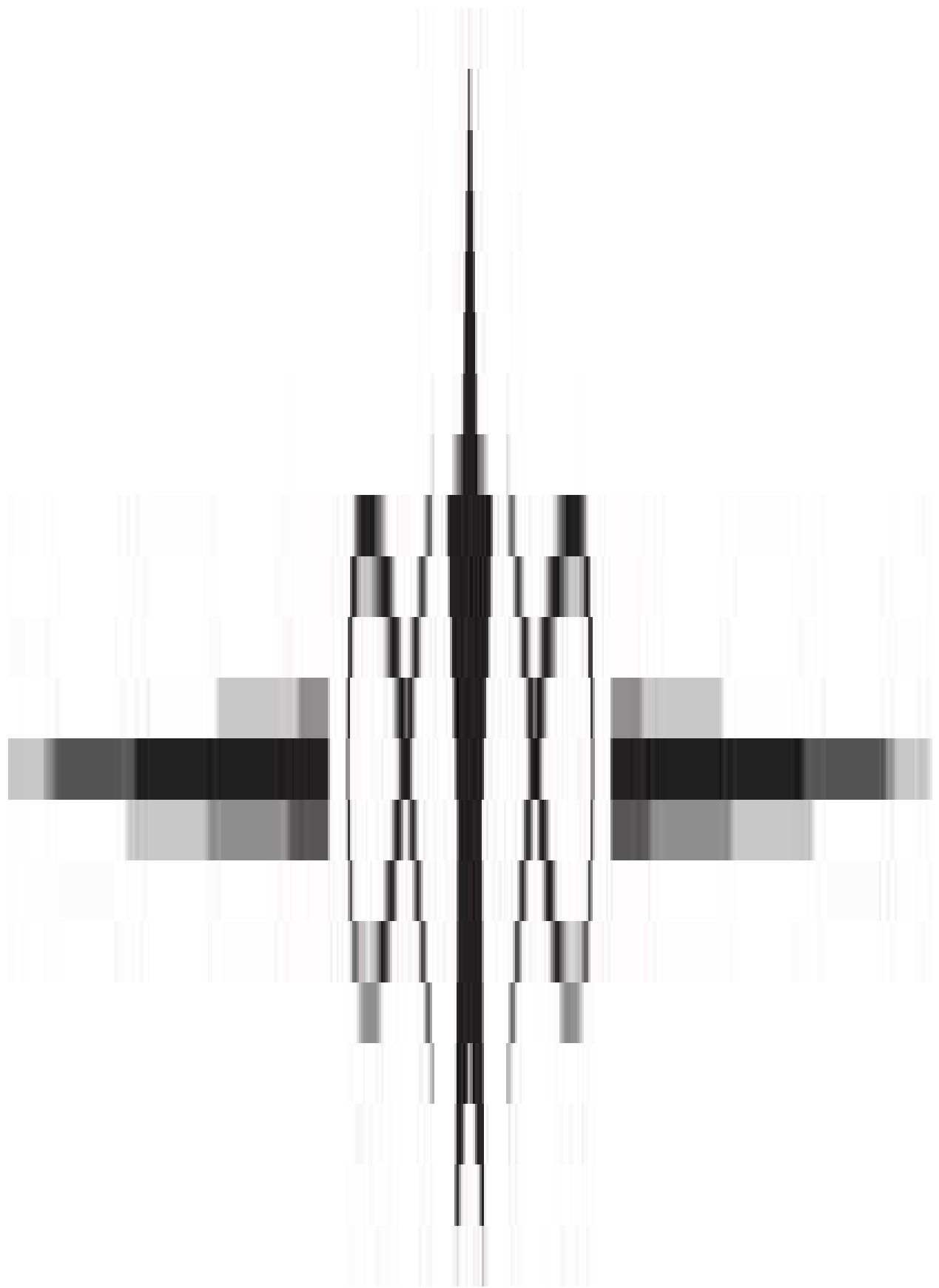
Mais tarde, quando o sono chegou, foi se deitar e sonhou com a mãe, que lhe repetiu todas as palavras, a fim de que ficassem melhor gravadas em sua mente para, na hora da revelação, tudo acontecer como deveria ser, distante das paixões humanas, do orgulho ferido, para que o desfecho não se voltasse para uma solução que a todos fizesse sofrer.

Ao levantar, já estava mais calma e confiante de que tudo daria certo.

Enquanto isso, ao acordar, Estelinha encontrava-se radiante porque iria realizar o seu desejo de conhecer aquele parque que suas amigas diziam ser tão lindo! Sabia que até lago tinha para passear de barco. Com sua imaginação fértil de criança, já idealizava como deveria ser e não se continha de tanta vontade de que chegasse logo o domingo.

Enquanto Estelinha mal continha a sua ansiedade, Cleusa sentia o coração oprimido pelo medo do que pudesse acontecer.

## Capítulo 17



## A revelação

Finalmente o domingo chegou. Mal o sol despontou no horizonte com seus raios a brilhar, Estelinha se levantou. Nem mesmo esperou que sua mãe a chamasse. Pudera! Nem conseguiu dormir direito, de tanto pensar no prazer de conhecer aquele parque e nele poder brincar com os amiguinhos que encontrasse.

Quando Cleusa foi chamá-la, admirou-se por ver a cama da filha vazia e até já arrumada.

– Só assim mesmo, para Estelinha levantar cedo num domingo – falou para si mesma.

Foi procurá-la e a encontrou no banheiro escovando os dentes. Enquanto esperava pela filha, já foi providenciar o café da manhã, porque João ficou de buscá-las antes das 8h.

– Bom dia, mamãe, posso levar o Rafa para brincar no parque também? Acho que ele vai gostar.

– Pode, Estelinha, mas não esqueça a coleira, porque esse fujão é capaz de lhe dar trabalho.

– Está bem, levo sim.

A seguir, sentou-se para se alimentar com tanta ansiedade que mal tocou no pão, só engolindo um pedacinho de bolo acompanhado pelo leite.

Estelinha viu sobre o canto da mesa um pequeno cesto com algumas guloseimas que sua mãe já havia preparado para levar e concluiu que iriam apenas fazer um piquenique.

–E a tia Clélia, não vai também? – perguntou Estelinha?

– Eu a convidei, mas ela me disse que está com uma dor de cabeça muito forte e o sol só faria piorar. Tomou um comprimido e voltou para a cama.

– Que pena! Garanto que ela ia adorar o passeio.

Estelinha mal sabia que o motivo do passeio era bem mais sério e que incluía o seu próprio destino.

Já estavam prontas quando ouviram a buzina do velho carro de João, anunciando que havia chegado. Descendo do carro, foi logo entrando para chamá-las:

– Como é, estão prontas? Vamos logo, antes que o sol fique quente demais e o parque é um pouco distante. Assim, chegaremos muito cansados para depois podermos caminhar.

Estelinha, radiante de tanta alegria, foi logo chamando:

– Vem, Rafa, vamos passear!

E Rafa, abanando o rabinho de tanto contentamento, foi logo pulando dentro do carro que havia ficado com a porta aberta e saltou para o banco traseiro, onde ficaria com Estelinha, já que Cleusa deveria ficar ao lado de João. Naquele momento, vendo os dois juntos, Estelinha pensou: “João bem que podia ser o meu pai! Gosto muito dele.”

Cerca de quase uma hora depois, finalmente, chegaram ao parque. Estelinha ficou admirada ao ver aquelas árvores enormes e flores por toda parte, que não cabia em si de tanta alegria!

Já saiu correndo com o Rafa puxando-o pela coleira, enquanto Cleusa e João vinham um pouco mais atrás. João, que tinha muitos conhecimentos sobre aquelas árvores, foi mostrando e explicando a elas o nome de cada espécie que viam e admiravam.

Depois de darem algumas voltas para conhecerem o parque, decidiram sentar num banco à sombra de um jacarandá para descansar um pouco.

Disse João:

– Agora descansem e daqui a pouco vou levar vocês para verem o lago. Antes, porém, vamos conversar ou melhor, Estelinha, sua mãe tem uma coisa para lhe dizer. Fique bem quietinha e escute com atenção, porque é muito importante você saber.

Olhando para a mãe, meio ressabiada, pergunta com curiosidade:

– O que é, mamãe?

Nessa hora, Cleusa já estava suando frio e mal sabia como começar. Olhou para João, como a pedir ajuda, ao que ele acrescentou:

– Estelinha, é uma coisa sobre o seu nascimento que ela nunca lhe disse, porque você era ainda muito pequena, mas agora, já bem crescadinha, está na hora de saber e vai depender de você o que deseja fazer.

– Estão, fale, mamãe! Já estou curiosa.

Cleusa elevou o pensamento e pediu a Zefa que a ajudasse a encontrar as palavras certas e começou dizendo:

– Estelinha, você sabe que a amo muito, mas preciso lhe contar a história da minha vida. Ouça com atenção e depois que eu terminar, aí sim, você pode dizer o que decide.

Estelinha já estava ficando assustada, mas ficou ouvindo atentamente. E Cleusa continuou:

– Eu era ainda muito moça e, um dia, encontrei um jovem bonito que queria me namorar. Achei que ele era um bom moço e, então, começamos a namorar. Mas não contei para ninguém que estava namorando e comecei a me encontrar com ele, sem que ninguém soubesse. Até que um dia descobri que ia ter um bebê, que era você, e fiquei muito feliz. Mas ele ainda não sabia de nada e achei que ficaria contente quando soubesse, mas não foi assim que aconteceu. Naquele dia, até que gostou, mas ficou com medo de contar para a família dele, porque eram brancos e eu negra. Foi por isso que você nasceu essa moreninha linda. Mas acontece que depois disso ele sumiu da cidade e nunca mais soube dele, até há pouco tempo. Eu sempre disse a você que seu pai havia morrido, porque, para mim, era como se tivesse morrido mesmo, porque desapareceu da minha vida. Mas agora que o reencontrei, achei que você precisava saber.

– Por quê, mamãe? Eu nem sei quem ele é? Nem o nome dele eu sei? Onde ele mora?

E Cleusa continuou:

– Onde mora, não sei. Mas outro dia o vi e você precisa conhecê-lo também, afinal, ele é o seu pai e você tem esse direito, embora eu tenha ficado muito magoada quando ele me abandonou.

– E você já “perdoou ele”? Precisa perdoar, não é mesmo?

– Ainda não, mas vou tentar perdoar. Foi isso que Jesus ensinou. E você, filhinha, vai perdoar seu pai?

– Também vou tentar, mas primeiro preciso “conhecer ele”. Mas será que ele quer me conhecer?

– Acredito que sim. Mas espero que ele não queira tomar você de mim.

– Pode ficar sossegada, mamãe, ninguém vai me tomar de você.

Dizendo isso, correu a abraçar a mãe, que ficou muito emocionada.

A seguir, João levou-as para conhecer o lago. Lindo, de águas claras, muito limpas, era até possível ver o fundo, e nele nadavam alguns peixinhos vermelhos.

À volta do lago, contornando-o, viam-se alguns “chorões” (uma espécie de árvore, cujas folhas balançam muito com os ventos) que ali permaneciam como sentinelas vigilantes, para que nenhum predador viesse poluir aquelas águas cristalinas.

Nisso, Rafa, conseguiu escapar da coleira, que Estelinha deixou um pouco frouxa e se atirou nas águas do lago para nadar e a menina, assustada, pensando que ele ia se afogar, rapidamente correu atrás dele, mas tropeçou numa pedra e acabou, também, caindo no lago. Só que Estelinha não sabia nadar e poderia se afogar realmente.

Quando Cleusa percebeu, pôs-se a gritar desesperadamente. João não teve dúvidas e prontamente atirou-se na água, mesmo de roupa, para salvar a menina, que continuava preocupada com Rafa e se debatia, não querendo sair sem o seu cãozinho.

Naquele momento, Cleusa, chorando muito e sem saber o que fazer para ajudar, pôs-se a pedir a proteção de Jesus.

Felizmente, tudo não passou de um grande susto. João saiu carregando a menina no colo, com o Rafa, vindo atrás, sacudindo os pelos molhados.

Naquele momento, João se lembrou da própria filhinha, sentindo como se estivesse com ela em seus braços. E Estelinha, vendo-se no colo de João, sentiu uma emoção muito grande, como se reconhecesse nele o pai que gostaria de ter tido.

Após esse incidente, Cleusa disse a João que gostaria de voltar para casa. Mas a menina reclamou que estava com fome e, como ainda não haviam comido todo o lanche que levaram, pretendiam ir comendo o restante pelo caminho. Mas, antes de partirem, João fez uma prece em agradecimento a Deus por não haver acontecido nada mais grave.

Como estavam muito molhados, sentaram-se num lugar ao sol enquanto comiam os lanches, para que as roupas de João pudessem secar, pelo menos um pouco.

Muito previdente, Cleusa havia levado algumas roupas para a filha trocar, caso se sujasse. Após trocar a menina e comerem uma parte dos lanches preparados, resolveram partir de volta, comendo o restante na viagem.

Cansada, Estelinha logo adormeceu, indo acordar somente ao chegarem em casa. E com Rafa, se deu o mesmo.

Enquanto viajavam, mesmo percebendo que Cleusa se encontrava cochilando, João, de vez em quando, voltava os seus olhos para ela, porque naquele momento começou a perceber que aquela amiga poderia ser uma boa companheira para ele, apesar de ser um tanto mais velho que ela.

Por coincidência ou não, no seu cochilo, Cleusa sonhava com sua mãe que lhe dizia que estava na hora de se casar, para dar um bom pai para Estelinha.

Assustada, Cleusa acordou e, abrindo os olhos, percebeu que João a olhava com ternura, e sentindo-se emocionada pôs-se a pensar no seu sonho, sem nada dizer.

Finalmente, chegaram. Estelinha só acordou quando o carro parou e Rafa começou a latir, querendo descer. Assustada, a menina foi logo dizendo:

– Por que paramos? Aconteceu alguma coisa com o carro, João?

Ao que ele rindo, respondeu:

– Já chegamos, minha estrelinha! Dormiu tanto que nem viu o tempo passar, não é mesmo?

– Chegamos rápido demais e nem cheguei a comer o lanche que sobrou ou será que o Rafa comeu tudo? Esse Rafa é tão guloso!

Cleusa procurou pelos irmãos, mas não os viu. Provavelmente, haviam ido fazer algum passeio juntos, porque Clélia nunca saía sozinha.

E João, despedindo-se, agradeceu a Cleusa pela deliciosa companhia e, nesse instante, seus olhos se cruzaram e ambos sentiram que um novo sentimento, além da amizade, estava brotando em seus corações.

Bem mais tarde, os irmãos chegaram e Clóvis foi logo explicando que teve o aniversário de uma amiga para ir, mas não quis deixar a irmã sozinha em casa e, assim, preferiu levá-la também.

– Foi bom – disse Clóvis – porque Clélia pôde se socializar mais, e fazer novas e boas amizades. Ela tem uma vida muito retraída e só tem algumas amizades no centro espírita e com certas mocinhas da nossa vizinhança. Não é porque não enxerga que tem que ficar enclausurada, vocês não acham? Ela tem todo o direito de ser feliz. E, se depender de mim, será muito feliz, apesar do seu problema de visão.

– E ela se divertiu bastante? – perguntou Cleusa.

– Até dançar ela dançou. E mesmo sem nunca ter dançado na vida, você precisava ver, acompanhou o ritmo direitinho.

– Mas precisa ter cuidado com ela para não cair nas lábias de algum malandro!

– Sei disso, mas ali só tinha gente boa, pois os pais da minha amiga são gente fina e não iriam permitir.

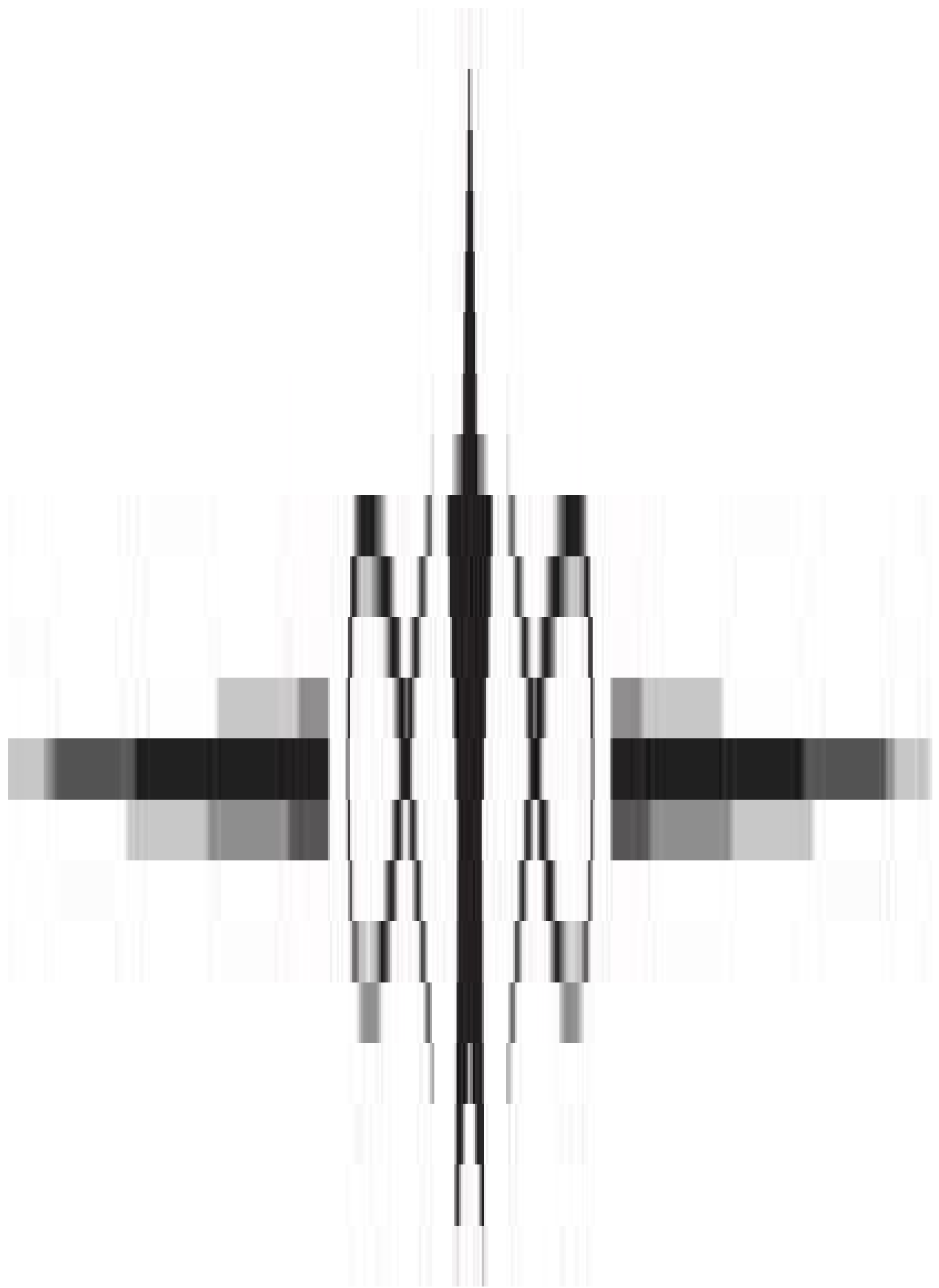
– Espero...

– Não mesmo! Pode ficar sossegada. Adoro a minha irmãzinha e jamais deixaria que algum malandro abusasse da ingenuidade dela. Além disso, você sabe que

com a mediunidade tão lúcida como ela tem, iria perceber qualquer má intenção de alguém, não acha?

– Pode ser, mas existem espíritos obsessores que sabem se disfarçar muito bem e poderiam enganá-la, não é mesmo?

## Capítulo 18



## Ataque das trevas

Após esse dia do

baile, Clélia passou a sonhar com uma vida diferente. Um sentimento novo brotava em seu coração. Estaria apaixonada? Só podia ser... Rodrigo, aquele tal rapaz que a tirou para dançar, não saía da sua cabeça, não pela aparência, que embora agradável, ela só percebia na própria imaginação e pelo timbre da voz.

Espíritos mal-intencionados sopravam-lhe na mente, induzindo-a a trilhar caminhos opostos aos que sempre seguiu. Com os pensamentos centrados no que acreditava ser amor por parte de Rodrigo, não conseguia se concentrar nos trabalhos mediúnicos do centro, onde colaborava com o dirigente da reunião, dando informações recebidas mediunicamente pela vidência de que era dotada. E, com isso, cada vez mais se deixava ludibriar, dando informações erradas, já que alguns espíritos, por indução mental, podem plasmar aparências que não têm.

Assim, cada vez mais, tais espíritos, que agora já formavam uma falange, tudo faziam para prejudicar o bom andamento da Casa dos Obreiros de Maria. Sem perceber que a causa estava sendo ela, continuava a dar informações erradas, desviando a casa dos bons propósitos de auxiliar aqueles que buscavam socorro para poderem se libertar da influência de tais espíritos, que nada de bom acrescentavam em sua vida.

Contudo, Clélia não percebia que estava sendo obsidiada por tais espíritos, cujo verdadeiro propósito era extinguir aquela casa que estava prejudicando os seus planos.

Um dia, porém, o próprio dirigente do grupo mediúnico começou a perceber que estava acontecendo algo com a menina Clélia, que em tudo só via amor, bondade, achando que tudo estava bem, quando na realidade era justamente o oposto.

Certo dia, ao final de uma reunião em que as coisas aconteciam de modo

suspeito, o dirigente do grupo chamou-a em particular para lhe mostrar um cartão que havia recebido de um amigo, em que havia uma representação de um espírito perverso induzindo certa pessoa a agir de modo contrário aos seus desejos de só fazer o bem.

Mas, conforme foi explicando à jovem o que estava desenhado no cartão, mais ela se irritava, por achar que, naquela questão, somente ela estava certa. Porém, com calma e doçura na voz, foi fazendo que ela aceitasse seus conselhos, pois acreditava que o mesmo devia estar acontecendo com ela.

– Clélia, eu a tenho como uma grande amiga, quase como uma filha a quem devo amor e proteção. É por isso que lhe estou dando este alerta: cuidado! Nossa casa tão amada deve estar incomodando alguma falange de maus espíritos, que aqui estão se infiltrando através de alguns médiuns com o intuito de derrubá-la. É por isso que você, principalmente, acredito, deve estar sendo vítima desses maus espíritos. Assim, aconselho-a a se afastar do trabalho por algum tempo, para fazer um tratamento espiritual de desobsessão.

– Está bem, farei sim! Se for para o bem desta casa, aceito o seu conselho e peço desculpas pela brecha que abri por motivos particulares. Vou passar na consulta e na próxima semana iniciarei o tratamento.

– Mas não se esqueça do Evangelho, pois é ele que nos indica os caminhos a seguir.

– Claro! Reconheço que falhei nessa parte.

Assim, com esforço e boa vontade, Clélia foi fechando os espaços abertos da sua mediunidade, que deram oportunidade às infiltrações negativas. Mesmo se lembrando em alguns momentos do jovem Rodrigo, não permitia que isso viesse interferir em seus dons mediúnicos que sempre levou tão a sério.

Também outros médiuns foram alertados, mas nem todos aceitaram com boa vontade os conselhos recebidos e, por falta de humildade, sentiram-se ofendidos e acabaram se distanciando dos trabalhos que realizavam ou até mesmo saindo daquela casa.

Afastadas as influências negativas, o Obreiros de Maria não só voltou à normalidade, como passou a melhorar ainda mais, com grande união entre todos os médiuns e demais trabalhadores. O exemplo do acontecido com Clélia serviu

de alerta a muitos médiuns que estavam se descuidando do “orai e vigiai” recomendado por Jesus.

A mediunidade é coisa séria, mas nem todo médium se conscientiza disso, procurando usá-la de maneira incorreta, visando os próprios interesses e se esquecendo da sua finalidade primordial, que é a caridade para com o próximo, seja ele, encarnado ou desencarnado.

Casos difíceis de obsessão iam sendo resolvidos, com encaminhamento desses espíritos mal-intencionados que, às vezes, voltavam redimidos, somente para agradecer pela ajuda recebida, dizendo, mesmo, que estavam se esforçando por melhorar e aprender, porque, em breve, iriam reencarnar.

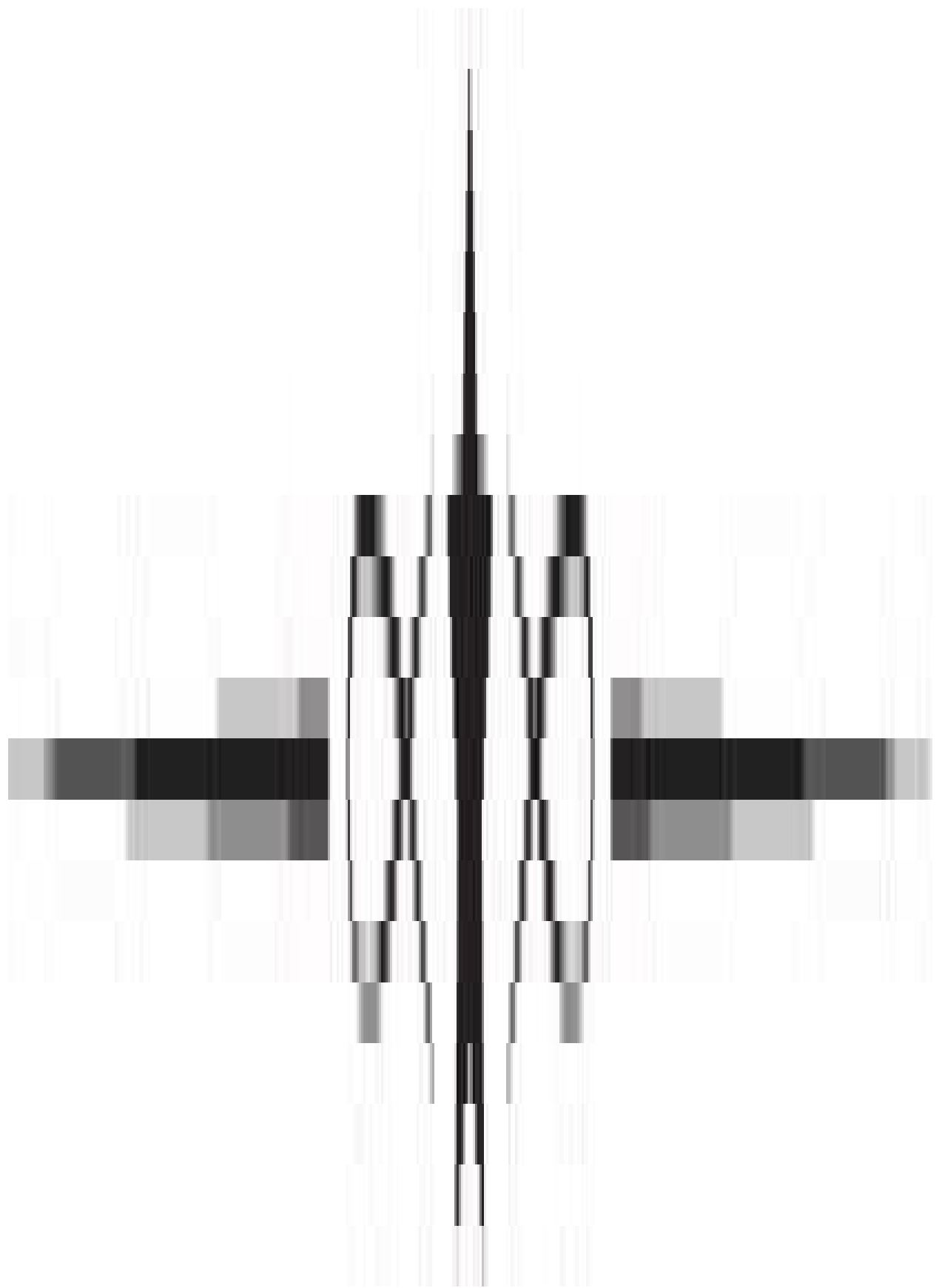
É preciso que nos lembremos sempre que médiuns são seres humanos como quaisquer outros, não são seres privilegiados e a mediunidade lhes foi dada como meio de aprendizado para evoluírem um pouco mais. Por isso, estão sujeitos a erros e outras imperfeições.

Mediunidade não é missão, é tarefa a ser cumprida com amor e boa vontade. Muitas vezes, médiuns que têm vários tipos de mediunidade desenvolvida ou a desenvolver, são grandes devedores que precisam se redimir por meio do trabalho. Médiuns missionários são raros, seriam somente aqueles que reencarnam com a finalidade de colaborar, efetivamente, com a evolução espiritual do planeta. Seria o caso do nosso querido Chico Xavier que, pela sua humildade, sempre negou ser um missionário.

E Clélia, embora já sonhasse em ter um grande amor em sua vida, como todas as mocinhas sonhadoras, aprendeu a não misturar as coisas. Tudo tem o seu momento certo. E o trabalho espiritual deve ser cumprido com respeito e seriedade, mas sempre com muito amor.

Entretanto, se Clélia teria ou não encontrado a quem dedicar o seu amor e poder ter um bom companheiro em sua vida, só o tempo diria.

## Capítulo 19



## **Estelinha conhece seu pai**

Ao retornar do passeio ao lago, Estelinha ficou a pensar sobre o tal pai que a mãe lhe contou.

– Então eu tenho um pai como todo mundo tem? Como será ele? Será que é bonzinho como o João? Não, não deve ser bonzinho, se nem mesmo quis saber de mim e sumiu! Por que, agora, está querendo me conhecer? Acho que não vou gostar dele.

Decidiu, então, falar com a mãe:

– Mamãe, eu estive pensando se eu quero ou não conhecer o meu pai. Você tem um retrato dele? Se eu achar feio, acho que não vou gostar. Mas, será que ele é bonzinho?

– Não, Estelinha, retrato eu não tenho. Você não prefere conhecê-lo pessoalmente?

– É que se eu não gostar do retrato, prefiro não conhecer.

– Mas é um direito que você tem. Quer conhecer assim mesmo?

– Acho que quero! E se eu não gostar dele? – continuou.

– Será seu pai, mesmo assim.

– Mas preciso gostar?

– Precisar não precisa, mas deveria.

– E se ele não gostar de mim?

– Por que não haveria de gostar? Você é tão linda!

– Tá bom! Não precisa falar mais nada. Eu vou gostar, mas não vou querer

morar com ele, isso eu sei! Mas, quando vou “conhecer ele”?

– Quem sabe amanhã à noite!

– Mas amanhã é dia do centro e da minha aula também.

– É por isso mesmo que tem que ser amanhã.

– Por que amanhã? Ele vai ao centro também? Então, vai ver que eu já “conheço ele.”

– Acho que já.

– Que jeito ele é?

Cleusa continuou explicando:

– Ele tem uma covinha no queixo, igualzinha à sua.

– Então eu já conheço mesmo! Que mais ele tem?

– Um cabelo muito parecido com o seu, só que mais curto.

– Ah! Já sei. Eu vi esse homem e ele até conversou comigo, mostrando a covinha que ele também tem.

– E o que você achou dele?

– Achei bonzinho, mas não vou querer morar com ele, não! Quero morar com você, ouviu?

– Está bem, então vai morar comigo, mesmo! Está resolvido!

Entretanto, naquele dia, Estelinha atrasou-se propositalmente para sair ao final da aula. Pretendia se encontrar sozinha com o tal pai. Mas ia pensando com seus botões, quando percebeu que ele se aproximava dela dizendo:

– Então é você a minha Estrelinha?

– Estrelinha, não, Estelinha!!! Assim que é certo. Estrelinha está no céu, não é mesmo?

– Sim, você tem razão! Mas você é a minha estrelinha e não vai mais morar no céu. Gostaria que fosse morar comigo. Eu sou muito sozinho. Não tenho ninguém morando comigo. Você não quer?

– Não, eu já moro com a mamãe.

– Mas a sua mãe tem mais gente morando com ela e eu sou sozinho – falou fingindo tristeza.

– Mas eu gosto de morar com a minha mãe.

– Está bem, eu entendo!...

Nisso, a menina viu a mãe se aproximando e correu ao seu encontro. E Estelinha foi logo dizendo:

– Eu vi o meu pai, mas não vou querer morar com ele, não. Não mesmo!

– Não se preocupe, filhinha, nunca vou deixar que ele tire você de mim.

Nisso, João vinha vindo e ao alcançá-las ouviu o restante da conversa e acrescentou:

– Ninguém vai tirar você de sua mãe. Eu não vou deixar, pode ficar tranquila, que isso não vai acontecer.

– Mas, me diga, Estelinha, já perdoou seu pai, porque não quis você quando soube que ia nascer?

– Perdoei, sim, mas não quero morar com ele. E você, mamãe, já perdoou?

– Um dia talvez eu consiga perdoar, mas por enquanto, não consigo. Não é fácil esquecer o que ele me fez.

– Guardar raiva deixa Jesus triste. Foi assim que a professora me ensinou.

– Quem sabe se um dia eu consigo perdoar! Então vamos mudar de assunto: Como foi a sua aula hoje?

– Desenhei eu e o meu pai, para mostrar para minhas amigas que eu, também, tenho pai!

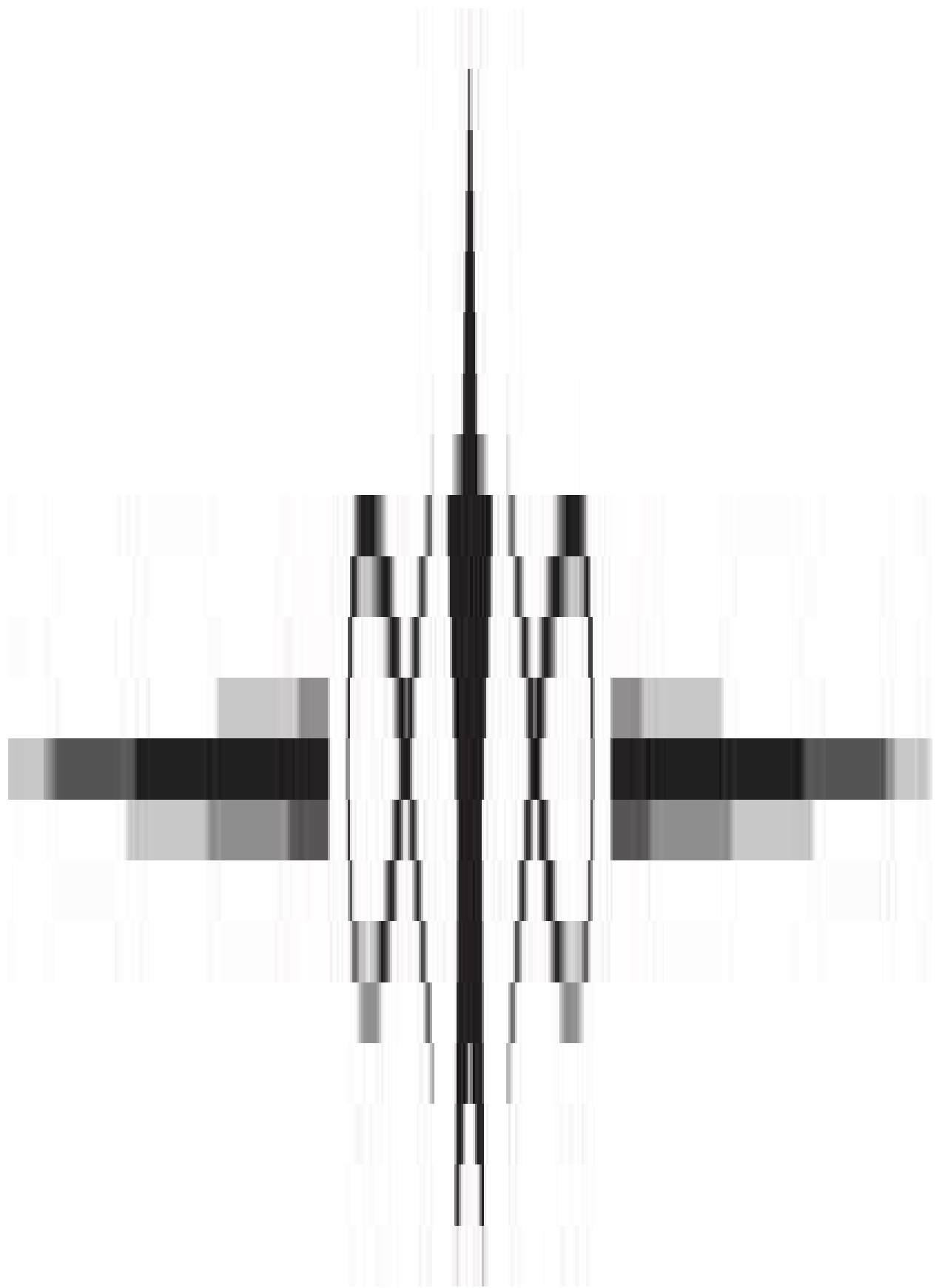
Emocionada com as palavras da filha, Cleusa voltou calada até chegar em sua casa. A seguir, preparou um chocolate quente e serviu a todos, antes de dormir. Depois, João se despediu, dirigindo-se para sua casa e Estelinha falou para a mãe:

– Se João fosse o meu pai, ia ficar para dormir com você. Que pena que não é!

– Não diga bobagem, minha filha! Vai dormir, porque amanhã tem de levantar cedo para fazer a lição da outra escola, que ainda não fez. Escove os dentes e..., já para cama, ouviu?

Dizendo isso, beijou-lhe a testa, desejando a ela uma boa noite!

## Capítulo 20



## O sequestro

Mais uma semana passou, sem que nada acontecesse de tão importante. Entretanto, num certo dia, ao terminar a aulinha da evangelização, Estelinha foi abordada por certa moça que se dizia mãe de uma coleguinha que havia faltado por estar adoentada, e convidou-a para ir até seu carro, porque a filha precisava muito falar com ela.

Estelinha olhou para trás, procurando a tia e, como não a viu, imaginou que ela ainda estivesse cumprindo sua tarefa ali no centro, e decidiu acompanhar a mulher para ver o que a coleguinha queria. Aproximando-se do carro, um rapaz que estava perto agarrou-a e, antes que a menina gritasse, pôs um lenço embebido em clorofórmio em seu nariz e, ao mesmo tempo, empurrou-a para dentro do carro, que saiu acelerado.

Algumas mães que ali estavam à espera de seus filhos viram o que aconteceu e, aflitas, correram para dentro do centro que, naquele momento, já havia encerrado a reunião, para avisar que uma criança havia sido sequestrada.

Foi um alvoroço geral, principalmente entre as mães que haviam trazido seus filhos para a aula de evangelização, pois ninguém sabia informar quem era a criança.

Quando Clélia ficou sabendo, preocupada, logo começou a perguntar se alguém havia visto Estelinha. E, como ninguém a encontrou, chegou à conclusão de que havia sido ela.

A polícia foi acionada. Clélia, acompanhada por João, teve que ir até à delegacia para prestar esclarecimentos. Perante o delegado, falaram do desejo do pai em ficar com a menina e das vezes que ele a abordou no centro. Assim, sem dúvida alguma, chegaram à conclusão de que havia sido Rafael. E o delegado, expediu uma ordem de prisão a ele.

Entretanto, chegando à residência do rapaz, o encontraram de pijama, dormindo tranquilamente. Assustado com as batidas insistentes na porta, o rapaz se

levantou para atender os que o procuravam, dizendo:

– O que está acontecendo? Por que vieram me procurar? Eu já estava dormindo... Morreu alguém?

– Não, ninguém morreu ainda, mas pode morrer, se não falar a verdade. Por que estaria dormindo tão cedo? Responda, seu malandro! – disse um policial.

– Eu estava com muita dor de cabeça, tomei um comprimido e fui me deitar. Não sei se foi por efeito do remédio, mas acabei adormecendo. Mas, afinal, quero saber: por que vieram me chamar?

– Sua filha foi sequestrada – disse um dos policiais.

– Como??? Sequestrada? Quem haveria de fazer uma barbaridade dessas? Não sou rico, muita gente sabe disso; se não é por dinheiro, qual seria o motivo? Por favor, descubram onde está a minha filhinha!

Impressionados com o desespero do rapaz, chegaram à conclusão de que ele de nada sabia, pois até se ofereceu para colaborar com a polícia na busca de Estelinha.

Durante mais de uma semana, apesar das buscas que prosseguiram, nada de encontrarem Estelinha, até que um dia Rafael, preocupado em saber notícias da filhinha, resolveu fazer uma visita ao local onde Estelinha se encontrava, pois temia que aqueles dois malandros que contratou estivessem maltratando a menina.

Para despistar, ao sair do hotel onde se hospedara dias antes, Rafael andou primeiramente alguns quarteirões, antes de entrar num carro previamente contratado. Mas não percebeu que alguém o estava espreitando sigilosamente. Era Clóvis que, imediatamente, entrou em contato com a polícia, que já estava alerta a qualquer chamado dele. Dois policiais disfarçados, dirigindo um carro comum, deram prosseguimento a uma estratégia previamente armada e, sem que Rafael percebesse, puseram-se a segui-lo.

Numa curva violenta, já bem próxima ao sítio onde Estelinha se encontrava, o carro onde estava Rafael derrapou e, por pouco não capotou. Os policiais disfarçados que vinham logo atrás, pararam para lhes perguntar se precisavam de alguma coisa.

O dono do carro que conduzia Rafael percebeu que houve uma avaria no carro e que estava vazando gasolina.

Disfarçando, um dos policiais pegou um isqueiro e ameaçou incendiar o carro. Mostrando as credenciais da polícia, perguntaram ao motorista:

– Para onde está indo?

Assustado, o motorista disse que foi contratado por Rafael para levá-lo a um sítio ali perto.

– Então entrem no nosso carro e nos leve até lá. Pode ir dirigindo. E Rafael fica no banco traseiro em companhia do meu companheiro. Qualquer movimento suspeito de qualquer um dos dois, passamos bala. Subam!

Mas o motorista não sabia bem o desvio para o sítio e, após quase dois quilômetros percorridos, foi Rafael quem disse:

– Vire ali e siga em frente. Logo avistaremos uma casa rústica que parece abandonada. É ali que eu vou, mas quero entrar sozinho. Depois vocês entram. Podem ficar sossegados, não vou fugir.

Preocupado com a segurança da filha e vendo-se perdido, achou por bem não mentir, afinal, ele não era uma pessoa tão má assim. Apenas queria rever a filhinha.

Quando o carro parou em frente à casa, Rafael já foi chamando pelas pessoas que a sequestraram a mando seu. Haviam lhe prometido não maltratá-la e lhe darem alguma notícia dela e não o fizeram.

Mas, por mais que chamassem, ninguém respondia. Entrou, procurou por todos os cantos e... nada! Não havia ninguém. Achando que foram enganados, os policiais ameaçaram matá-lo, mas ele chorava desesperadamente, pois descobriu que fora ludibriado por aqueles safados que, certamente, iriam extorquir dele algum dinheiro. Assim, mesmo sabendo que deveria ser preso por haver planejado o sequestro da própria filha, prontificou-se a colaborar com a polícia para descobrir o paradeiro de Estelinha.

Por mais que procurassem informações, em propriedades rurais próximas àquele sítio, nada conseguiram saber. O jeito era retornar e aguardar contato com

aqueles malandros.

Na volta, o carro do motorista que conduziu Rafael foi rebocado até a cidade e Júlio, o motorista, foi levado à delegacia para prestar esclarecimentos, mas ficou provado que ele apenas foi contratado por Rafael para ajudá-lo a encontrar a filha que havia sido sequestrada. Não tinha nenhum envolvimento com o sequestro.

Uma semana passou e nenhum contato com aqueles dois que fugiram com a menina.

Na casa de Cleusa o desespero era geral. Cleusa não parava de chorar, apesar de João procurar consolá-la, dando-lhe esperança de que nada de mal iria acontecer com Estelinha, que já estava aprendendo a amar como sua própria filha.

Dias depois, o telefone de Rafael tocou, mas estava conectado com a polícia. Rafael foi atender e do outro lado uma voz feminina começou a dizer com doçura:

– É você, meu querido? Já está com saudade da sua menina? Pode ficar sossegado, ela está sendo bem cuidada por mim.

– Onde ela está? Preciso vê-la, diga onde está, que hoje mesmo irei buscá-la.

– Calma, Rafael, primeiro precisamos conversar. Vai preparando uma grana bem gorda, caso contrário, nunca mais irá vê-la. Já tenho até um pedido de alguém para vendê-la a um casal de estrangeiros sem filhos.

E Rafael foi puxando conversa para ganhar tempo, enquanto a polícia investigava de onde partia aquela ligação. Assim Rafael foi perguntando:

– Quanto? Um milhão? Um milhão e meio? Quando me devolvem a criança? E Teco, o seu comparsa, está aí?

– Está aqui comigo ouvindo tudo e manda dizer que um milhão e meio é pouco. Pode dobrar, se quiser ter sua filha de volta. E tem que ser em dólares.

– Vocês estão loucos! Mas primeiro eu quero saber se ela está bem.

– Ela é muito chorona. Já ‘mandei ela’ calar a boca, senão vai ficar sem comer. E

olha que ela já está muito magrinha e, sem comida, não vai aguentar.

– Seus miseráveis!!! Vocês vão me pagar se encostarem um dedo na menina! Eu mato vocês dois, podem estar certos disso.

Enquanto permaneciam falando ao telefone, a polícia conseguiu descobrir que a ligação partia de um bairro distante, do outro lado da cidade e, partindo a toda velocidade, localizaram a casa onde deveriam estar. Ao atingirem o tal bairro, desligaram a sirene do carro para não espantar os bandidos e, um grupo de cinco soldados chegou em frente à casa, todos de arma em punho, arrombaram a porta e pegaram os bandidos ainda falando ao telefone, dando-lhes ordem de prisão. E, em um dos quartos, encontraram a menina amarrada à cama, adormecida, provavelmente por alguma droga que a fizeram tomar.

De algemas nos punhos, os dois pilantras foram conduzidos à delegacia e Estelinha foi entregue a Rafael que, ao ver a filha nos braços de um policial, desesperou-se, julgando que estivesse morta.

Ao perceber que vivia, acompanhado pelos policiais procurou socorro médico para ela, levando-a para um hospital, onde lhe fizeram uma lavagem estomacal. Só quando ela despertou, embora ainda muito abatida, foi que a levaram de volta para a mãe, que chorava desesperadamente.

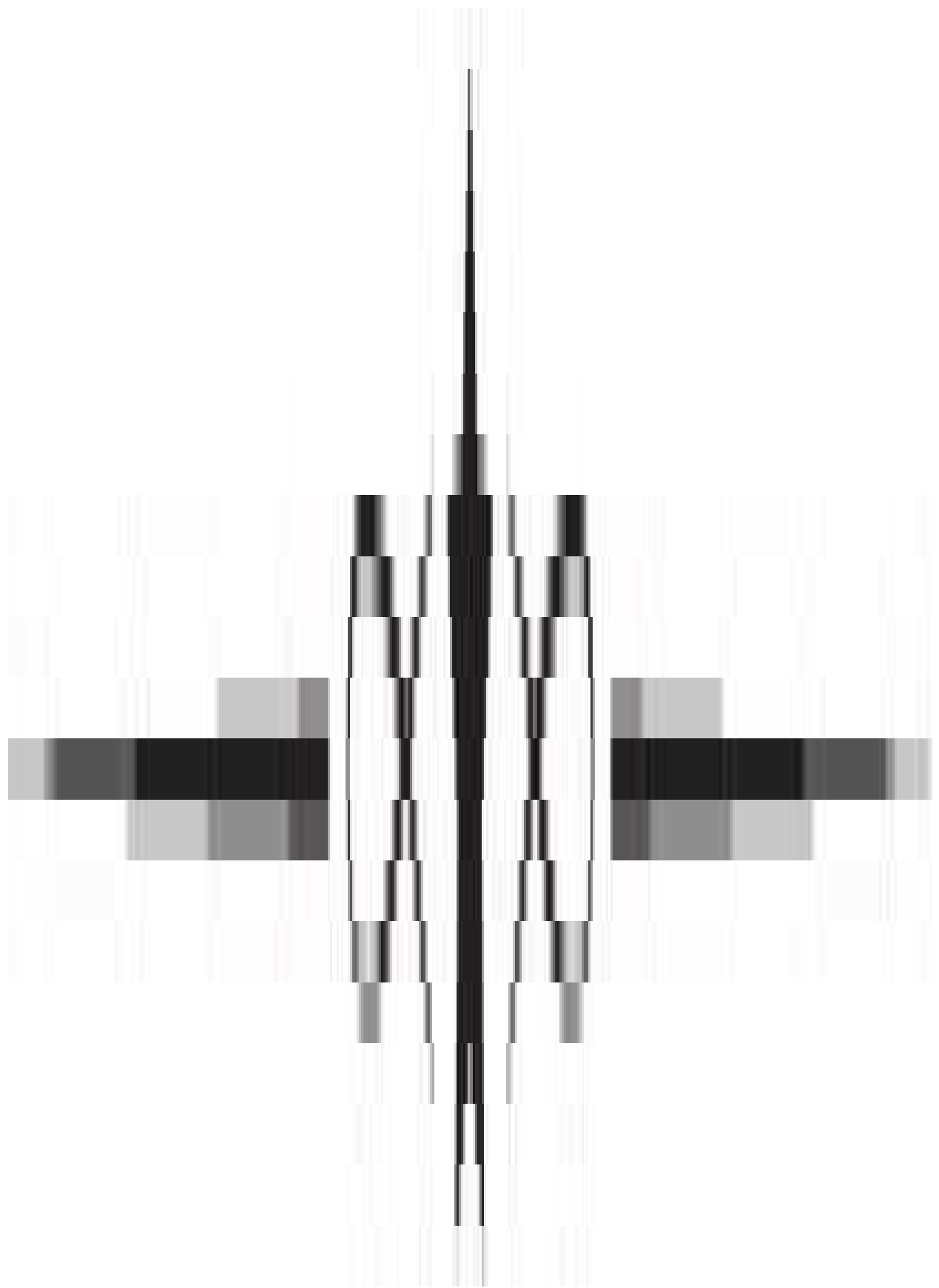
Envergonhado pelo mal que fez à própria filha, se desculpou e estendendo os braços para ser algemado, se entregou à polícia. Nesse instante, como se despertasse de um pesadelo, Cleusa se pôs a gritar horrores para Rafael:

– Monstro, você é um monstro! O que fez com a minha filha? E depois diz que pretende ser o pai que nunca foi. Não a aceitou quando nasceu, será que vai querer aceitá-la morta? Desapareça da minha frente! Suma daqui! Suma da minha vida!!! Te odeio!!!

De cabeça baixa, Rafael, foi conduzido até a delegacia e colocado numa cela, juntamente com os dois marginais.

– Agora fiquem aí de bico calado e sem agressões físicas, aguardando o delegado chamar – disse o policial.

## Capítulo 21



## O perdão

Mesmo permanecendo em casa,

graças às vibrações recebidas a distância dos trabalhadores e amigos de Os Obreiros de Maria, que se solidarizaram com o sofrimento daquela família, em breve tempo, Estelinha conseguiu se restabelecer do trauma sofrido.

Para uma terna criança como era Estelinha, ver tanta maldade por parte de estranhos para consigo foi muito doloroso e difícil de enfrentar. Mas a menina era um espírito iluminado que reencarnou para cumprir a missão de levar luz àquele lar, de unir corações separados por um ódio acumulado e trazido de outras encarnações.

Ciente da prisão de Rafael, que foi condenado a três anos de prisão, Cleusa se regozijava com isso. Se já o desprezava e guardava rancor pelo que aconteceu no passado, passou a odiá-lo com todas as fibras do seu coração. Entretanto, Estelinha, que passara por tal sofrimento, sempre dizia à mãe que precisava perdoar seu pai.

– Mamãe, perdoa, ele fez isso porque gosta de mim e queria que eu fosse morar com ele. Mas nem me relou a mão, só queria que eu gostasse dele também. Eu já perdoei, por isso tenho a minha alma em paz. Pode ficar sossegada, que nunca vou abandonar você. Aqueles dois que me prenderam, esses sim, eram muito malvados, mas, mesmo assim, fiquei com pena deles. Vai ver que não tiveram mãe igual a você, nem uma avó como a vó Zefa que nos ensinou tanta coisa boa! Vai ver que nem em Deus eles acreditam e não seguem os ensinamentos de Jesus. Lá no centro já aprendi que devemos amar até mesmo os nossos inimigos e Jesus também disse que devemos perdoar até setenta vezes sete vezes. Então, mamãe, perdoa, perdoa... Deixe o seu coração ficar em paz.

Ao ouvir aquelas palavras da filha, que devia ter sofrido tanto nas mãos daqueles bandidos, lágrimas abundantes escorriam dos seus olhos, por perceber que Estelinha era um espírito muito mais evoluído que ela mesma.

Nisso, João, que já tinha liberdade suficiente para entrar livremente naquela casa, apareceu de repente e conseguiu ouvir as últimas palavras proferidas por aquela criança, que passou a amar como se fosse sua própria filha.

Entrando, já foi dizendo:

– Muito bem, Estelinha! É isso mesmo que devemos fazer, se quisermos nos aproximar da grandiosidade de Jesus.

Dizendo isso, ergueu-a do chão e a abraçou com grande emoção. E, naquele mesmo momento, lhe perguntou:

– Estelinha, você quer ser minha filha?

Ao que ela respondeu:

– Quero sim, então seja o meu pai e se case com a mamãe.

Cleusa, que já estava lacrimosa, chorou de vez... e ali mesmo respondeu sim ao pedido de casamento feito por João.

Entretanto, não puderam perceber que Zefa e Pedrão, espiritualmente estavam presentes, abençoando aquela união prometida. E foi então que Pedrão disse à Zefa:

– Acho que muito em breve terei de voltar à carne.

E Zefa compreendeu que ele seria um fruto daquela união.

Estelinha não cabia em si de contente. Já amava muito a João e sonhava em tê-lo como seu pai.

– Mas e o outro pai? Como ficará a situação? Aceitará ou irá aprontar alguma coisa? – foi isso o que Zefa pensou e comentou com Pedrão.

Assim, ambos se dirigiram à cadeia onde Rafael estava preso, procurando captar o pensamento do rapaz. E lá perceberam que dois obsessores estavam assediando Rafael, com ideias de vingança.

– Vamos orar – disse Zefa.

Com pensamentos elevados, puseram-se a fazer uma prece que atraiu a atenção de alguns bons espíritos que, imediatamente, se aproximaram. E os obsessores, vendo aquela luz que os cegava, se retiraram. Zefa e Pedrão aproveitaram para incutir bons pensamentos em Rafael, para desviar-lhe a atenção dos pensamentos de vingança, aconselhando-o a mudar a forma de pensar e que pudesse compreender que a culpa do que estava passando era dele mesmo e que, se mudasse o modo de agir, poderia conquistar o amor da filhinha, desde que deixasse Estelinha decidir pela própria vida de ora em diante.

Após a saída de Zefa e Pedrão, Rafael começou a sentir sonolência, e muita vontade de dormir. Deitou naquele leito duro e logo se despreendeu, sendo levado por seu guia espiritual que fez que se recordasse de algumas situações vividas no passado, em que fora traído pela esposa que se enamorou de seu irmão. Por causa do ódio que passou a carregar na alma, acabou assassinando a ambos. Naquele momento, porém, compreendeu que a esposa que matou, hoje é Cleusa, e que seu irmão é João, cujo destino foi interrompido, mas que haveriam de ter outra oportunidade de se unir, pois o amor entre eles, mesmo entre erros e acertos, vem de muitas outras encarnações.

Nisso, Rafael despertou, mas, lembrando vagamente do sonho, compreendeu que não deveria interferir se, um dia, eles viessem a se unir.

E Estelinha? – pensou Rafael. Em que entra nessa história?

Estelinha foi a criança que deixou órfã, quando lhe matou os pais. Isso lhe foi sugerido mentalmente, para que pudesse compreender que não deveria tomá-la para si, embora tendo a esperança de que ela viesse a amá-lo um dia.

Assim, com auxílio do seu guia espiritual que permaneceu ao seu lado por toda aquela noite, Rafael passou a meditar nas melhores atitudes a serem tomadas, a fim de encontrar um pouco mais de paz em sua vida. Compreendeu que já não era mais tão jovem e que precisava assumir outras responsabilidades para se tornar uma pessoa de bem e não sofrer tanto com o assédio de espíritos obsessores que haviam transformado a sua vida num verdadeiro inferno e que pudesse encontrar alguém a quem, realmente, conseguisse amar e construir uma família que o amasse também.

E assim, com essa decisão tomada, enfrentou com resignação o tempo que restava para ter sua liberdade restituída.

Pelo bom comportamento, acabou tendo a sua pena diminuída, até que um dia recebeu a notícia de que seria solto.

Feliz, levando os seus pertences, e não tendo amigos para acolhê-lo, Rafael não sabia para onde ir. Entretanto, ao atravessar o portão, surpreso, se deparou com João e Estelinha, já bem crescida, a esperá-lo.

– Bem-vindo à liberdade! – disse João.

Emocionado pela recepção, nem sabia o que dizer. Mas, olhando para a menina, compreendeu que ela o havia perdoado.

João, sabendo que Rafael não tinha morada definitiva, pois seus pais já haviam desencarnado, disse a ele que, se quisesse, poderia levá-lo, provisoriamente, a um albergue patrocinado pelo centro espírita, a Casa dos Obreiros de Maria, até ele encontrar uma moradia definitiva.

Rafael nem sabia como agradecer, porque estava sem dinheiro, pois até o emprego que tinha na cidade próxima acabou perdendo com a sua prisão.

Assim, convidando Rafael para entrar no carro, João o conduziu ao albergue. E ali ele encontrou algumas pessoas que conheceu no centro, que o receberam com simpatia, apesar de saberem da sua prisão pelo sequestro da própria filha.

Rafael aproximou-se mais de Estelinha dizendo:

– Filhinha, você poderia ter sido uma estrela em minha vida, mas eu não soube aproveitar. Não a aceitei quando ia nascer e quase fiz apagar a sua luz. Hoje me arrependo por tudo de errado que fiz. Você me perdoa?

– É claro que sim, papai! Já faz tempo que o perdoei. É por isso que estou aqui para lhe dizer que vou continuar a morar com a mamãe, mas eu irei visitá-lo de vez em quando. Está bem assim?

– Claro que está! Foi bobagem o que eu fiz em querer forçá-la a morar comigo. Você já tem a sua família e ama muito sua mãe. Eu sei disso, pode ficar tranquila, nunca mais vai acontecer o que considero como um erro de minha parte.

– Que bom! Só que agora eu vou ter dois pais.

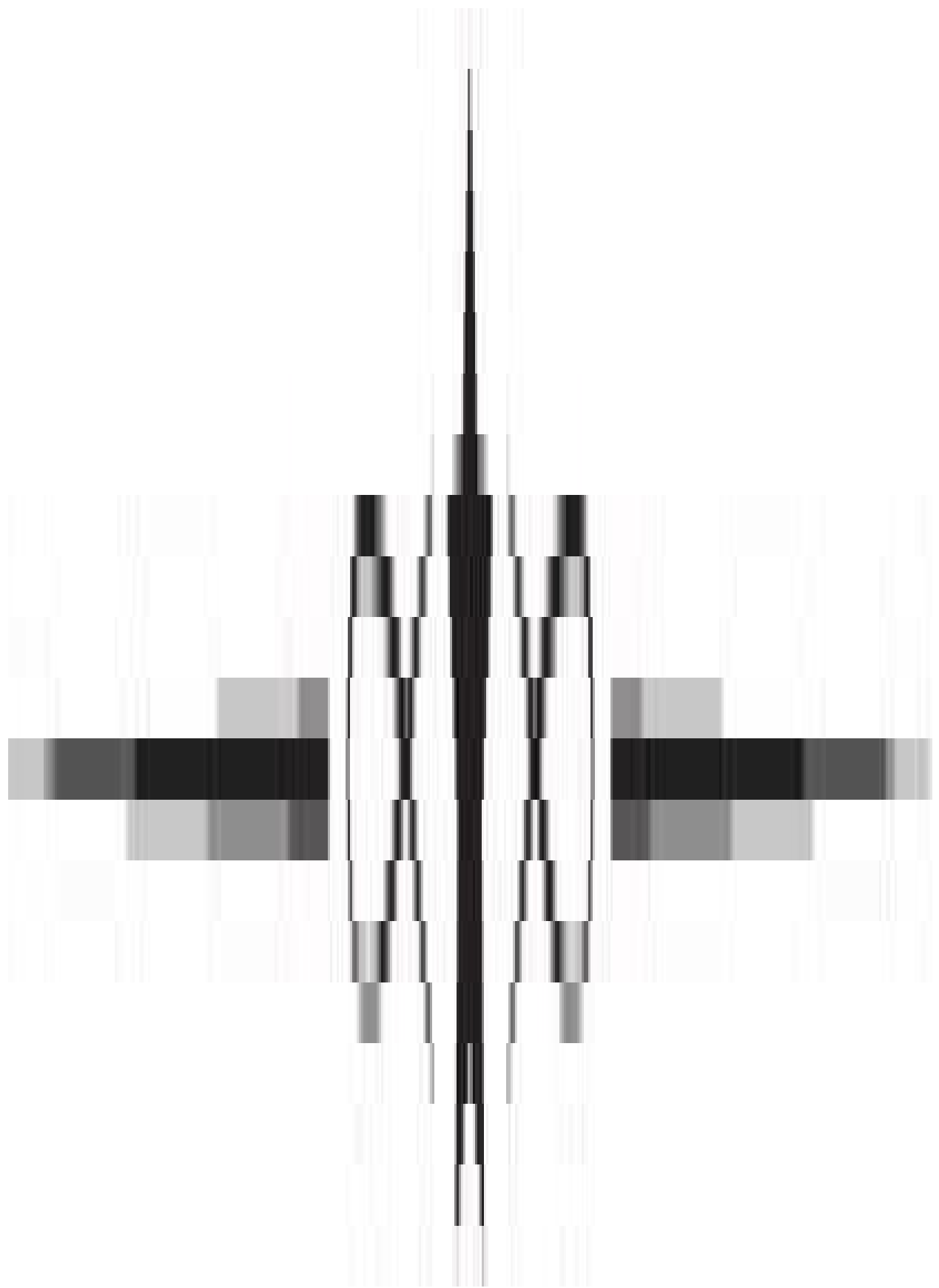
– Como assim?

– Você e o João – dizendo isso, abraçou João com muito carinho.

E este revelou a Rafael que se casou com Cleusa há um ano e que estavam muito felizes, principalmente pelo fato de sua esposa estar esperando um filho, que deveria nascer dentro de três meses e que, dessa vez, seria um menino e receberia o nome de João Pedro, em homenagem ao Pedrão, pai de Cleusa. E esperava que fosse forte como ele.

Emocionado, Rafael não conseguiu conter as lágrimas.

## Capítulo 22



## A surpresa

Três meses depois, já sentindo as dores do parto, Cleusa foi levada para a maternidade.

Com a assistência do médico, veio à luz um menino robusto, moreno como a mãe e com os traços bem parecidos com os de João.

Contudo, o médico percebeu algo estranho e ficou preocupado porque Cleusa continuava a sentir dores. De repente, mais uma cabecinha começou a despontar, ao que o médico anunciou:

– São gêmeos! Vem vindo mais um bebê, mas é menorzinho. É uma menina!!! Que linda! Branquinha como o pai, mas é a carinha da mãe.

O médico que fez o parto estava substituindo um colega que acompanhou a gravidez de Cleusa, mas que precisou fazer uma viagem de emergência. Certamente, Cleusa não havia realizado os últimos exames de ultrassom, que teriam revelado a existência de mais um bebê.

Ao anunciar aos familiares a chegada dos bebês, todos ficaram surpresos, pois esperavam apenas o João Pedro.

João, porém, já sentindo intuitivamente que poderia ser a sua filhinha reencarnada que retornava aos seus braços, deu-lhe o mesmo nome que recebera anteriormente: Laura, a sua Laurinha que havia desencarnado naquele trágico incêndio por causa do seu descuido.

Por ser mais miudinha, a menina precisou ficar na incubadora por alguns dias. Enquanto isso, a família e os amigos providenciaram o necessário para complementar o seu enxoval.

João Pedro e a mãe já podiam ter alta, mas como a Laurinha precisava permanecer no hospital, até ganhar um pouco de peso, Cleusa se recusou a sair, até poder levar, também, a sua filhinha para casa.

Estelinha não cabia em si de contente pela chegada dos irmãozinhos e desejava se tornar, também, uma estrelinha na vida deles, pelo amor profundo que lhes dedicaria.

Como irmã mais velha, se propôs a auxiliar sua mãe a educá-los, para que jamais se desviassem da prática do bem. Haveria de ampará-los em suas jornadas evolutivas e os ensinaria a perdoar quaisquer ofensas recebidas, como Jesus ensinou. Dedicaria sua vida a iluminar-lhes os caminhos, ensinando-os a amar o próximo como a si mesmos.

Quando, finalmente, Cleusa pôde regressar ao seu lar com os dois filhinhos, um em cada braço, a alegria foi geral. Ao chegar, sentiu-se emocionada com a recepção que teve. Os amigos mais chegados e grande parte dos trabalhadores de Os Obreiros de Maria os esperavam na calçada para recebê-la e aos seus filhinhos e, também, cumprimentar João.

Clóvis, totalmente regenerado e conscientizado de sua nobre missão, ali estava acompanhado de uma namorada que conheceu no centro, e já pensava, em breve, em constituir sua própria família.

Até mesmo Rafael se encontrava em meio a todas aquelas pessoas. Intimamente, sentia remorso por todos os erros cometidos.

Clélia, pela sua mediunidade, reconheceu a sua presença quando ele dela se aproximou para dizer-lhe, baixinho, algo que a emocionou e que lhe fez renascer a esperança de, um dia, também ser mãe. Quem sabe? Era preciso dar tempo ao tempo...

Também Zefa ali estava, em espírito, para ver os netinhos recém-nascidos e compartilhar daquele sentimento de alegria com seus filhos e amigos tão queridos! Estava só, porque Pedrão ali se encontrava reencarnado, sem que ninguém suspeitasse disso. Em prece, agradecia a Deus, pedindo por ele as melhores oportunidades nessa nova encarnação e, por toda sua família, rogava muitas bênçãos do Alto.

De repente, Zefa sente uma vibração que não lhe pareceu estranha. Olha para trás e percebe a presença de sua filha Clotilde, que obteve permissão para ver seu pai reencarnado. Com lágrimas de emoção e saudade, ambas se abraçam.

Enquanto isso, na espiritualidade maior, anjos do Senhor cantavam louvores pela

oportunidade que esses irmãos estavam sabendo aproveitar para a própria redenção perante a Justiça Divina.

**Fim**